

MARCELO RODRIGUES DE MELO PALMEIRA

*Quando é dia de futebol:*

**Os dribles poéticos de Carlos Drummond de Andrade**

Belo Horizonte  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Letras / Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários  
2015

MARCELO RODRIGUES DE MELO PALMEIRA

*Quando é dia de futebol:*

## **Os dribles poéticos de Carlos Drummond de Andrade**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de Concentração: Literatura Brasileira.

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Marcelino Rodrigues da Silva.

Coorientador: Dr. Gustavo Cerqueira Guimarães.

Belo Horizonte  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Letras / Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários  
2015

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho, em primeiro lugar, a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para sua realização, incluindo familiares, amigos e profissionais da área, pois sem essas pessoas dificilmente esta pesquisa teria sido desenvolvida e concluída.

Em segundo lugar, dedico a todos aqueles que se interessam pelo tema futebol e literatura, pois a estes o trabalho pretende ser de alguma valia para leitura.

E dedico este trabalho, ainda, a todos aqueles que, de alguma forma, sonham e lutam por um país e um mundo melhor, livre das injustiças e da opressão que permeiam a vida de todos nós no dia a dia.

## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus, por ter me concedido o gosto pela escrita e a inteligência para absorver os conhecimentos que tenho até aqui.

Agradeço também à minha mãe, por ter me dado, além de todo o apoio maternal, condições para estudar e chegar até aqui.

Ao meu pai, que sempre me apoiou e me deu forças para continuar esta empreitada.

Ao meu irmão Leonardo, pela presença e pelo companheirismo de sempre, me ajudando inclusive com ideias sobre o texto.

A toda a minha família, que me ajudou com a presença e as boas lembranças do convívio, principalmente durante os belos almoços que fizemos em todas as casas onde estive.

Aos meus amigos de infância, Ronan e Leandro, pelas boas lembranças da infância e da adolescência. Lembro-me principalmente dos jogos de bola que fazíamos nas ruas do nosso bairro e dos jogos do Atlético Mineiro a que fomos juntos. Ainda iremos a vários outros. Um lembrete especial é em relação à prima do Ronan, Liliane, que abriu sua casa e me emprestou o laptop, para que eu pudesse enviar parte do trabalho para o meu orientador, em pleno domingo de manhã, no dia 16 de agosto de 2015.

Ao programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG, pela aceitação e manutenção da pesquisa até o seu resultado final. Em especial às professoras Graciela Inés Ravetti de Gómez e Myriam Corrêa de Araújo Ávila, que, como coordenadoras do Programa, em momentos distintos, prestaram seu apoio diante das dificuldades geradas pelo processo de mudança de tema e orientador.

Ao meu coorientador, Gustavo Cerqueira Guimarães, que me ajudou tanto na pesquisa bibliográfica sobre o tema da pesquisa quanto nas discussões sobre o projeto e a dissertação.

Ao meu orientador, Marcelino Rodrigues da Silva, que teve muita paciência em receber um aluno que gostava muito de futebol, mas que sabia muito pouco a respeito dos estudos sobre o tema e suas relações com a literatura. Com isso, o tempo da leitura e o tempo da escrita se tornaram, de certa forma, inimigos para nós. Mas, com muita tranquilidade e sobriedade, soubemos ultrapassar esses obstáculos. Além disso,

agradeço-o pela paciência em reler os meus rascunhos várias vezes e pela qualidade da sua intervenção na produção do texto.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pelo financiamento, por meio de uma bolsa de estudos, fundamental para a realização da pesquisa.

Agradeço, ainda, a todos que de alguma forma contribuíram para que este trabalho fosse realizado.

## Resumo

Esta dissertação analisa as crônicas, poemas e cartas presentes na obra *Quando é dia de futebol*, de Carlos Drummond de Andrade, com o objetivo de demonstrar que esses textos apresentam, ao comentar sobre o futebol, uma fusão entre um estilo drummondiano de escrever e uma forma particular de ver o esporte e suas relações com a sociedade brasileira. Para isso, baseia-se nos conceitos de “futebol de prosa” e “futebol de poesia”, de Pier Paolo Pasolini, e identifica, no recurso da ironia, o procedimento mais importante utilizado por Drummond para falar do esporte e, ao mesmo tempo, criticar o contexto político-social do Brasil no período em que os textos foram escritos, entre as Copas do Mundo de 1954 e 1982.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade, Poesia, Crônica, Literatura Brasileira, Futebol, Política.

## Abstract

This dissertation analyzes the chronicles, poems and letters presents on the work *Quando é dia de futebol*, by Carlos Drummond de Andrade, with the objective to demonstrate that these texts show, when commenting about football, a fusion between a drummondiano's style of writing and a particular way of seeing the sport and its relationship with Brazilian society. For it is, based on the concepts of "prose football" and "poetry football" by Pier Paolo Pasolini, and identifies, in the irony recourse, the most important proceedings used by Drummond to talk about the sport and, at the same time, to criticize the political and social context of Brazil in the period in which the texts were written, between the World Cups of 1954 and 1982.

Key-words: Carlos Drummond de Andrade, Poetry, Chronicle, Brazilian Literature, Football, Politics.

# Sumário

<b>Introdução</b> .....	9
<b>Capítulo 1 - Futebol e arte no Brasil</b> .....	13
1.1 – A história e os significados do futebol na cultura brasileira.....	13
1.2 – A relação entre o futebol e a literatura no Brasil.....	26
<b>Capítulo 2 - Futebol, linguagem e literatura em Drummond</b> .....	37
2.1 – O futebol como linguagem.....	37
2.2 – Futebol de prosa e futebol de poesia.....	41
2.3 – A prosa do futebol em Drummond.....	52
2.4 – A poesia do futebol em Drummond.....	59
<b>Capítulo 3 - Futebol e política em Drummond</b> .....	67
3.1 – Futebol e política no Brasil.....	67
3.2 – Drummond e a política.....	79
3.3 – Jogo político e jogo de bola em Drummond.....	85
3.4 – O drible da ironia.....	91
<b>Considerações finais</b> .....	96
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	99

## Introdução

A necessidade brasileira de esquecer os problemas agudos do país difíceis de encarar, ou pelo menos de suavizá-los com uma cota de despreocupação e alegria, fez com que o futebol se tornasse a felicidade do povo. Pobres e ricos param de pensar para se encantar com ele.<sup>1</sup>

Carlos Drummond de Andrade

O futebol é uma paixão nacional, e disso todos nós sabemos. Que o “povo brasileiro” se emociona, vibra e xinga ao torcer pelo seu clube ou pela sua seleção também não é nenhuma novidade. Entretanto, no presente trabalho, apesar do conhecimento da relação apaixonante entre esse esporte e o povo brasileiro, irei abordar essa relação com o foco em um torcedor em especial, que sabia escrever e vibrar de um jeito muito particular. Tanto é assim que foi lançada uma obra somente com seus escritos abordando o tema, com uma maestria singular, pois comentava o assunto por meio de crônicas e poesias, proporcionando um caráter ao mesmo tempo lúdico e crítico a essa prática esportiva. Esse torcedor é nada mais, nada menos, que um dos maiores escritores da literatura brasileira, Carlos Drummond de Andrade. Torcedor ilustre do Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, e da Seleção Brasileira, comentava com um ar irônico os acontecimentos que envolviam o esporte. Para demonstrar essa paixão pelo Vasco, tem-se um trecho do poema “A semana foi assim”, publicado no *Jornal do Brasil* no dia 18 de outubro de 1969:

E viva, viva o Vasco: o sofrimento  
há de fugir, se o ataque lavra um tento.  
Time, torcida, em coro, neste instante,

Vamos gritar: Casaca! ao Almirante.  
E deixemos de briga, minha gente.  
O pé tome a palavra: bola em frente.<sup>2</sup>

Assim, o *corpus* do presente trabalho é o livro *Quando é dia de futebol*, um conjunto de 65 crônicas e 17 poemas publicados nos jornais *Minas Gerais*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*, que abordam o universo futebolístico. O livro está dividido em 14 capítulos intitulados: 1. “Quando é dia de futebol”; 2. “A grande ilusão – Suíça

---

<sup>1</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 263-264.

<sup>2</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 59.

54”; 3. “O Divino Caneco – Suécia 58”; 4. “Na raça ou na graça – Chile 62”; 5. “Taça de amarguras – Inglaterra 66”; 6. “Vencer com honra e graça – México 70”; 7. “Esperanças picadas – Alemanha 74”; 8. “Que importa o não-ter-sido? – Argentina 78”; 9. “A hora dura do esporte – Espanha 82”; 10. “Sem revolta e sem pranto – México 86”; 11. “Pelé, o mágico”; 12. “Garrincha, o encantador”; 13. “Um punhado de notícias”; 14. “Esse outro gol do Brasil”; além dos posfácios de Edmílson Caminha, na 1ª edição, e Juca Kfourri, na 2ª edição. No livro, a maioria dos textos aborda o período das Copas do Mundo, entre 1954 e 1982, sendo que aparece uma homenagem aos dois maiores jogadores da história do futebol brasileiro, de acordo com Drummond e com grande parte da população brasileira, que são Pelé e Garrincha. Além disso, são apresentadas 21 cartas escritas à sua filha Maria Julieta e aos netos Carlos Manuel e Luis Mauricio, no período de 1950 até 1986. A obra em questão foi organizada pelos netos do autor, Luis Mauricio Graña Drummond e Pedro Augusto Graña Drummond, e publicada em 2002, sendo uma obra póstuma, visto que o autor faleceu em 1987.

O interesse em estudar este assunto se deve, em primeiro lugar, à relevância do próprio esporte, considerado uma parte importante da identidade e do imaginário dos brasileiros, e dos discursos suscitados por ele nos mais diversos âmbitos de nossa vida cultural. Introduzido no país, no final do século XIX, como uma prática elitista e sofisticada, o futebol se popularizou e se tornou uma expressão amplamente reconhecida da identidade cultural brasileira, embora por muito tempo tenha sido visto de forma preconceituosa por boa parte dos artistas e intelectuais do país. A despeito desse preconceito, existe hoje um amplo consenso sobre a sua importância histórica e cultural no Brasil. Um consenso que decorre do reconhecimento de que através dele se manifestam questões de grande relevância para a vida social brasileira, tais como os conflitos raciais, as relações entre o povo e as elites, o processo de modernização da sociedade, a constituição do sentimento de nação e as relações do país com as matrizes culturais europeias. Exemplar, nesse sentido, é o ensaio “Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social”, de Roberto DaMatta, em que se diz que o futebol, no Brasil, é “um modo específico – entre outros – pelo qual a nossa sociedade fala, apresenta-se, revela-se, exhibe-se, deixando-se descobrir”.<sup>3</sup>

Em segundo lugar, e tratando mais precisamente do livro de Drummond, o interesse desta dissertação vem do fato de que um dos maiores escritores brasileiros

---

<sup>3</sup> DAMATTA. *Explorações*, p. 105.

sempre publicou textos, sejam poesias ou crônicas, articulados ao tema. Porém, seus textos somente se deram a ler em conjunto quando reunidos pelos seus netos em *Quando é dia de futebol*, favorecendo a realização de estudos como o que é proposto aqui. Nesse sentido, aliam-se, neste trabalho, dois elementos importantes da cultura brasileira: o futebol e a literatura, especificamente o universo futebolístico em Carlos Drummond de Andrade.

O objetivo desta dissertação, portanto, é analisar os textos de Carlos Drummond de Andrade reunidos no livro *Quando é dia de futebol*, destacando as relações entre esporte, linguagem e literatura, bem como as ligações entre o esporte e o contexto histórico brasileiro, a fim de estabelecer conexões entre as ideias estéticas e políticas articuladas pelo autor a partir do futebol. Além disso, outros objetivos podem ser traçados, tais como: a relação do futebol com a linguagem, refletindo sobre sua dimensão estética; e as relações entre os conceitos de “futebol de poesia” e “futebol de prosa” respectivamente com os poemas e as crônicas presentes na obra. É importante também tratar do contexto histórico, analisando as críticas e ironias de Drummond quanto ao uso do futebol pelos detentores do poder político, explicitando sua posição a respeito da manipulação dessa paixão popular com a finalidade de desviar a atenção pública dos problemas sociais. Observa-se que sua visão a respeito desse esporte, que ainda consegue movimentar multidões em prol de uma grande emoção, é diferenciada do senso comum.

Para cumprir o objetivo desta dissertação, dividi o trabalho em três capítulos, para que fiquem mais claras as ideias e as análises a respeito do assunto. No primeiro capítulo, intitulado “Futebol e arte no Brasil”, tem-se apresentada a história da introdução do esporte no país e como ele se desenvolveu ao longo dos anos, passando pelos processos de elitização, popularização, até se tornar uma marca da identidade brasileira. Ainda nesse primeiro capítulo, tem-se abordada a relação do futebol com as artes no Brasil, desde o seu começo e durante o século XX, destacando o seu envolvimento com a literatura e, mais precisamente, com a crônica esportiva, além dos debates por ele suscitados entre os intelectuais.

No segundo capítulo, intitulado “Futebol, linguagem e literatura em Drummond”, relacionei o futebol com os aspectos que compõem a linguagem, com o intuito de demonstrar que esse esporte é composto por um mecanismo similar ao da linguagem, no qual os seus signos são interpretados pelos torcedores. Além disso, são relacionados os conceitos de “futebol de prosa” e “futebol de poesia” com os textos de

Drummond, com o objetivo de fazer uma analogia entre esses textos e os conceitos propostos por Pier Paolo Pasolini.

No terceiro capítulo, intitulado “Futebol e política em Drummond”, analiso os textos futebolísticos drummondianos a partir da relação entre eles e o contexto político da época, visto que em várias crônicas e poesias apresenta-se um conteúdo de forte crítica a esse contexto, utilizando, de forma especial, um importante recurso literário típico da modernidade, que é a ironia.

# Capítulo 1

## Futebol e arte no Brasil

### 1.1 A história e os significados do futebol na cultura brasileira

Antes de apresentar os textos de Drummond sobre o futebol, irei abordar, neste primeiro capítulo, a relação entre o futebol e a arte no Brasil. Mais especificamente, dentro deste subcapítulo, como a prática futebolística se desenvolveu historicamente no país e qual a sua influência na cultura brasileira. Esta primeira parte será de fundamental importância para entendermos como esse esporte se popularizou no país e, conseqüentemente, como ele se relacionou com outras áreas da vida social, particularmente com a literatura.

Para começar a escrever sobre esse processo, selecionei alguns autores que abordam o tema: o historiador Joel Rufino dos Santos, que no seu livro *História política do futebol brasileiro*, publicado em 1981, estuda a infância, a juventude e o apogeu desse jogo no país; o antropólogo Roberto DaMatta, que nos textos “Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social”, publicado em 1986, e “Antropologia do óbvio”, publicado em 1994, elabora uma visão social do esporte e de seu envolvimento com o povo brasileiro; o historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira, que no seu livro *Footballmania*, publicado em 2000, aborda o nascimento e o desenvolvimento do futebol profissional no Rio de Janeiro; e o professor e pesquisador de Literatura Brasileira, José Miguel Wisnik, que no livro *Veneno remédio*, publicado em 2008, aborda o futebol e seu desenvolvimento no país. Através desses quatro autores e também de outros conhecimentos, como por exemplo minha própria vivência futebolística, irei discorrer sobre a história, a presença e os significados do futebol na cultura brasileira.

Para iniciar, recorro a um trecho do livro *História política do futebol brasileiro*, no qual o historiador aborda o início do futebol no Brasil com uma pergunta bem simples, cuja resposta é a base de todo o seu processo na cultura brasileira:

Por que o povo brasileiro se apaixonou pelo futebol?

Para começar, todo povo que se conhece – desde os primitivos até os chamados civilizados – joga um tipo qualquer de bola. Muito antes de Cristóvão Colombo ter nascido, os povos que habitavam esta parte do mundo corriam atrás de uma bola látex. Na China, milhares de anos antes da provável existência de Cristo, jogava-se o *Kemari*, com uma bexiga, a forma mais antiga de futebol já registrada. Os romanos do tempo de César jogavam o *harpastum*, com zagueiros, meias de ligação e atacantes. E assim por diante.

Os sociólogos costumam lembrar que “futebol é jogo de pobre” e que, no fim do século XIX, algum esporte tinha de aparecer aqui para substituir a capoeira que a polícia proibia... Um psicólogo escreveu que “o futebol é a desforra do povo contra os donos da vida”. Como quer que seja, tudo começou em outubro de 1894, quando um jovem paulista, filho de ingleses, desembarcou na Luz com duas bolas de couro na bagagem: Charles Miller, o fundador do futebol brasileiro.<sup>4</sup>

Ao observar o seu aparecimento ao longo da história e em todo o mundo, percebe-se, de acordo com o autor, a transformação que o futebol teria com o passar do tempo. Nessas práticas esportivas precursoras, jogava-se com uma bexiga na China, com uma bola látex no continente americano, até chegar às bolas de couro sintético atuais, jogadas no mundo inteiro. Assim, percebe-se que a prática futebolística passou e continua passando por um processo de mudança, adaptando-se às condições em que é praticada. Além disso, percebe-se uma contradição nas ideias do trecho acima, pois apesar de Rufino afirmar que o futebol era “jogo de pobre”, ele foi apresentado à população pela elite econômica brasileira. A intenção, por parte dessa elite, era apresentar um esporte como lazer que disciplinasse e trouxesse um exemplo de civilidade à população urbana brasileira, que se constituía na época e que iria aumentar com o passar dos anos. Esse “exemplo” seria de fundamental importância para a consolidação do modelo civilizatório republicano e para a consolidação do sistema capitalista que ocorria na época.

No Brasil, segundo grande parte dos historiadores do assunto, o futebol passou basicamente por três etapas, até se consolidar como uma marca da identidade do país. No trecho abaixo, ao comentar sobre o livro *O negro no futebol brasileiro*, de Mário Filho, Leonardo Affonso de Miranda Pereira observa que esses processos estão divididos da seguinte forma:

Centrando sua atenção sobre a cidade do Rio de Janeiro, onde construiu sua bem-sucedida carreira de cronista esportivo, definia para o futebol praticado no país uma periodização clara, que dividia sua história em três períodos: no primeiro, que iria dos primeiros anos do século até meados da década de 1910, o futebol seria um jogo de

---

<sup>4</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 11-12. Observe-se que Santos reproduz aqui a versão oficial sobre a chegada do futebol no Brasil. Em tempos mais recentes, alguns pesquisadores já mostraram que outras experiências com o esporte já haviam acontecido no país, antes da chegada de Charles Miller, em 1894 (cf. NETO, 2002).

elite, praticado somente pelos jovens elegantes que se associavam aos principais clubes da cidade; o segundo, que iria deste momento até o final da década de 1920, definiria o momento de aproximação de outras camadas sociais, sendo marcado pelo impulso sistemático de exclusão dos negros e pobres que começavam a se envolver com o jogo; por fim, um último período, que se iniciava na década de 1930, assinalava finalmente a efetivação da presença negra nos campos, na concretização do que o próprio autor chamaria de “ascensão social do negro”.<sup>5</sup>

Seguindo essa periodização e analisando a primeira fase do futebol no Brasil, Santos afirma que, quando chegou ao país, o esporte era praticado apenas por uma parte da elite econômica europeia:

Deste jeito, o que Charles Miller nos trouxe, em 1894, foi um esporte universitário e burguês. Elegante e obediente a um código. Esporte de *gentlemen*, exatamente como são o tênis e o golfe de hoje. (Foi também um *gentleman* suíço, do Paissandu Cricket Club, que introduziu, dois anos depois, o futebol no Rio de Janeiro: Oscar Cox).<sup>6</sup>

Percebe-se que o futebol, vindo da Inglaterra, era um esporte elitizado, sendo comparado com o tênis e o golfe, que ainda nos dias de hoje são considerados esportes de elite.<sup>7</sup> Com a sua chegada ao Brasil, o futebol também começou a ser praticado pela elite inglesa que residia no país:

Pelo menos nos dez anos seguintes, o futebol continuou um jogo inglês e de elite: os jogadores eram, na sua esmagadora maioria, técnicos industriais e engenheiros ingleses. Só se falava em *field*, *full-back*, *inside-right*, *referee*, *linesman* e por aí afora. Até 1930, se um jogador se machucasse, o ofensor só pedia desculpas sinceras se fosse em inglês: *I'm sorry*.<sup>8</sup>

Apesar do autor ter insinuado que até os anos 1930 o futebol era elitizado, sua popularização já se iniciaria a partir dos anos 1910, como veremos adiante. Ainda em relação à sua introdução por parte das elites econômicas (empresários do ramo da indústria), o antropólogo Roberto DaMatta, em seu texto “Antropologia do óbvio”, descreve e analisa a introdução do futebol no Brasil:

Nos primeiros anos do século, portanto no momento de sua aparição no cenário brasileiro, o futebol foi um jogo de elite. Um “esporte” praticado por jovens filhos de industriais que por ele se apaixonaram na Inglaterra, onde tinham ido a estudo ou negócios. Apaixonados pelos valores que o esporte implicitamente solicitava dos seus praticantes – a competição e o chamado *fair-play* ou “espírito esportivo”, esses jovens

---

<sup>5</sup> PEREIRA. *Footballmania*, p. 15.

<sup>6</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 13.

<sup>7</sup> A referência em relação ao elitismo do tênis e do golfe é de 1981, ano da publicação da obra de Rufino.

<sup>8</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 13.

trouxeram o futebol para suas fábricas e clubes, espaços onde o jogo ajudava a disciplinar os corpos e aplainava os corações, fazendo-os obedientes às suas regras.<sup>9</sup>

Nos trechos citados acima, percebe-se que o futebol chegou ao Brasil através de jovens brasileiros da elite que, retornando da Europa, onde haviam estudado ou trabalhado, acabaram se relacionando mais intimamente com o esporte. E esse gosto se deu graças ao caráter “amigável” que a prática desenvolvia, sendo ao mesmo tempo uma forma de socialização das pessoas e possuindo um caráter disciplinador, pois através de suas regras as pessoas se respeitavam mutuamente. Sendo assim, podemos inferir que o futebol contribuiu para o processo civilizatório que acontecia no final do século XIX, através da introdução do modelo republicano no Brasil.

Ainda em relação ao elitismo nos primeiros anos do futebol brasileiro, tem-se um trecho do livro *Footballmania*, em que se mostra como era ativa a participação das elites nesse processo de consolidação do futebol no país, para, posteriormente, se iniciar sua popularização:

Não eram só os empresários, porém, que começavam a dar ao jogo uma maior atenção e apoio. Ao mesmo tempo que tornava-se frequente a presença de autoridades nos estádios, políticos de tendências diversas começavam a lançar sobre o jogo um olhar mais atento. Em dezembro de 1906, por iniciativa do deputado João Neiva, a Câmara federal aprovava a isenção das taxas de importação para os apetrechos utilizados pelos clubes de futebol, de cricket e de tênis.<sup>10</sup>

Assim, percebe-se o início da participação de alguns políticos influentes da época nesse processo, saindo o esporte do ambiente apenas empresarial e começando a se articular com a elite política do país. Essa articulação será de fundamental importância para a consolidação do esporte no Brasil, pois, com o apoio dos grandes empresários e dos políticos mais influentes, os trabalhadores das empresas, a classe média e a população em geral provavelmente simpatizariam com o futebol. Apenas os grupos políticos de esquerda mais radicais (como, por exemplo, diversos dirigentes sindicais, o jornal *A voz do trabalhador*, o grupo operário de estudos sociais “Jerminal” e o jornal *A Guerra Social*) e alguns intelectuais, como veremos adiante, é que iriam se contrapor à vinda do esporte, pois ou consideravam-no uma forma de alienação perante as lutas políticas que se desenvolviam na época, principalmente naquele contexto, em que havia um aumento da população, da indústria e de todo o processo do sistema

---

<sup>9</sup> DAMATTA. Antropologia do óbvio, p. 11.

<sup>10</sup> PEREIRA. *Footballmania*, p. 77.

capitalista, que se consolidaria a partir dos anos 1930; ou consideravam-no um esporte importado, que não se encaixava no modo de vida pacífico da sociedade brasileira.

Vale lembrar que, no dia 20 de agosto de 1914, foi criada a CBD (Confederação Brasileira de Desportos), primeira entidade que congregaria todos os esportes do país. Essa entidade ajudaria a formalizar e a organizar o futebol e outros esportes no Brasil. Ela seria extinta em 1979, criando-se assim as diversas entidades que representam os esportes profissionais e amadores no país, sendo que, no caso do futebol, foi criada a CBF (Confederação Brasileira de Futebol).

Porém, com o passar dos anos, e mais precisamente a partir de meados da década de 1910, esse jogo foi se apresentando para a classe média e para as classes menos favorecidas economicamente da sociedade. Assim, o futebol saiu do campo da elite econômica e política e começou a se popularizar. Nesse processo de popularização, considera-se que, entre outros motivos, os setores populares aderiram ao futebol por ser uma prática de lazer “agradável”, também por ser pouco trabalhoso para organizá-lo, além do seu baixo custo e até por causa da “socialização” que o esporte promovia, com sua exigência pedagógica de “respeitar as regras e o próximo”.

Por conta de uma suposta falta de disciplina e de ordem em praticá-lo, os negros e os pobres teriam sido marginalizados do futebol até a década de 1930. O fato de que o esporte começava a ser praticado fora do seu espaço ideal (que seriam os campos), como em terrenos baldios, no meio da rua, atrapalhando o andamento e o desenvolvimento das cidades, foi visto com “maus olhos” pelos setores elitistas da sociedade. Desse modo, percebe-se que a introdução do futebol no Brasil não se deu de forma pacífica, mas sim com muita tensão entre os vários setores da sociedade. Porém, veremos adiante que tanto os pobres quanto os negros, excluídos desse processo, iriam ser incorporados ao futebol posteriormente.

Um dos motivos dessa popularização do futebol está na revolução que acontecia no Brasil, ao se consolidar o sistema capitalista no país, nos anos 1930:

Uma coisa apenas está clara: a revolução de Trinta transformou o Brasil num país capitalista; um capitalismo de segunda mão, subalterno e dependente, mas, em todo caso, com a sua alma e o seu rosto. Triunfando o capitalismo, a sociedade inteira se subverteu, como se a tivessem virado de cabeça para baixo: as cidades, sedes do comércio, das indústrias e dos negócios, tornaram-se mil vezes mais importantes do que o campo e os bons e pacatos valores de outrora, as juntas e prezadas virtudes de antes, começaram a dar em água de barreira.

Neste quadro em mutação é que temos de encaixar a evolução do nosso futebol. Não fosse ela, continuaria a ser um esporte de elite, como no tempo de Mimi Sodré e Hermann Friese.<sup>11</sup>

É nesse contexto, durante o processo da Revolução de Trinta, que se iniciou nos anos 1920, quando se desarticulavam as oligarquias do café-com-leite e a própria República Velha, que o futebol crescia. Ainda sobre o início do processo de popularização do futebol no Brasil, DaMatta comenta, em primeiro lugar, as próprias características do jogo:

Pois diferentemente de outras instituições, o futebol reúne muita coisa na sua invejável multivocalidade, já que é jogo e esporte, ritual e espetáculo, instrumento de disciplina das massas e evento prazeroso. Algo que requer paixão e treinamento, começando pela obediência às suas regras que não podem mudar e devem valer para todos e sem as quais pode haver disputa e jogo, mas não há esporte.<sup>12</sup>

A partir desse trecho, deduz-se que o futebol, através de suas regras, no período de sua popularização, entre 1915 e 1930, contribuiu para o processo de disciplinarização das pessoas envolvidas com ele, reafirmando sua contribuição ao processo civilizatório brasileiro citado anteriormente. Além desse processo mais pragmático, o esporte envolveria a população brasileira em algo muito mais importante, que seria o “despertar de uma grande paixão”, comprovado historicamente pelas emoções que milhões de torcedores brasileiros teriam ao longo do século XX.

Em relação ao primeiro processo, tem-se no trecho abaixo, retirado do livro de Pereira, uma demonstração de como a sociedade começou a se organizar e a se disciplinar dentro dos estádios, aproximando pessoas de diferentes segmentos do trabalho, de diferentes etnias e de diferentes classes sociais:

Consolidada nos campos cariocas no final da década de 1910, a “*footballmania*” – expressão cunhada em 1915 pelo jovem Fernando Azevedo – aparecia para os contemporâneos como um fenômeno de difícil compreensão. Capaz de entusiasmar grupos diversos e unir em identidades comuns sujeitos radicalmente diferentes, o futebol conquistava definitivamente todas as atenções, tornando-se um elemento importante da experiência de inúmeros grupos sociais. Qual seria, no entanto, o sentido deste novo fenômeno para os diversos sujeitos com ele envolvidos? O que podia significar, em uma cidade que nos primeiros anos da república crescia e se industrializava rapidamente, recebendo trabalhadores de procedências diversas, a emergência desta “febre” que ia contagiando a todos?<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 44-45.

<sup>12</sup> DAMATTA. *Antropologia do óbvio*, p. 12.

<sup>13</sup> PEREIRA. *Footballmania*, p. 203.

A questão sobre o sentido desse fenômeno seria respondida ao longo de todo o século XX e até os dias de hoje, quando se verifica o grande envolvimento de grande parte da população mundial com o futebol profissional. A identidade gerada entre uma pessoa e um clube ou uma seleção é impressionante, pois ela se sente “parte indissociável” daquela instituição, participando dela com as suas alegrias e as suas tristezas.

Perceber a importância que o futebol teve no processo de modernização da sociedade brasileira é indispensável para se entender como ele foi incorporado à cultura do país. As autoridades brasileiras, percebendo sua importância, pararam de criminalizá-lo entre os pobres e trabalhadores e, com o passar do tempo, passaram a estimulá-lo, como escreveu Joel Rufino dos Santos:

Nada convenceu mais os brasileiros de que seu país mudara que as greves operárias. Sobretudo os paulistanos. Entre 1904 e 1917 elas eclodiram com violência por toda parte e por diversos motivos: oito horas de trabalho, proteção às operárias, melhores salários e condições de higiene nas fábricas... O Brasil não era mais aquele, até um partido socialista já tínhamos. A greve de 1917, que chegou a paralisar dezenas de milhares de operários, fez ver às autoridades e aos industriais que a cidade precisava de “um esporte de massas”. Como a uma criança que se manda brincar “para queimar energias”, os operários foram, então, mandados jogar futebol: os municípios isentaram os campos de impostos; os industriais se apressaram em construir *grounds*; a polícia parou de reprimir os rachas em terrenos baldios; os castigos aos estudantes de escolas públicas que fossem pegos jogando futebol, suspensos.<sup>14</sup>

Apesar da elite política e econômica começar a estimular a prática do futebol entre os operários, o esporte também recebia muitas críticas. De acordo com o anarquista Astrogildo Pereira, essa prática iria distrair a classe operária das lutas que se desenhavam naquele período:

Em vez de estimular que os operários da cidade se juntassem em uma luta comum, o futebol serviria somente para distraí-los de seus reais interesses, aproximando-os dos seus inimigos. Parecia justificado, desse modo, o desprezo que passavam a demonstrar em relação ao jogo e aos seus admiradores. “Domingo é o dia estúpido por excelência. Será por isso que o domingo é o dia por excelência dos *sportmen*?”, perguntava em 1918 o então anarquista Astrogildo Pereira, igualando todos os praticantes do futebol sob a mesma designação. Como viam no trabalho o grande elemento de criação de uma identidade de classe, esses militantes relutavam em ver em atividades de lazer operário como o futebol qualquer valor. Não sendo um meio legítimo de efetivação de uma identificação entre o operariado carioca, como parece concordar parte da historiografia que trata do tema, o futebol somente serviria para alienar os trabalhadores – rebaixando-nos a “foros de escravidão e de servilismo”. Como Lima Barreto, viam assim no jogo um instrumento de perpetuação do domínio exercido por décadas pelos senhores de escravos.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 22.

<sup>15</sup> PEREIRA. *Footballmania*, p. 258.

Essa visão do futebol como alienação, porém, não ganhava adeptos na maioria da sociedade, visto que o prazer gerado por ele agradava muito mais uma grande parte da população. Para exemplificar mais uma forma de conflito sobre a vinda do futebol ao Brasil, mais uma contribuição de DaMatta, em que se tem duas visões sobre esse acontecimento, através da menção de dois grandes escritores brasileiros:

Introduzido no Brasil naqueles primeiros anos de vida republicana, o futebol fazia parte de um movimento modernizador que ativava reações díspares. De um Lima Barreto, por exemplo, escritor sem berço, injustiçado e mulato, provocou uma reação negativa, como um evento capaz de despertar paixões e incontida violência, além de igualar homens e mulheres que, no campo de futebol e como torcida, comportavam-se deixando de lado os velhos pudores e a necessária compostura. Para outros intelectuais, como Olavo Bilac, escritor de muito sucesso e líder desta tão desejada modernização, o futebol representava precisamente o oposto, pois era o exemplo do bom uso do corpo, esse corpo que deveria estar a serviço da pátria e do futuro.<sup>16</sup>

O futebol, então, gerava diversas opiniões a seu respeito. Uma dessas visões era favorável à sua introdução e disseminação, pelo seu caráter disciplinador e civilizatório, contribuindo para o processo de modernização. Por outro lado, existiam também opiniões contrárias, em que prevalecia a ideia do esporte como estimulador de paixões e tensões sociais, o que, conseqüentemente, poderia aumentar o nível da violência naquela sociedade.

Desde então, essa dualidade no caráter do futebol na cultura brasileira prevaleceria por anos, sendo percebida até nos dias de hoje. Pois ele funciona tanto como um instrumento para socializar e disciplinar as pessoas, por meio de suas regras (caso em que crianças e adultos se encontram na rua, no campo ou nas quadras, para a prática do esporte, de maneira organizada, sendo essa ideia de Olavo Bilac); quanto como uma forma de promover e extrair o máximo da paixão e da violência do torcedor (na venda de produtos, na histeria da plateia no estádio, ao comemorar um gol, e nas brigas entre os torcedores, sendo essa ideia corroborada por Lima Barreto).

Roberto DaMatta, ainda sobre o processo de popularização do futebol no Brasil, destaca que ele “foi o primeiro professor de democracia no país”:

O fato, porém, é que o velho esporte bretão entrava em conflito com valores tradicionais. Habituada a jogar e não a competir, a sociedade brasileira, construída de favores, hierarquias, clientes, e ainda repleta de ranço escravocrata, reagia ambigüamente ao futebol. Esse estranho jogo que, dando ênfase ao desempenho,

---

<sup>16</sup> DAMATTA. Antropologia do óbvio, p. 12.

democraticamente produzia ganhadores e perdedores sem subtrair de nenhum disputante o nome, a honra ou a vergonha. Foi preciso que essa sociedade vincada por valores tradicionais aprendesse a separar as regras dos homens e da própria partida para que o futebol pudesse ser abertamente apreciado entre nós. Desse modo, foi certamente essa humilde atividade, esse jogo inventado para divertir e disciplinar que, no Brasil, transformou-se no primeiro professor de democracia e de igualdade. Pois não foi através do nosso Parlamento que o povo aprendeu a respeitar as leis, mas assistindo a jogos de futebol, esses eventos onde o vitorioso não tem o direito de ser um ditador, e o perdedor, vale repetir, não deve ser humilhado. Desse modo, o velho e bretão *football association* foi apropriado por toda a sociedade e sendo rebatizado no Brasil como “futebol” virou uma paixão das massas e um acontecimento festejado e amado pelo povo.<sup>17</sup>

Mostrando as ambiguidades dessa “lição de democracia” do futebol para a sociedade brasileira, Pereira aborda a mistura dos mais diferentes tipos de torcedores, num jogo realizado no dia 31 de maio de 1919, como um dos exemplos da “torcida” que havia naquela época:

De um lado, as arquibancadas, cheias de jovens bem vestidos e de senhoritas elegantes; de outro, o morro onde se espremia o público amplo e indiferenciado, composto por trabalhadores negros e brancos, de ofícios diversos, e por jovens torcedores e torcedoras sem recursos para entrar no estádio que fizeram “verdadeiros prodígios de equilíbrio e de ginástica” para poder assistir ao jogo. Em ambos, o mesmo entusiasmo, que levava as cerca de cinco mil pessoas espremidas nas encostas a irromper em “entusiásticas ovações” ao selecionado nacional e a desfraldar “uma enorme bandeira brasileira” no momento do gol. Do morro e das arquibancadas, um grito uníssonos – “Viva o Brasil” – saudava os jogadores brasileiros.<sup>18</sup>

Percebe-se, então, que havia uma rígida separação de classes entre os torcedores no período da popularização do esporte. Essa separação pode ser considerada como parte importante da visão que a elite brasileira tinha em relação ao processo, pois apesar dela querer que o esporte se popularizasse, ainda queria permanecer com os seus privilégios dentro do mundo esportivo. E essa manutenção de privilégios é parte inerente da elite brasileira, pois ela procura manter a estrutura de classes intacta para se sustentar no controle político e econômico da sociedade.

Numa breve comparação entre a representatividade que o futebol teve no Brasil e na Europa em fins do século XIX, tem-se um trecho do livro de José Miguel Wisnik onde, citando o filósofo tcheco Vilém Flusser,<sup>19</sup> é abordada essa faceta política do

---

<sup>17</sup> DAMATTA. Antropologia do óbvio, p. 12.

<sup>18</sup> PEREIRA. *Footballmania*, p. 153.

<sup>19</sup> Vilém Flusser nasceu no dia 12 de maio de 1920, em Praga, na antiga Tchecoslováquia. Durante a Segunda Guerra Mundial, mudou-se para o Brasil, fugindo do nazismo. Naturalizou-se brasileiro, estabelecendo-se em São Paulo, onde atuou por cerca de 20 anos como professor de filosofia, jornalista, conferencista e escritor. Morreu no dia 27 de novembro de 1991, aos 71 anos, vítima de um acidente de trânsito.

esporte nas duas regiões: “Na Europa constituiu-se, historicamente, numa forma de fuga que se abriu ao proletariado; no Brasil, serviu de canal para uma ‘relação autêntica intra-humana’. ‘Lá, faz esquecer uma dura realidade. Aqui é realidade’”.<sup>20</sup> Percebe-se, assim, que a importância do futebol no Brasil está intimamente ligada à sua popularização, que fez do esporte um campo para a projeção das identidades e dos conflitos da sociedade e da cultura brasileiras.

A partir dos anos 1930, com a popularização do futebol consolidada no país, a elite política e econômica se interessaria ainda mais pelo esporte, visto que ele havia se tornado uma marca da identidade do povo brasileiro. Assim, a elite não poderia deixar de enxergá-lo como, além de uma paixão nacional, um grande “elo de ligação” entre as classes e os grupos sociais. Um exemplo importante dessa unificação da elite com a população através do futebol é o período de Getúlio Vargas, no qual, em diferentes momentos, o governo se aproveitou do esporte como parte de uma “política de massa”:

Nacionalismo e trabalhismo eram políticas de massa, a exigirem pontes de ligação com o povo. Uma dessas pontes era o futebol. Em 1940, ao lado de Adhemar de Barros – um aprendiz de populista – [Getúlio] fundara o novo Pacaembu. No ano seguinte, organizara o Conselho Nacional de Desportos, enquanto instalava na CBD Luís Aranha, cartola da sua mais inteira confiança. O campo do Vasco tornou-se seu palco preferido para encontros com a massa, como no 1º de Maio de 1954 – último em que o vimos com vida. Arengou naquela tarde aos trabalhadores: “Hoje estais com o governo. Amanhã sereis o governo”.<sup>21</sup>

Ainda dentro dessa política de massificação do futebol, um fator fundamental foi a construção dos grandes estádios de futebol. Mário Filho, além da sua força dentro da crônica esportiva, foi um dos principais estimuladores da construção do estádio Maracanã, no Rio de Janeiro. Sua construção, apoiada por vários políticos da época, seria um forte estimulante para o enraizamento do futebol no país. No texto “A vitória do futebol que incorporou a pelada”, de José Sergio Leite Lopes, tem-se uma passagem demonstrando essa atuação de Mário Filho:

Seus interesses jornalísticos são ligados ao futebol enquanto espetáculo popular. Ele é assim o principal defensor da construção do estádio Maracanã para a Copa de 1950 – o tamanho (“o maior estádio do mundo”, para cerca de 200.000 pessoas) e a localização previstos no projeto do estádio são criticados por políticos influentes. Uma vez mais suas campanhas na imprensa e sua livre circulação entre grupos políticos e clubes acaba convencendo os vereadores e outras autoridades envolvidas.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> WISNIK. *Veneno remédio*, p. 28.

<sup>21</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 60

<sup>22</sup> LOPES. A vitória do futebol que incorporou a pelada, p.78.

Como uma homenagem póstuma ao cronista, por ter estimulado a construção do Maracanã, Mário Filho teve o seu nome registrado como sendo o nome oficial do estádio.

Outro aspecto interessante da consolidação do futebol como uma marca da identidade brasileira é a suposta facilidade, ou talento, que o brasileiro teria em praticar esse esporte, o que evidentemente teria contribuído para as vitórias brasileiras em torneios internacionais e para o próprio sucesso do esporte no país. José Miguel Wisnik, fazendo uma citação de João Saldanha, aborda a questão no trecho abaixo:

De maneira direta e realista, o fato de que “possuímos o melhor material humano do mundo” para o futebol é associado, “sem jacobinismo ou [...] arrogância”, a quatro condições ambivalentes e problemáticas, que só nós, brasileiros, reunimos: em primeiro lugar, no Brasil, o futebol não é simplesmente esporte e entretenimento, mas é uma arte e paixão popular que tem entre nós, para o bem e para o mal, uma presença esmagadora; em segundo lugar, o clima tropical favorece a elasticidade da musculatura, já naturalmente aquecida, e possibilita que se jogue futebol o ano inteiro; em terceiro lugar, os garotos pobres partem para a vida e para o trabalho muito cedo, e não estudam – se o tempo dedicado à bola em geral não é disputado pela escola, a bola é disputada por esses pequenos incultos e ignorantes “com todo o realismo” e com a vivência de problemas “que em países mais adiantados são de adultos”; em quarto lugar Saldanha não se intimida com o tabu apontado por Gumbrecht (de que falamos em “O futebol, a prontidão e outras bossas”) e afirma, de boca cheia, que negros e mulatos têm uma facilidade atávica para o futebol.<sup>23</sup>

DaMatta também aborda essa “facilidade” do brasileiro para jogar futebol, essa presumida habilidade única para o controle de bola e para o drible:

Deste modo, fala-se do brasileiro esperto e malandro – aquele que sabe viver e “tirar” vantagem de tudo” – como a pessoa que tem “jogo de cintura”. Expressão que se aplica tanto ao político populista (que sabe dar o “pulo do gato”, ou seja, viver positiva e cinicamente as contradições engendradas pelo seu comportamento), quanto ao bom jogador de futebol e o próprio estilo de praticar tal esporte no Brasil. Pois sabemos que o chamado “futebol brasileiro” se representa a si mesmo como uma modalidade caracterizada no uso excepcionalmente habilidoso do corpo e das pernas, o que cria um jogo bonito de se ver.<sup>24</sup>

No trecho acima, a habilidade do brasileiro com o corpo e com as pernas está associada a uma das características mais estudadas pelos antropólogos em relação ao povo brasileiro, que é a “malandragem”. Vista como um mal para o desenvolvimento da civilização brasileira, pois ela tem no seu cerne a enganação e a dissimulação, o que gera um antagonismo em relação ao cidadão que respeita as leis e as regras, essa

---

<sup>23</sup> WISNIK. *Veneno remédio*, p. 297-298.

<sup>24</sup> DAMATTA. *Antropologia do óbvio*, p. 16.

característica acabou sendo benéfica para a prática futebolística, pois ela depende intrinsecamente de uma habilidade de corpo que poucos povos teriam no mundo.

Porém, vale ressaltar que essa “facilidade que o brasileiro tem em jogar bola” não é uma característica inata, simplesmente porque uma pessoa nasce no Brasil. É razoável considerar que, devido às condições climáticas e ao tempo gasto com o futebol no país, o estímulo a essa prática esportiva também é maior. Seja nas horas de lazer, nas escolas ou na própria rua, onde é estimulado o jogo de bola; seja na mídia, onde boa parte do tempo dos canais de televisão e das emissoras de rádio é dedicada ao esporte, principalmente ao futebol. Se o estímulo é maior, as chances de surgirem bons jogadores também são maiores. Mas não se deve aceitar, sem uma relativização, a ideia de que o brasileiro possui uma aptidão inata para o futebol. Muitos brasileiros não sabem jogá-lo e nem mesmo se interessam por ele, enquanto em outros países vários craques surgiram ao longo da história. No trecho abaixo, retirado do livro *Footballmania*, há uma explanação sobre a desmistificação desse mito:

Esse sentimento não é, no entanto, tão natural quanto pode parecer para muitos dos que vibram em frente à televisão a cada gol da Seleção. Embora enraizado na percepção de cada brasileiro que torça pelo seu sucesso, ele está longe de ser um desígnio divino ou uma dádiva da natureza. Resultado de décadas de embates e tensões dentro e fora dos campos, ele tem uma história. Ainda que essa apareça muitas vezes obscurecida frente à emoção vivida por cada brasileiro na torcida pela sua Seleção ou pela certeza desses torcedores de ter no sangue a mesma mistura que por décadas formou jogadores como Zizinho, Garrincha e Romário, ela pode nos ajudar a entender a própria lógica que originou a formação dessa identidade.<sup>25</sup>

Ainda sobre a relação do futebol com a cultura brasileira, DaMatta observa a importância que o esporte tem junto ao povo brasileiro, comentando a visão popular de que ele seria uma das “três coisas sérias” do nosso país:

Diz um ditado popular que no Brasil só existem três coisas sérias: a cachaça, o jogo do bicho e o futebol. Curioso que esta lista de unanimidades nacionais seja constituída por uma bebida alcoólica – um “espírito” que ajuda a comemorar alegrias e esquecer as frustrações; uma loteria clandestina que junta números com animais, sonhos com o desejo de fácil ascensão social, políticos profissionais e “homens de bem” com notórios contraventores; e, finalmente, um esporte moderno inventado pelos ingleses e adotado pelos brasileiros com uma paixão somente igualada por sua perícia em praticá-lo.<sup>26</sup>

Comparando essas “três coisas sérias”, o pesquisador percebe uma diferença entre o gosto pela cachaça e o jogo do bicho, que estariam ligados a tendências

---

<sup>25</sup> PEREIRA. *Footballmania*, p. 14.

<sup>26</sup> DAMATTA. *Antropologia do óbvio*, p. 11.

históricas da sociedade brasileira; e o futebol, que foi introduzido no Brasil sob o signo do “novo”, ainda de acordo com o antropólogo: “De fato, enquanto a cachaça e o jogo do bicho atendem a motivações que se perdem na história, o futebol foi introduzido no Brasil sob o signo do novo, pois, mais do que um simples ‘jogo’, estava na lista das coisas moderníssimas: era um ‘esporte’”.<sup>27</sup>

Em outro momento do mesmo texto, DaMatta aborda a importância que o esporte teve e tem para os brasileiros, especialmente os mais pobres, como projeção de seus desejos e aspirações de sucesso, difíceis de se realizarem em outras áreas de atividade:

Uma segunda dimensão do futebol como força integrativa é a sua capacidade de proporcionar ao povo, sobretudo ao povo pobre e destituído, a experiência da vitória e do êxito. Essa vitória que o mundo moderno traduz com a palavra mágica “sucesso” e que o sistema social hierarquizado e concentrador de riqueza do Brasil faz com que poucos possam experimentar. Mas através do “jogo de futebol”, as massas brasileiras podem experimentar vencer com os seus times favoritos.<sup>28</sup>

O autor afirma que o brasileiro se sente vitorioso através do futebol, mais precisamente quando o seu clube de coração vence uma partida ou um campeonato. Na verdade, o torcedor concentra todas as suas forças e motivações no seu clube, visto que na sua vida particular muitas vezes ele se sente frustrado por não ter conseguido se realizar, seja financeira ou emocionalmente. DaMatta reafirma o papel social do esporte perante as massas brasileiras:

Finalmente, o futebol proporciona à sociedade brasileira a experiência da igualdade e da justiça social. Pois, produzindo um espetáculo complexo, mas governado por regras simples que todos conhecem, o futebol reafirma simbolicamente que o melhor, o mais capaz e o que tem mais mérito pode efetivamente vencer.<sup>29</sup>

No entanto, é importante diferenciar o *jogador brasileiro* do *torcedor brasileiro*, pois um pratica a atividade física ao mesmo tempo em que pratica as regras do jogo, fundamentais para que ocorra o próprio jogo; o outro apenas assiste à partida e, apesar de observar e compreender as regras que compõem o esporte, não necessariamente está vinculado a elas. Essa possível “não vinculação às regras” é um dos motivos que pode gerar diversas tensões, o que leva o futebol a ser questionado em relação à sua

---

<sup>27</sup> DAMATTA. Antropologia do óbvio, p. 11.

<sup>28</sup> DAMATTA. Antropologia do óbvio, p. 17.

<sup>29</sup> DAMATTA. Antropologia do óbvio, p. 17.

capacidade de “pacificação”. Vale lembrar que o próprio jogador também pode ser um torcedor e que o torcedor também pode ser um jogador.

A trajetória dos clubes mais populares é emblemática do processo de assimilação do futebol como símbolo da identidade brasileira. Nesse sentido, Wisnik descreve como se deu a formação de Corinthians e Flamengo, exemplificando mais uma vez como o futebol, nascido no berço da elite inglesa, se misturou às classes populares e se tornou um esporte de massas no Brasil:

O nome Corinthians, aliás, representa a própria síntese do processo em sua extensão mais larga: o clube da várzea do Tietê adotou a sigla de uma das mais aristocráticas equipes inglesas, a mais ciosa, por sinal, dos privilégios elitistas do amadorismo e do jogo entre pares (a equipe, formada de alunos de Oxford e Cambridge, visitara o Brasil no início do século, deixando um rastro prestigioso), e acabou por convertê-lo no nome mais popular do futebol brasileiro, juntamente com o Flamengo. O time de futebol do Flamengo, por sua vez, resultou, de maneira similar, de uma cisão no Fluminense – o “pó de arroz” – em 1911, e transformou-se depois, a partir da década de 30, no clube mais popular do Brasil, ao acolher franca e gloriosamente os ídolos negros e mulatos, vindo a ser chamado de “pó de carvão” pelos adeptos do “pó de arroz”.<sup>30</sup>

Vimos, até aqui, como o futebol foi introduzido no Brasil, como um esporte elitista, passando por várias tensões entre as elites econômicas e políticas e os setores populares, até se consolidar como uma prática esportiva popular. Demonstrou-se como essa prática se consolidou como uma cultura nacional policlassista, tornando-se uma das principais marcas identitárias do país.

## **1.2 A relação entre o futebol e a literatura no Brasil**

Após esse breve panorama da história da introdução e da popularização do futebol no Brasil, vamos, a partir de agora, tratar de como o futebol começou a se manifestar dentro das artes no nosso país, e, mais precisamente, dentro da literatura brasileira.

No texto “Da crônica jornalística ao conto de ficção: o futebol como forma literária”, do professor e pesquisador pela UFPB Edônio Alves Nascimento, o autor aborda a importância dos literatos e dos jornalistas para a introdução do futebol no âmbito das letras, no começo do século XX:

---

<sup>30</sup> WISNIK. *Veneno remédio*, p. 206-207.

Foram os literatos junto com os jornalistas (numa conjunção de intervenções sobre o tema em que se tornava difícil saber exatamente quem fazia o quê, num meio intelectual em que jornalismo e literatura se misturavam em papéis e funções sem fronteiras nítidas) os homens de letras que primeiro se debruçaram sobre a tarefa de apresentar e discutir publicamente a inserção do futebol na vida brasileira. A ponto de, paralela à história do jogo propriamente dito, ir-se criando uma verdadeira história, digamos literária (e ou jornalística), da apreensão e fruição desse esporte por parte dos brasileiros nos seus mais diferentes espaços sociais de ação.<sup>31</sup>

Com o advento do realismo na literatura brasileira e da crônica esportiva nos jornais, a literatura sobre o futebol ganhava corpo e característica, sendo predominante o estilo realista nos textos sobre o esporte. Um dos primeiros escritores a fazerem menção ao tema futebol foi Monteiro Lobato, que nos dias 10 e 17 de junho de 1905, no jornal *O Povo*, de Caçapava, São Paulo, publica um artigo intitulado “Futebol”. Segundo os historiadores Cláudio Bertolli Filho e José Carlos Sebe Bom Meihy, essa foi a única menção consequente que o escritor fez ao esporte. Outro escritor a tratar precocemente do tema foi João do Rio, que escreveu um artigo na coluna “Os sports/O futebol”, página 1 da *Gazeta de Notícias*, em 26 de julho de 1905, onde comenta uma visita feita ao estádio do Fluminense Foot-Ball Club e o novo esporte da moda. A relação de João do Rio com o futebol também é comentada por Pereira, no trecho abaixo:

De tão intensa, a força que o futebol ganhava entre os círculos elegantes parecia até cansar figuras como o escritor Paulo Barreto, presença assídua das rodas mundanas. Em uma crônica de 1906 em que assinava como João do Rio, relatava sua visita a um terreiro de briga de galos, afirmando já estar “um pouco fatigado dos *matches* de *football*” e “de toda essa diversidade de jogos a que se entrega o cidadão civilizado para mostrar que vive e se diverte”. Utilizando-se do pseudônimo com o qual constituía crônicas que pretendiam captar o mundo das ruas cariocas, marginal e distante das rodas elegantes que ele mesmo não se cansava de retratar com outras alcunhas, Paulo Barreto adotava na crônica um recurso literário que indicava, a um leitor mais perspicaz, o papel social de destaque que o jogo ganhava na altas rodas cariocas: mais do que uma diversão, a presença nos jogos da liga já se constituía uma obrigação social, cumprida rigorosamente pela maior parte desses jovens.<sup>32</sup>

No começo dessa relação entre o futebol e a literatura, um gênero foi especialmente importante: a crônica esportiva. Como um gênero que se aproxima mais dos seus leitores, por apresentar uma linguagem do cotidiano, teve um papel fundamental e, até hoje, continua a ser um dos principais interesses dos leitores dos jornais. Além dele, outro gênero literário que ajudou a difundir os textos futebolísticos

---

<sup>31</sup> NASCIMENTO. “Da crônica jornalística ao conto de ficção: o futebol como forma literária”, p. 64. Para mais detalhes a respeito da relação dos escritores João do Rio e Monteiro Lobato com o futebol, consultar o mesmo texto, na página 83.

<sup>32</sup> PEREIRA. *Footballmania*, p. 76-77.

foi o conto. Um trecho do texto “Da crônica jornalística ao conto de ficção: o futebol como forma literária” aborda essa relação:

(...) o primeiro conto tematizando o futebol no Brasil, intitulado “A Biblioteca”, foi escrito por Lima Barreto em 1915. Queremos ressaltar quanto a este fato, em adendo às observações de Bernardo Buarque de Holanda, que indica o conto de Antônio de Alcântara Machado, “Corinthians (2) VS Palestra (1)”, só publicado em 1927, como sendo uma narrativa em que o jogo pela primeira vez ocupa o centro da história, que há entre as duas obras diferenças de procedimentos estéticos fundamentais a orientar o processo de suas composições. Enquanto Lima Barreto toma o tema futebol como motivo político para defender suas ideias sobre o jogo, Alcântara Machado o enfoca como elemento cultural já incorporado às formas de ser e de agir de uma parcela considerável do meio urbano de São Paulo e a ele dá força e a forma literária correspondente, bem à maneira do que propugnavam para a tarefa da arte, dali por diante, os modernistas de 1922.<sup>33</sup>

Desde o início, o futebol despertou diferentes reações entre os escritores, artistas e intelectuais. Enquanto alguns apoiavam a sua chegada ao país, outros o criticavam. Já vimos no tópico anterior que de um lado havia, por exemplo, Olavo Bilac, que apoiava o esporte no Brasil, e de outro, Lima Barreto, que era contra. Para aprofundarmos essa relação, tem-se um trecho do livro *Veneno remédio*, onde o autor aborda a visão de alguns escritores acerca do esporte:

A cena visível do futebol elitista dos inícios teve seu promotor inflamado no beletrista Coelho Neto, “o último dos helenos”, que lhe deu ares e avatares olímpicos, e seu crítico mais implacável no romancista mulato Lima Barreto, que viu na adoção do esporte inglês no Brasil a degradação da cultura intelectual, a afirmação de um poder tiranizador e truculento, e uma sobrecarga racista que a abolição havia atenuado. Nem um nem outro são tão óbvios quanto pode parecer à primeira vista.<sup>34</sup>

Percebe-se, mais uma vez, a visão dicotômica sobre a introdução do futebol no país, no final do século XIX e início do século XX. Porém, o autor alerta para o fato de que essas duas visões não são tão “engessadas” como se poderia supor, pois essa nova prática esportiva gerou, naquele tempo, os “dois lados da moeda”. Ao mesmo tempo em que essa prática foi uma maneira de contribuir para “modelar” a civilização brasileira, ela trouxe problemas para o comportamento do cidadão, visto que os conflitos que aconteciam entre os jogadores e torcedores geravam um tensionamento muito grande entre eles, influenciando a torcida e conseqüentemente uma parte da sociedade brasileira.

---

<sup>33</sup> NASCIMENTO. Da crônica jornalística ao conto de ficção: o futebol como forma literária, p. 70.

<sup>34</sup> WISNIK. *Veneno remédio*, p. 202.

Vejamos, a seguir, dois parágrafos do livro de Wisnik, sobre os dois escritores destacados nesse debate. No primeiro, sobre Coelho Neto, tem-se a explicação da defesa da introdução do futebol no Brasil:

Coelho Neto defende as propriedades cívico-patrióticas e eugenistas do futebol, capaz de se constituir num remédio contra a “degeneração da raça mestiça” que forma grande parte da nossa população (vale dizer, propugna por um branqueamento conduzido por *sportsmen* e alavancado pela disciplina física). Mas o seu espalhafatoso envolvimento com o esporte vai além do beletismo ideológico: pai dos jogadores Mano e Preguinho e torcedor do Fluminense, a ponto de comandar uma invasão de campo, munido de uma bengala, contra um pênalti marcado pelo juiz num jogo contra o Flamengo em 1916, praticante ele mesmo de capoeira, sem prejuízo das exortações pela disciplina esportiva e pela purificação da raça, Coelho Neto é uma espécie de Policarpo Quaresma de *pince-nez* às avessas, querendo salvar o Brasil através do esporte bretão que nos elevaria à Grécia antiga.<sup>35</sup>

Coelho Neto, para defender a introdução do futebol no Brasil, apresentava um argumento racista, pois considerava que o futebol poderia ser um “remédio” contra o processo de mestiçagem que ocorria no país. Sendo assim, o futebol iria “branquear” a sociedade brasileira, compensando a mistura entre brancos e negros. Outro fato importante é que o escritor tinha uma relação muito próxima com o esporte, pois era pai de dois jogadores e torcedor fanático do Fluminense, percebendo-se esse fanatismo através de sua invasão de campo num jogo contra o Flamengo, em 1916. Revela-se, assim, a ambiguidade desse discurso disciplinar ligado à introdução do futebol no Brasil.

Para atacar Coelho Neto e criticar a vinda do futebol ao Brasil, Lima Barreto escreveu, por exemplo, a crônica “Sobre o ‘football’”, publicada em 15 de agosto de 1918 no jornal *A Gazeta de Notícias*, deixando clara sua objeção ao esporte em geral.<sup>36</sup> Ele argumenta que o esporte é uma volta à barbárie, visto que ele gera muitos tensionamentos entre os praticantes, como se verifica na análise de Wisnik:

Lima Barreto, por sua vez, não cansa de satirizar o pseudo-helenismo burguês do escritor e pró-homem da eugenia esportiva [Coelho Neto], que confundiria com a Hélade o bairro onde morava, num Rio de Janeiro imaginário feito de Tessálias, Lacônias, Beócias e Élidas. Mas a sua crítica ao futebol é mais funda: no ambiente marcado pela guerra (suas crônicas sobre o assunto se notabilizam entre 1918 e 1922), ela é o mote de uma percepção do rebaixamento da cultura pelo fascínio da potência massiva do *sport*, do novo culto estilístico da concorrência violenta, índices de uma ostensiva regressão à barbárie (“retrocesso para a barbaria”, são as suas palavras). A

---

<sup>35</sup> WISNIK. *Veneno remédio*, p. 202.

<sup>36</sup> SENA. *A república do futebol: imagens literárias dos primeiros tempos*, p. 32. Nesse texto não há a transcrição da crônica, mas um comentário sobre ela. Tem-se também um comentário a respeito da “Liga contra o *football*”, que Lima Barreto fundou (p. 35).

seus olhos, a emergência da celebridade esportiva, que usurpa o lugar da vida literária, convive com a generalização degradante da música popular urbana, onde se confundem e nivelam o maxixe, o tango argentino e o foxtrote, danças “intencionalmente lascivas, provocantes e imorais”.<sup>37</sup>

Para Wisnik, as críticas de Lima Barreto ao futebol inseriam-se em uma visão mais ampla sobre a cultura, numa época em que a chamada “indústria cultural” já começava a se formar nas grandes cidades brasileiras:

Em sua guerra ao futebol, Lima Barreto chega a dizer que a redução da atividade intelectual ao “tal jogo de pontapés” produziria uma possível oxicefalia, espécie de alteração antropológica afetando o crânio, que assumiria a forma alongada, cônica ou pontuda de “cabeças de chuchu” ou em “pão de açúcar”, a se disseminar hereditariamente pelas gerações. (...) Mas o alcance mais geral da sua cruzada antifutebolística, mesmo com seus lances rebarbativos, moralistas e pseudocientíficos, faz pensar numa versão precoce, à brasileira, da crítica à indústria cultural: ela não se limita somente a atacar o arrivismo europeizante e endinheirado dos almofadinhas dos clubes *chics*, mas também o clima de degradação da cultura convertida num comércio rasteiro, para o qual contribuem certos literatos (histriões esquecidos da “dignidade do seu nome” e da “grandeza de sua missão”, como Afrânio Peixoto, além de Coelho Neto), a música popular urbana e o cinema, responsáveis pelo rebaixamento dos hábitos populares.<sup>38</sup>

Certamente, esse conflito entre Coelho Neto e Lima Barreto no período da popularização do futebol foi um dos mais famosos na história da literatura brasileira. Porém, vários outros escritores abordaram o tema neste período, apoiando uma determinada opinião e alavancando o debate a respeito do assunto. O pesquisador Marcelino Rodrigues da Silva enumera alguns autores favoráveis à introdução do esporte no Brasil:

Na primeira década do século, a chegada da “febre esportiva” foi saudada por figuras importantes do mundo das letras, como Olavo Bilac, Arthur Azevedo e o Barão do Rio Branco. Na década seguinte, o futebol teve entre seus entusiastas e beneméritos escritores como Afrânio Peixoto, Humberto de Campos e Coelho Neto.<sup>39</sup>

Havia também intelectuais que corroboravam com a ideia de Lima Barreto, criticando a inserção do futebol no país, como o escritor Graciliano Ramos:

São bastante conhecidas, por exemplo, as opiniões de escritores como Graciliano Ramos, para quem o futebol era “roupa de empréstimo, que não nos serve”, posição que remete ao debate sobre a dependência cultural e a construção da nacionalidade.<sup>40</sup>

---

<sup>37</sup> WISNIK. *Veneno remédio*, p. 202-203.

<sup>38</sup> WISNIK. *Veneno remédio*, p. 203-204.

<sup>39</sup> SILVA. *Cidade esportiva / cidade das letras*, p. 182.

<sup>40</sup> SILVA. *Cidade esportiva / cidade das letras*, p. 182.

No trecho acima, percebe-se que Graciliano Ramos se opõe à vinda do futebol ao Brasil por considerar que uma cultura vinda do exterior poderia rivalizar com a cultura nacional e, conseqüentemente, desvalorizá-la. Essa visão nacionalista era predominante entre os escritores contrários à incorporação do futebol na cultura brasileira. Por outro lado, tem-se informações a respeito de livros de dois escritores de épocas diferentes, Mário de Andrade, em 1928, e João Ubaldo Ribeiro, em 1970. Em ambos os livros, os personagens apresentam uma visão negativa do futebol, sendo, no primeiro caso, caracterizado como uma “praga” para o Brasil e, no segundo caso, como uma manifestação da malandragem brasileira:

Quando alguma alusão ou referência é feita, o futebol é visto como uma característica negativa da “identidade brasileira”. Em *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade, publicado em 1928, por exemplo, há três breves alusões à prática futebolística. O “herói da nossa gente” é, inclusive, apontado como o inventor do jogo, sendo o futebol caracterizado como uma das “três pragas”, ao lado do bicho-do-café e da lagarta-rosada. Por outro lado, o romance *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, apresenta a visão das elites econômicas sobre o futebol, na década de 1970, expressa na cena em que a personagem Lavínio inclui o futebol em sua síntese negativa sobre o caráter do brasileiro: “O brasileiro é mulher, cachaça, futebol, carnaval e molecagem, esta é a verdade”.<sup>41</sup>

Uma análise, a princípio mais isenta, sobre a implantação do futebol no Brasil é do escritor Gilberto Amado, ao observar que um dos motivos do futebol ter sido “abraçado” pela sociedade brasileira era justamente o fato de ele ser um “produto importado” dos ingleses:

“A única objeção que se poderia fazer ao *foot-ball* (...) é não ser original brasileiro”. Escrita no ano do centenário da independência por Gilberto Amado, a frase sintetizava o sentimento que tomava conta de muitos dos que se impressionavam frente à força demonstrada por esse jogo no país quando se abria a década de 1920. A explicação para o fenômeno era dada pelo próprio autor, que afirmava ser “de elementar observação que, se fosse nacional, o futebol não teria nenhum prestígio”. Após aparecer no país como um esporte estrangeiro, foi sua suposta modernidade, assentada em padrões europeus, que sustentara o seu crescimento – tanto entre os *sportmen* quanto para aqueles que tomaram o jogo para si. Embora difundido por todos os grupos, por todos os bairros, por todas as classes, o futebol mantinha seu perfil importado, aparecendo ainda como uma técnica vinda de fora sobre a qual os brasileiros começavam a ter domínio.<sup>42</sup>

Assim, percebe-se que o futebol, como um produto importado da Inglaterra, se tornaria cada vez mais popular no Brasil, se consolidando num período de transição entre a República Velha e o primeiro governo de Getúlio Vargas. Com o processo de

---

<sup>41</sup> SENA. A república do futebol: imagens literárias dos primeiros tempos, p. 27.

<sup>42</sup> PEREIRA. *Footballmania*, p. 303.

popularização do futebol em expansão, a imprensa esportiva também cresce. No trecho abaixo, retirado do texto de Nascimento, tem-se a demonstração desse processo, pela ascensão dos jornais diários especializados em esporte:

Assim, os primeiros diários esportivos a fazer sucesso no Brasil surgiram na década de 1930, por exemplo, num processo concomitante com a chegada do profissionalismo no campo do próprio futebol. Antes disso, porém, não havia manchetes de primeira página sobre eventos esportivos, embora esses sempre fossem registrados nas páginas internas dos jornais.<sup>43</sup>

Nesse período, um importante personagem da crônica esportiva brasileira contribuiu para a disseminação desse gênero literário nos jornais, e, além disso, ajudou a estimular e a popularizar o futebol por todo o país. Esse personagem foi o jornalista Mário Filho. Num trecho do texto “A vitória do futebol que incorporou a pelada”, Lopes fala sobre a importância desse jornalista para a crônica esportiva e para o próprio futebol:

Mário Filho e sua prática na imprensa esportiva dos anos 30 consegue contribuir para inverter o perigo de enfraquecimento do futebol, transformando-o em espetáculo para o grande público; suas campanhas, seus concursos e conceitos encontraram grande receptividade. Em 1936, ele compra, com a ajuda dos presidentes do Flamengo e do Fluminense, que lhe garantem os credores, um jornal esportivo fundado na mesma época que *O Mundo Esportivo* e que estava falindo: o *Jornal dos Sports*.<sup>44</sup>

Além de sua forte participação na imprensa escrita e como um dos estimuladores da construção do estádio do Maracanã, como visto no tópico anterior, outra importante contribuição para o futebol ainda seria feita por Mário Filho, que foi o lançamento de seu livro *O negro no futebol brasileiro*, afirmando a posição do negro dentro do cenário futebolístico no país:

Com sua técnica refinada e seus movimentos originais, esses jogadores iam fazendo do futebol um jogo brasileiro, uma tradição tropical capaz de ressaltar frente ao mundo o valor do país. Cristalizada em 1947 pela publicação de *O negro no futebol brasileiro*, escrito por Mário Filho e prefaciado por Gilberto Freire, essa percepção fazia com que finalmente jornalistas e intelectuais reconhecessem uma presença negra nos gramados que já se fazia notar desde os primeiros tempos do futebol na cidade. Firmava-se, assim, uma visão harmônica e linear sobre a história do futebol na capital do país, na qual o preconceito teria sido progressivamente superado na afirmação nos campos de uma mesma imagem nacional onde não parecia haver mais lugar para tensões e conflitos.<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> NASCIMENTO. Da crônica jornalística ao conto de ficção: o futebol como forma literária, p. 64.

<sup>44</sup> LOPES. A vitória do futebol que incorporou a pelada, p. 77.

<sup>45</sup> PEREIRA. *Footballmania*, p. 343.

A partir de Mário Filho, a imprensa futebolística ganha uma nova face, visto que o jornalista, que iria apoiar o desenvolvimento do futebol ao longo de sua carreira, introduziu o tema do negro nos debates jornalísticos. Como afirma o professor de História Moderna da UFRJ Francisco Carlos Teixeira da Silva, na orelha da quinta edição do livro do jornalista:

Esse é o tema maior de Mário Filho: a apropriação do futebol europeu, britânico em suas origens, e sua reinvenção pelo negro, agora como parte da resistência cultural, rompendo com as regras das elites nacionais, abrindo as portas das equipes de futebol para o povo e conquistando para sempre o coração de todos os brasileiros.<sup>46</sup>

Nesse período de consolidação do futebol no país, através da incorporação de todos os setores sociais, percebe-se que as crônicas esportivas dos jornais contribuíram muito para esse processo, pois elas, em sua maioria, apoiavam a “febre esportiva” que se disseminava no país. Mesmo as crônicas contrárias à vinda do esporte, como as de Lima Barreto, contribuíram para a sua disseminação, pois elas davam visibilidade ao tema e, conseqüentemente, o assunto se tornava cada vez mais popular.

Ainda dentro do campo literário, o futebol era colocado cada vez mais como uma marca da identidade do povo brasileiro, sendo tratado de forma eufórica por grande parte dos escritores e jornalistas. No texto de Nascimento, informa-se que o crítico literário Álvaro Lins afirmou que o primeiro romance a abordar o futebol de maneira direta foi *Água-Mãe*, de José Lins do Rego, publicado em 1941:

O crítico literário Álvaro Lins, por exemplo, acusa a presença do futebol na literatura brasileira de ficção através do romance de José Lins do Rego, *Água-mãe*, cuja primeira edição, de 1941, apresenta um jogador de futebol como uma das suas principais figuras. Porém, é só depois de 1940 que o futebol começa a atrair a atenção de maior número de autores brasileiros, os trabalhos predominantes pertencendo à categoria da crônica e sendo raros os no romance, no conto, na poesia, no teatro e no cinema.<sup>47</sup>

Apesar do futebol se popularizar a partir da década de 1910, os livros tratando do tema não cresciam na mesma proporção, mesmo com a popularização de alguns escritores e jornalistas através de suas crônicas nos principais jornais do país. Milton Pedrosa aborda, no texto introdutório de *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*, livro pioneiro publicado em 1967, o pouco interesse dos intelectuais brasileiros pela

---

<sup>46</sup> FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 346 (contracapa).

<sup>47</sup> NASCIMENTO. Da crônica jornalística ao conto de ficção: o futebol como forma literária, p. 66. Importante acrescentar que, no mesmo ano da publicação de *Água-Mãe* (1941), Thomaz Mazzoni publicou, sob o pseudônimo de Olympicus, o romance *Flô, o goleiro melhor do mundo*, considerado por alguns autores como o primeiro romance brasileiro sobre o futebol.

produção de livros e pesquisas envolvendo o esporte no período abarcado pela obra (dos anos 1910 até os anos 1960). Por outro lado, constata que a população brasileira dava pouca importância aos livros, certamente também por suas difíceis condições econômicas. Segundo Pedrosa:

(...) o grosso dos torcedores foi composto de membros das classes mais modestas e, em menor parcela, da classe média (muitos jogadores, ontem como hoje, são naturais do campo). Nem dispunham de capacidade de compra de livros, nem para eles o livro representava necessidade. Isso enquanto, para uma população de 30, 40, 50 ou 60 milhões, uma edição de 3000 exemplares de qualquer obra era tida como além do normal e as de 5000 exemplares, exceções. Assim, a massa de adeptos do futebol não buscava livros que tratassem de futebol (não podia adquiri-los ou por eles não se interessava) e o escritor não tinha a quem vendê-los. Portanto, porque escrever sobre ele?<sup>48</sup>

Dessa forma, estudar, pesquisar e escrever livros tratando do futebol não poderia ser muito comum. Porém, com o passar dos anos, graças à popularização do esporte e ao maior acesso das pessoas à leitura, a procura pelas publicações de livros abordando o tema aumentou, afetando diretamente o desenvolvimento dos estudos na própria academia.

Num movimento que começa, aproximadamente, no final da década de 1970 e início da década de 1980, vem se desenvolvendo no Brasil um consistente campo de estudos acadêmicos sobre o futebol, iniciado em disciplinas como a História, a Sociologia e a Antropologia e atingindo, progressivamente, outros campos de estudo, como a Comunicação e as Letras. Como exemplos desse desenvolvimento, temos os casos do NEPESS (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade), do Departamento de História da UFF, fundado em 2005;<sup>49</sup> e do FULIA (Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes), da Faculdade de Letras da UFMG, primeiro grupo de pesquisas da área de Letras dedicado ao futebol, fundado em 2010 pelos professores Elcio Loureiro Cornelsen, Gunther Augustin, Luciane Corrêa Ferreira e Marcelino Rodrigues da Silva. Sobre esse desenvolvimento da pesquisa no campo das Letras em relação ao futebol, o texto “Futebol brasileiro: invenção modernista”, de Marcelino

---

<sup>48</sup> PEDROSA. *Gol de letra*, p. 25.

<sup>49</sup> O NEPESS foi fundado pelos pesquisadores Bernardo Buarque de Hollanda, Martin Curi, Marcos Alvito e Renato Lana. O núcleo é responsável pela revista *Esporte e Sociedade* ([www.esportesociedade.com](http://www.esportesociedade.com)), uma das mais importantes publicações brasileiras sobre futebol e cultura. Outros grupos de pesquisa importantes poderiam ser citados, como o GEFuT (Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas), da UFMG, e o LUDENS (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas), da USP.

Rodrigues da Silva, é uma importante contribuição. No trecho abaixo, o autor busca ampliar a percepção da relação entre o futebol e a literatura no Brasil, observando que:

Seria, no entanto, muito simplista considerar que esse relativo desinteresse dos intelectuais, artistas e escritores pelo futebol implica numa ausência de relações entre os dois campos. Uma resposta alternativa a essa questão talvez possa ser encontrada se nos deslocarmos do centro da tradição literária e artística e procurarmos essas relações na multiplicidade de discursos que a sociedade produz a partir do esporte: os hinos e os cantos das torcidas, os livros sobre a história dos clubes, as memórias, biografias e autobiografias das personagens do mundo do futebol, os “causos” e anedotas, a publicidade e toda multiplicidade de gêneros jornalísticos e de entretenimento na imprensa, no rádio e na televisão.<sup>50</sup>

A partir desse deslocamento, percebe-se que o futebol começa a se inserir no campo das artes muito antes do que se imaginava, saindo da tradição literária e se consolidando em outros ramos da escrita. Ainda no texto citado acima, percebe-se o quanto o futebol se relacionou e ainda pode se relacionar fortemente com as artes, fora do circuito tradicional da produção literária, mas se inserindo em outras modalidades de discursos produzidos pela sociedade, como o jornalismo esportivo:

Adquirindo, dessa forma, uma relativa autonomia em relação ao esporte enquanto prática, esse universo quase delirante de produção discursiva cria uma zona fronteira por meio da qual futebol, arte e literatura podem entrar em contato, para além da simples utilização temática de elementos do universo esportivo em obras de arte e literatura e das eventuais incursões de escritores e artistas consagrados no jornalismo esportivo. Especialmente em gêneros como a charge, a anedota, o “causo” e a crônica esportiva, nos quais pode ser detectada, sem grande dificuldade, a presença de uma linguagem que explora sistematicamente suas potencialidades e se aventura deliberadamente pela ficção, qualidades tradicionalmente identificadas com o campo artístico. Promovendo a contínua reinterpretação e recriação dos acontecimentos e personagens do mundo esportivo, esses discursos e representações contaminam e chegam mesmo a determinar o modo como fruímos, vivemos e praticamos o esporte, criando a brecha por meio da qual a ficção invade a realidade e a vida imita a arte.<sup>51</sup>

Apesar da passagem de Milton Pedrosa, em que se observa que a produção de livros que tematizava o futebol era proporcionalmente bem menor que a importância que esse esporte tinha para a população, pode-se considerar que nos dias atuais essa produção é bem mais significativa, como aponta Edônio Alves Nascimento: “Atualmente, é bom salientar, esse panorama se encontra consideravelmente modificado com uma publicação já extensiva de obras literárias que tomam o futebol como tema e

---

<sup>50</sup> SILVA. Futebol brasileiro: invenção modernista, p. 5.

<sup>51</sup> SILVA. Futebol brasileiro: invenção modernista, p. 5-6.

que estão formalizadas nos mais diferentes gêneros da literatura: da poesia ao romance, do ensaio ao teatro, por exemplo”.<sup>52</sup>

Concluo, então, este capítulo observando que a relação entre o futebol, as artes e a literatura no Brasil se deu de forma tensa. A literatura foi o tema mais comentado, por se tratar de uma dissertação sobre uma obra literária. Considerando as divergências geradas no início da introdução do esporte, principalmente entre escritores como Coelho Neto e Lima Barreto, percebe-se que ocorreram vários tensionamentos até a definitiva assimilação do futebol como tema de interesse literário. A crônica tem um papel importante, contribuindo para a própria popularização e transformação do esporte em uma marca da identidade brasileira. Nos dias de hoje, o futebol é ainda mais valorizado mesmo em gêneros como a poesia, o conto e o romance, assim como em outras artes e até mesmo na pesquisa acadêmica.

---

<sup>52</sup> NASCIMENTO. Da crônica jornalística ao conto de ficção: o futebol como forma literária, p. 66. Obs.: Esse texto foi publicado em 2014.

## Capítulo 2

### Futebol, linguagem e literatura em Drummond

Após o primeiro capítulo desta dissertação, onde apresentei a história do futebol e sua relação com a literatura no Brasil, irei desenvolver, neste segundo capítulo, o entrelaçamento entre o futebol e a linguagem dentro da obra de Carlos Drummond de Andrade *Quando é dia de futebol*. No primeiro subcapítulo, essa relação será trabalhada conceitualmente, tomando como ponto de partida o famoso artigo “O gol fatal”, escrito por Pier Paolo Pasolini em 1970, logo após assistir à final da Copa do Mundo daquele ano, entre Brasil e Itália, no qual ele criou os conceitos de “futebol de prosa” e “futebol de poesia”. Esses conceitos serão mais bem analisados no segundo subcapítulo, intitulado “Futebol de prosa e futebol de poesia”. No terceiro subcapítulo, intitulado “A prosa do futebol em Drummond”, irei abordar a relação entre o futebol e a prosa na obra de Drummond. E no quarto e último subcapítulo, intitulado “A poesia do futebol em Drummond”, irei abordar a relação entre o futebol e a poesia também dentro da obra de Drummond.

#### 2.1 O futebol como linguagem

No presente subcapítulo, abordarei a relação entre o futebol e a linguagem e, mais precisamente, como o próprio futebol pode ser analisado como uma linguagem, como um conjunto de signos que constroem e remetem a determinadas significações. No trecho do artigo do professor e pesquisador da UFMG Marcelino Rodrigues da Silva, tem-se uma tentativa de estabelecer essa relação:

Tentando contribuir com essa discussão, concluí em 1997 a dissertação de Mestrado em Teoria da Literatura *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, onde os textos desse autor serviam como exemplo para uma discussão teórica sobre os processos por meio dos quais a sociedade investe no futebol significações que extrapolam o campo esportivo. A ideia central, de certo modo aproximada à de Wisnik, era a de que o jogo, como prática, tem uma sistematicidade formal semelhante à da linguagem, mas só adquire significação na medida em que é interpretado e posto em relação com o que está fora dele. Nesse processo, a transformação do futebol num espetáculo, capaz de mobilizar a atenção de um público de enormes proporções e motivar a produção de uma verdadeira infinidade de discursos, cumpriria a função de lançar os signos esportivos numa gigantesca teia interpretativa, que desloca incessantemente essas significações, conectando-as a outros campos da vida humana. Por sua variedade polifônica e sua

presença massiva nos meios de comunicação, os discursos do jornalismo esportivo cobririam uma parte importante dessa teia, abrigando dentro dele gêneros como a crônica, a charge e a anedota humorística, mais livres da chamada “objetividade jornalística” e conseqüentemente mais propensos a efetuar esses deslocamentos de sentido. Com seu desprezo pelos “idiotas da objetividade”, sua verve tragicômica e sua retórica às avessas, as crônicas de Nelson Rodrigues exemplificavam de modo eloquente essa hipótese.<sup>53</sup>

Percebe-se, então, que o futebol apresenta, assim como a linguagem, um complexo sistema de inter-relações entre os signos que dão significado a ele. São esses signos que fazem com que um determinado público se interesse e se identifique com essa prática esportiva. De modo semelhante, no famoso artigo de Pier Paolo Pasolini, “O gol fatal”, há uma aproximação entre o futebol e a linguagem e um esforço para compreender o esporte como uma linguagem:

O que é uma língua? “Um sistema de signos”, responde de modo hoje mais exato um semiólogo. Mas esse “sistema de signos” não é apenas, necessariamente, uma língua escrita-falada (esta que usamos agora, eu escrevendo e você, leitor, lendo). Os “sistemas de signos” podem ser muitos. Tomemos um caso: eu e você, leitor, estamos numa sala onde também estão presentes [o jornalista e ex-porta-voz do presidente italiano Alessandro Pertini, Antonio] Ghirelli e [o jornalista esportivo da Itália Gianni] Brera, e você quer me dizer algo sobre Ghirelli que Brera não deve ouvir. A situação impede que você me fale por meio do sistema de signos verbais, e então é preciso recorrer a um outro sistema de signos, por exemplo, o da mímica: aí você começa a revirar os olhos, a entoar a boca, a agitar as mãos, a ensaiar gestos com os pés etc.

Você é o “cifrador” de um discurso “mímico” que eu decifro: isso significa que possuímos em comum um código “italiano” de um sistema de signos mímico.<sup>54</sup>

No trecho acima, Pasolini explica a expressão “sistema de signos”, sendo basicamente um conjunto de códigos que podem ser verbais, visuais, mímicos etc., servindo para que duas ou mais pessoas possam se comunicar e interagir, constituindo o que conhecemos como a *linguagem*, com todas as suas relações. Assim, o futebol também funciona como um sistema de signos, que serve para constituir esse esporte e fazer com que ele seja inteligível para um determinado público, como diz a citação a seguir: “Outro sistema de signos não-verbal é o da pintura; ou o do cinema; ou o da moda (objeto de estudo de um mestre nesse campo, Roland Barthes) etc. O jogo de futebol também é um ‘sistema de signos’, ou seja, é uma língua, ainda que não verbal”..<sup>55</sup>

O cineasta afirma, acima, que além do futebol, qualquer forma de expressão humana, seja ela a arte, o esporte ou qualquer produto produzido pelo homem funciona

---

<sup>53</sup> SILVA. Nas margens do futebol, a literatura (e vice-versa), p. 8-9.

<sup>54</sup> PASOLINI. O gol fatal, p. 1-2.

<sup>55</sup> PASOLINI. O gol fatal, p. 2.

como um sistema de signos que dialoga com o seu público. Ao aprofundar-se na análise, o cineasta italiano descreve como funciona esse “sistema de signos” constituído pelo futebol, sendo a linguagem produzida por esse esporte:

De fato, as “palavras” da linguagem do futebol são formadas exatamente como as palavras da linguagem escrita-falada. Ora, como se formam estas últimas? Formam-se por meio da chamada “dupla articulação”, isto é, por infinitas combinações dos “fonemas” – que, em italiano, são as 21 letras do alfabeto. Os “fonemas” são, pois, as “unidades mínimas” da língua escrita-falada. Se quisermos nos divertir definindo a unidade mínima da língua do futebol, podemos dizer: “Um homem que usa os pés para chutar uma bola”. Aí está a unidade mínima, o “podema” (se quisermos continuar a brincadeira). As infinitas possibilidades de combinação dos “podemas” formam as “palavras futebolísticas”; e o conjunto das “palavras futebolísticas” constitui um discurso, regulado por normas sintáticas precisas.<sup>56</sup>

Ainda no artigo de Pasolini, tem-se uma explicação de como funcionariam os “podemas” (unidades mínimas do futebol, similares ao que seriam os fonemas no campo da linguagem), constituindo-se, através deles, a linguagem do esporte, o que levaria, posteriormente, a uma sintaxe do futebol:

Os “podemas” são 22 (mais ou menos como os fonemas): as “palavras futebolísticas” são potencialmente infinitas, porque infinitas são as possibilidades de combinação dos “podemas” (o que, em termos práticos, equivale às passagens da bola entre os jogadores); a sintaxe se exprime na “partida”, que é um verdadeiro discurso dramático.<sup>57</sup>

Segundo a analogia de Pasolini, o futebol se constitui de unidades mínimas – “um homem que chuta uma bola” –, os podemas, que se combinam infinitamente, gerando as jogadas do esporte (as “palavras futebolísticas”) e, conseqüentemente, toda a sua sintaxe (que seria o jogo completo), constituindo a prática esportiva em si. A partir daí, poderemos começar a entender como esses “signos” são interpretados pelas pessoas, causando nelas uma grande paixão. Silva aborda essa relação específica entre os “signos” do futebol e o seu público:

Em todas essas formulações, como em muitas outras, a utilização de categorias afins aos estudos da linguagem e da literatura assinala o reconhecimento de que a prática esportiva, quando transformada em espetáculo, se torna uma espécie de campo simbólico, assumindo do ponto de vista do público uma série de relações com outros domínios da vida. A alternativa entre vitória e derrota, a marcha do placar e dos campeonatos, a bola rolando sobre o campo gramado a céu aberto, os erros e acertos do juiz, o comportamento e o estilo de jogo dos atletas, os clubes e seus emblemas e

---

<sup>56</sup> PASOLINI. O gol fatal, p. 3.

<sup>57</sup> PASOLINI. O gol fatal, p. 3.

tradições; enfim, os personagens, acontecimentos e instituições que compõem o mundo fechado do jogo se tornam significantes, remetendo a coisas que estão fora do jogo.<sup>58</sup>

A partir do trecho acima, percebe-se que os significantes do futebol são interpretados pelos torcedores para além do jogo, levando seus significados para a sua vida e reelaborando-os para fora dos gramados. Isso pode ser visto, por exemplo, quando se usa metaforicamente o jargão do futebol, quando alguém diz que vai elaborar uma “tática” (um planejamento) para conquistar uma vitória na sua vida profissional ou familiar, ou quando se compara a má administração de um clube com a má administração de uma casa ou de suas finanças. Outro trecho desse mesmo texto aprofunda a análise sobre essa relação entre os signos do futebol e seus reflexos na vida social:

Isso pode ser visto nos primeiros trabalhos que, a partir do final da década de 1970, começaram a fazer do futebol um assunto de interesse acadêmico. Um bom exemplo pode ser dado pelo importante ensaio “Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social?”, em que Roberto DaMatta (1986) se vale do conceito de “drama social” (inspirado em Max Gluckman e Victor Turner) para pensar sobre as relações entre o esporte e a sociedade brasileira. “Um dos pressupostos básicos da ideia de drama social”, explica DaMatta, “é que uma sociedade sempre se reproduz a si mesma em quaisquer domínios sociais que institui em seu meio”. Desse modo, continua o antropólogo, o futebol “seria um modo específico – entre outros – pelo qual a nossa sociedade fala, apresenta-se, revela-se, exibe-se, deixando-se descobrir”.<sup>59</sup>

Nesse trecho, Silva aborda a visão do antropólogo Roberto DaMatta a respeito da relação entre os signos do futebol e a vida cotidiana de cada torcedor, demonstrando que o futebol seria uma manifestação simbólica do que seria a sociedade brasileira. Outro exemplo dessa analogia entre o futebol e a vida comum dos cidadãos são as regras do esporte que, assim como as leis, são uma forma de harmonizar os conflitos existentes entre as pessoas envolvidas. Porém, o futebol é apenas uma das manifestações da sociedade brasileira, visto que outras formas de produção cultural podem ser consideradas de modo semelhante (tais como a música, o cinema, a literatura, e outros esportes), pois vivemos num país muito diversificado do ponto de vista social, econômico, geográfico, étnico e cultural.

A relação entre o futebol e a linguagem também é abordada por José Miguel Wisnik, no livro *Veneno remédio*. Ao estudar as ideias de Pasolini contidas no ensaio

---

<sup>58</sup> SILVA. Nas margens do futebol, a literatura (e vice-versa), p. 4.

<sup>59</sup> SILVA. Nas margens do futebol, a literatura (e vice-versa), p. 3.

“O gol fatal”, o autor nos mostra o modo particular como o cineasta italiano se envolvia com o futebol, uma de suas principais paixões:

A sua paixão pelo futebol é uma paixão do real, sem afetações ou restrições moralistas. O futebol era para ele o terreno em que se dava ainda o grande teatro e o rito da presença, expondo ao vivo, em corpo e espírito, um largo espectro da escala humana. Sendo assim, uma zona de contatos lúdicos, primária e refinada, física e metafísica, que desafia e desencadeia o desnudamento da existência autêntica. Por isso mesmo, afirmava que jogar futebol era um dos seus maiores prazeres, junto da literatura, do *eros* e do cinema, além de ser, como para Albert Camus ou Eugenio Evtuchenko, um campo de aprendizado total, uma espécie de romance de formação.<sup>60</sup>

No trecho acima, percebe-se a paixão de Pasolini pelo futebol e, mais do que isso, como esse esporte se entrelaça profundamente com a vida cotidiana de cada um, sendo, para ele, “um aprendizado total” e uma espécie de “romance de formação”. Num outro trecho do mesmo livro, Wisnik aponta mais uma vez a visão apaixonante de Pasolini em relação ao futebol:

Na verdade, era nesse ponto de estrangulamento, de certa forma desesperado, inquieto e fecundo, que a sua paixão viva não se deixava anular nem separar de sua consciência crítica, exigindo ver o futebol ao mesmo tempo *de dentro e de fora*, suportando a consciência daquilo que ele tem de alienante e manipulado em nome daquilo que tem de autêntico, memorável, apaixonante e inesperado – em outros termos, bem seus, naquilo que ele tem de popular e real.<sup>61</sup>

Para finalizar esta primeira parte do capítulo, cito outro trecho do livro *Veneno remédio*, em que Wisnik explicita sua ideia geral sobre os artigos de Pasolini, que irá permear todo o desenvolvimento dos próximos capítulos desta dissertação: “O futebol é uma língua geral que acontece numa zona limiar entre tempos culturais que se entremeiam. É essa a maior consequência, conforme assinalei, dos artigos de Pasolini sobre a prosa e a poesia do futebol”.<sup>62</sup>

## 2.2 Futebol de prosa e futebol de poesia

Para continuar a discussão sobre as relações entre o futebol e a linguagem, o presente subcapítulo irá apresentar e analisar os conceitos de “futebol de prosa” e “futebol de poesia”, elaborados por Pasolini. Se o futebol possui uma estrutura análoga

---

<sup>60</sup> WISNIK. *Veneno remédio*, p. 15.

<sup>61</sup> WISNIK. *Veneno remédio*, p. 15.

<sup>62</sup> WISNIK. *Veneno remédio*, p. 20.

à da linguagem, em que os podemas desempenham as mesmas funções que os fonemas de uma língua, o encadeamento desses podemas forma um discurso que se manifesta em diferentes estilos de jogo e linguagens artísticas, que caracterizam as escolas futebolísticas mais importantes.

Wisnik demonstra a relação entre o futebol e a linguagem de acordo com Pasolini, já iniciando a transposição dos conceitos de prosa e poesia<sup>63</sup> para o futebol:

Pasolini dizia que o futebol é uma linguagem, e comparava jogadores italianos com escritores seus contemporâneos, vendo analogias entre os estilos e as atitudes inerentes aos seus “discursos”. Mais do que isso, falava, escrevendo em 1971, de um futebol jogado em *prosa*, predominante na Europa, e de um futebol jogado como *poesia*, referindo-se ao futebol sul-americano, e, em particular, ao brasileiro.<sup>64</sup>

Ainda sobre essa visão pasoliniana do futebol, Wisnik continua:

O mote pasoliniano, formulado num momento muito particular do apogeu do futebol-arte, em que a distinção entre a prosa e a poesia futebolística era de uma evidência e de uma pertinência centrais, permanece, a meu ver, como um modelo simples e estimulante para comentar, mesmo quando pelo avesso, as transformações do futebol durante esses tempos e a insistente natureza *elíptica* do futebol brasileiro – sua ancestral compulsão a driblar a linearidade do esporte britânico.<sup>65</sup>

Vejam, agora, um trecho do próprio artigo “O gol fatal”, onde Pasolini elabora os conceitos de “futebol de prosa” e “futebol de poesia”:

Quem são os melhores dribladores do mundo e os melhores fazedores de gols? Os brasileiros. Portanto, o futebol deles é um futebol de poesia e, de fato, está todo centrado no drible e no gol.

A retranca e a triangulação é futebol de prosa: baseia-se na sintaxe, isto é, no jogo coletivo e organizado, na execução racional do código. O seu único momento poético é o contrapé seguido do gol (que, como vimos, é necessariamente poético). Em suma, o momento poético do futebol parece ser (como sempre) o momento individualista (drible e gol; ou passe inspirado).<sup>66</sup>

---

<sup>63</sup> A prosa é geralmente definida como o texto construído linearmente e disposto em parágrafos. Já a poesia, tradicionalmente, baseia-se no verso, ou frase poética, que é uma construção textual em que se privilegia o ritmo e a musicalidade. Em seu ensaio “Prosa e verso”, Octavio Paz afirma: “O prosista busca a coerência e a clareza conceptual. Por isso resiste à corrente rítmica que, fatalmente, tende a manifestar-se em imagens e não em conceitos. (...) A prosa, que é primordialmente um instrumento de crítica e análise, exige uma lenta maturação e só se produz após uma longa série de esforços tendentes a dominar a fala. (...) A figura geométrica que simboliza a prosa é a linha: reta, sinuosa, espiralada, zigzagueante, mas sempre para diante e com uma meta precisa. Daí que os arquétipos da prosa sejam o discurso e o relato, a especulação e a história. O poema, pelo contrário, apresenta-se como um círculo ou uma esfera: algo que se fecha sobre si mesmo, universo auto-suficiente e no qual o fim é também um princípio que volta, se repete e se recria. E esta constante repetição e recriação não é senão o ritmo, maré que vai e que vem, que cai e se levanta.” (PAZ, *Prosa e verso*, p. 12-13)

<sup>64</sup> WISNIK. *Veneno remédio*, p. 13.

<sup>65</sup> WISNIK. *Veneno remédio*, p. 14.

<sup>66</sup> PASOLINI. *O gol fatal*, p. 5.

Pasolini se pergunta quem são os melhores dribladores do mundo, e ele mesmo responde que são os brasileiros. Em seguida, inicia uma análise do “futebol de prosa”, sendo que sua conclusão é a de que, mesmo nesse estilo, a poesia está presente para finalizar a jogada. Continuando sua análise sobre os estilos de jogo, Pasolini afirma:

O futebol de prosa é o do chamado sistema (o futebol europeu). Nesse esquema, o gol é confinado à conclusão, possivelmente por um “poeta realista” como Riva, mas deve derivar de uma organização de jogo coletivo, fundado por uma série de passagens “geométricas”, executadas segundo as regras do código (nisso Rivera é perfeito, apesar de Brera não gostar, porque se trata de uma perfeição meio estetizante, não-realista, como a dos meio-campistas ingleses ou alemães).

O futebol de poesia é o latino-americano. Esquema que, para ser realizado, demanda uma capacidade monstruosa de driblar (coisa que na Europa é esnobada em nome da “prosa coletiva”): nele, o gol pode ser inventado por qualquer um e de qualquer posição. Se o drible e o gol são o momento individualista-poético do futebol, o futebol brasileiro é, portanto, um futebol de poesia. Sem fazer distinção de valor, mas em sentido puramente técnico, no México [em 1970] a prosa estetizante italiana foi batida pela poesia brasileira.<sup>67</sup>

Pasolini faz uma distinção clara entre o “futebol de prosa” e o “futebol de poesia”, elaborando essa distinção a partir das características apresentadas pelo futebol europeu, caracterizando-o como “futebol de prosa”; e pelo futebol latino-americano, como “futebol de poesia”. Essa distinção se dá, principalmente, pelo estilo de jogo praticado em cada lugar. Observando esses dois estilos, percebe-se que o futebol latino-americano apresenta como característica principal o drible, em que um jogador, possuindo uma qualidade peculiar de domínio de bola, passa pelos marcadores sem precisar tocá-la para outro jogador, e consegue eventualmente chegar ao objetivo final do futebol, que é o gol. Sendo assim, esse jogador distingue-se da maioria dos jogadores europeus. No caso do futebol europeu, tem-se como característica principal a disciplina tática, de modo que não um jogador, mas vários participam coletivamente da organização da jogada até chegar ao gol adversário. Sendo assim, tanto o “futebol de prosa” quanto o “futebol de poesia” seriam formas peculiares de usar a linguagem do esporte, utilizadas pelos jogadores que, através do encadeamento dos podemas, transmitiriam aos torcedores os sentidos e as emoções do jogo.

O professor e pesquisador da UFMG Elcio Loureiro Cornelsen explica melhor o que seriam o “futebol de prosa” e o “futebol de poesia”:

---

<sup>67</sup> PASOLINI. O gol fatal, p. 5.

Por sua vez, a distinção de gêneros que Pasolini estabelece entre “*futebol de prosa*” e “*futebol de poesia*” refletiria “subcódigos” da linguagem do futebol: “Há futebol cuja linguagem é fundamentalmente de prosa e outros cuja linguagem é poética”. De certa forma, é lugar comum a associação entre futebol e literatura, na medida em que jornalistas especializados ou simplesmente amantes do futebol definem lances, jogadas e gols como momentos “poéticos”. Esse é, por exemplo, o caso de José Miguel Wisnik, músico, escritor e professor de literatura brasileira. Indagado sobre qual seria o mais belo gol, Wisnik apontou o primeiro gol de Romário contra a seleção da Holanda, na Copa de 1994, e o definiu da seguinte forma: “Gols como esse são lances de pura precisão poética, intraduzíveis no ramerrão da prosa. Numa rigorosa elipse paradoxal, Romário chuta não chutando”.<sup>68</sup>

No trecho acima, pode-se perceber que o lance do primeiro gol de Romário contra a seleção da Holanda, na Copa de 1994, mais precisamente o momento em que ele toca na bola, após um cruzamento de Bebeto, e “chuta não chutando”, seria um “podema”. Ou seja, uma unidade mínima da linguagem do jogo, que serve para levar ao momento culminante do gol. Portanto, um “podema” com função poética, assumindo nesse caso uma forma elíptica. Essa “unidade mínima poética” seria uma linguagem transmitida e compreendida pelos torcedores “amantes” da seleção brasileira. E, através dessa “unidade mínima poética”, percebe-se a importância que um toque na bola pode ter, pois é a partir desse toque isolado que são criadas as jogadas mais espetaculares dentro das quatro linhas, definindo as vitórias mais importantes de um clube ou de uma seleção. Ainda no campo da linguagem futebolística, Cornelsen, através do olhar pasoliniano, elabora mais uma afirmação a respeito do “futebol de prosa” e do “futebol de poesia”:

Por sua vez, quanto a esquemas táticos, Pasolini diferencia entre o esquema do “futebol de poesia” e o esquema do “futebol de prosa”, sendo que este último seria caracterizado pela sintaxe, pela organização e pelo senso coletivo com que seria praticado: “O futebol de prosa é o do chamado sistema (o futebol europeu)”. Portanto, no esquema europeu segundo Pasolini a sintaxe de conjunto seria, por um lado, sustentada pela “prosa” e, por outro, concluída pelo momento de “poesia”.<sup>69</sup>

Sendo assim, para que se realize o “futebol de prosa”, é preciso um conjunto de podemas, que formaria a sintaxe do futebol, sendo essa sua característica marcante, na qual a organização coletiva do time se sobressai a um momento individual, valorizando-se as tabelas e as triangulações entre os jogadores. Já o “futebol de poesia” poderia ser realizado através de um único “podema”, quando apenas um toque do jogador na bola poderia indicar a linguagem desse estilo de jogo. Porém, mesmo no “futebol de poesia”

---

<sup>68</sup> CORNELSEN. *Caligrama*, p. 179.

<sup>69</sup> CORNELSEN. *Caligrama*, p. 189.

é necessário um conjunto de podemas para se chegar ao gol, visto que, ainda que apenas um jogador faça a jogada, é preciso que ele toque mais de uma vez na bola.

Wisnik também aborda a distinção entre o “futebol de prosa” e o “futebol de poesia” sob a perspectiva de Pasolini, porém destacando a associação de um determinado estilo de jogo com as formas literárias mais próximas a ele:

Apesar de seu caráter apenas indicativo, Pasolini não falava de poesia no sentido vago e costumeiro de uma “aura” lírica qualquer a cercar o futebol. Também não estava projetando “conteúdos” narrativos para dentro do campo. Em vez disso, influenciado, e não sem humor, pela voga semiológica da época, identificava processos comuns aos campos da literatura e do futebol: pode-se dizer que via na prosa a vocação linear e finalista do futebol (ênfase defensiva, passes triangulados, contra-ataque, cruzamento e finalização), e na poesia a irrupção de eventos *não lineares* e imprevisíveis (criação de espaços vazios, corta-luzes, autonomia dos dribles, motivação atacante congênita). Sugeriu com isso, pela via estética, uma maneira de abordar o jogo por dentro, e nos dava, de quebra, uma chave original para tratar da singularidade do futebol brasileiro.<sup>70</sup>

Podemos, então, perceber melhor a diferenciação entre o “futebol de prosa” e o “futebol de poesia”, o que se torna muito importante para a compreensão, em primeiro lugar, dos vários estilos de jogo existentes no esporte e, posteriormente, das suas junções, como nos casos da incorporação de um modelo tático europeu pelo futebol brasileiro e da importação, por parte dos europeus, da qualidade individual brasileira. Além disso, o trecho nos indica que Pasolini, ao elaborar os conceitos de “prosa” e “poesia” dentro do futebol, não estava descrevendo-os de maneira vaga e genérica, mas sim observando, de maneira prática, como esses estilos de escrita se desenvolviam dentro do campo.

Ainda sobre essa dicotomia entre “futebol de prosa” e “futebol de poesia”, tem-se, no artigo de Cornelsen, mais uma passagem elucidativa, interessante de ser mencionada aqui: “Ao transpormos tais critérios para o futebol, poderíamos afirmar que Pasolini associa o futebol ‘burocrático’ à prosa, mais próxima da linguagem cotidiana, e o futebol ‘criativo’ à poesia, dando-lhe uma qualidade expressiva sobretudo individual”.<sup>71</sup>

Nesse trecho, percebe-se que a prosa, por estar mais associada a um tipo de texto do cotidiano, invariavelmente seria apresentada mais vezes dentro dos campos. Em alguns momentos, de maneira até tediosa, visto não ter nenhum ingrediente “a mais”, capaz de causar alguma sensação de prazer nos torcedores. Em oposição a esse estilo,

---

<sup>70</sup> WISNIK. *Veneno remédio*, p. 13.

<sup>71</sup> CORNELSEN. *Caligrama*, p. 180.

percebe-se que a poesia, por ser um texto mais “sofisticado”, invariavelmente se torna mais difícil de ser apresentada nos campos de jogo. Por isso é que os “poetas” do futebol sempre são mais valorizados que os jogadores comuns, pois o talento poético individual sempre é mais difícil de se encontrar nas bases dos clubes ou mesmo em qualquer campo de jogo, sendo esses poetas os atletas que irão fazer algo “diferente” dentro do futebol.

Ainda no artigo de Cornelsen, o tradutor do ensaio de Pasolini para o português, Maurício Santana Dias, comenta o diálogo entre o “futebol de prosa” e o “futebol de poesia”, aprofundando-se um pouco mais em suas relações com os contextos europeu e latino-americano:

(...) segundo Pasolini, na famosa final disputada por Brasil e Itália em 1970, estavam em campo não só dois times com estilos diferentes de jogar, o prosaico e o poético, mas também dois modelos distintos de sociedade: o europeu, engessado pelas regras do sistema (capitalista, subentende-se), e o latino-americano ou terceiro-mundista (para continuar com o jargão da época), supostamente mais imune ao sistema e capaz de afirmar-se pela subversão das regras.<sup>72</sup>

No trecho acima, podemos perceber que os estilos de jogos peculiares de cada região têm algo em comum com o modo de vida social que cada continente possuía nos anos 1970, sendo essa uma das explicações para que no continente latino-americano pudesse existir o “futebol de poesia”, associado à ginga e à malandragem de seus praticantes. E também para a predominância, no continente europeu, do “futebol de prosa”, associado ao respeito por parte dos cidadãos às regras e à disciplina.

É importante observar, porém, que nos dias atuais esses conceitos não são tão engessados quanto parece, pois mesmo na América Latina grande parte dos cidadãos respeita as regras, enquanto na Europa existem pessoas que as desobedecem. Essas características da malandragem latina e do “bom cidadão europeu” são apenas estereótipos formulados ao longo dos anos, inclusive de maneira preconceituosa, com o intuito de menosprezar-se a ambos. Pois o latino-americano às vezes menospreza o europeu por considerá-lo como o “otário”, enquanto o europeu menospreza o latino-americano por considerá-lo como o “irresponsável”. Wisnik aborda o conflito entre o “futebol de prosa” e o “futebol de poesia” a partir da visão de Pasolini:

O esquema de Pasolini equaciona com propriedade o tema dominante das duas décadas seguintes do futebol brasileiro e das seis Copas do Mundo que se seguiram às de 1970,

---

<sup>72</sup> CORNELSEN. *Caligrama*, p. 185.

entre 1974 e 1994. Trata-se de um longo *intermezzo* sem vitórias, em que a questão discutida no Brasil passava a ser a do dilema entre o “futebol-arte” e o “futebol força”. As vitórias da Alemanha, Argentina e Itália, nesse período, além da fulgurante passagem do “carrossel holandês” em 1974, colocavam na ordem do dia a ideia de que era preciso adotar um futebol eminentemente coletivo, taticamente responsável, compactamente defensivo, fisicamente forte, e que abrisse mão dos devaneios individualistas. Não é difícil reconhecer aí uma nova importância dada à prosa em detrimento da poesia: quem dirá qual é superior? A emergência do princípio de otimização do rendimento e a respectiva ênfase na preparação física compareciam como exigências da atualização frente às quais o “futebol-arte” soaria como anacrônico e ultrapassado. Curiosamente, repunha-se em outro grau o velho dilema entre a competência concorrencial e a originalidade congenial do povo mestiço, traduzido agora em termos de uma oposição entre a proficiência tecnocrática e os impulsos anárquicos do futebol individualista. Em palavras mais chãs, e representativas do imaginário em jogo, tratava-se de aplicar ao futebol a oposição entre os padrões do Primeiro Mundo e o atraso subdesenvolvido, justamente ali onde o problema parecia ter sido superado.<sup>73</sup>

Nesse período, entre as Copas de 1974 e 1994, tem-se a impressão de que se começou a repensar o estilo de jogo dos clubes e das seleções latino-americanas, com a queda de produção do “futebol de poesia”. Num panorama mais geral, devido à busca incessante por resultados rápidos, com a cobrança dos torcedores e da imprensa sobre os times, o futebol jogado de maneira mais objetiva deixou em segundo plano o futebol considerado mais “bonito”, no qual os dribles, por mais que expressem a “poesia” do futebol, muitas vezes deixam de ser objetivos, prejudicando o desempenho de um time nas competições de que participa. Com isso, o futebol de prosa começou a ganhar força, justamente pela sua maior organização tática e pela sua maior eficiência nos resultados.

Um dos exemplos dessa superioridade é que as Copas, nesse intervalo de tempo, foram vencidas por seleções que praticavam esse estilo de jogo, como a Alemanha em 1974, a Itália de 1982 e novamente a Alemanha em 1990. A seleção Argentina, apesar de ser latino-americana, começou a utilizar o “futebol de prosa” e acabou vencendo a Copa de 1978. Mesmo não possuindo um excepcional jogador que fizesse a diferença, ainda assim, com um bom conjunto e cercada de polêmicas (como a da vitória na semifinal por 6 x 0 sobre o Peru), em meio a um regime militar, conseguiu “levantar o caneco” pela primeira vez. A própria seleção brasileira de 1994, comandada por Carlos Alberto Parreira, praticou um futebol muito mais de prosa do que de poesia, pois a técnica ofensiva ficou em segundo plano ao se priorizar um futebol mais defensivo e em que se destacava a marcação. Somente em 1986, quando a Argentina conseguiu seu segundo título mundial, é que a poesia voltou a ter um maior destaque do que a prosa. E essa “poesia argentina” se apresentou graças a Diego Maradona, que foi o principal

---

<sup>73</sup> WISNIK. *Veneno remédio*, p. 321.

jogador daquela Copa e se tornou um dos maiores jogadores de todos os tempos do futebol mundial.

Outro destaque importante, no campo da prosa futebolística, foi a seleção holandesa. Nas Copas de 1974 e 1978, apesar de não ter conquistado o título, ficou com os dois vice-campeonatos. Jogando com o estilo conhecido mundialmente como “carrossel holandês”, em que se privilegia a disciplina tática dos jogadores tanto para exercer uma forte marcação sobre os adversários quanto para atacá-los, em que todos os atletas participam tanto da defesa quanto do ataque, ela conseguiu encantar o mundo e se destacar entre os torcedores daquele período, ganhando um lugar de destaque na história do futebol mundial.

Ainda em relação a esse período, é preciso salientar que, apesar da prosa ter sido privilegiada, grandes jogadores fizeram história pelas seleções citadas anteriormente. Além do próprio Maradona, eleito o craque da Copa de 1986, outros atletas de destaque nesse período foram: Johan Crujff, jogador holandês eleito pela FIFA o craque da Copa de 1974; Mario Kempes, jogador argentino eleito o craque da Copa de 1978; Paolo Rossi, jogador italiano eleito o craque da Copa de 1982; Salvatore Schillaci, jogador italiano eleito o craque da Copa de 1990; Romário, jogador brasileiro eleito o craque da Copa de 1994. Esses jogadores podem ser considerados como alguns dos principais “poetas” desse período. Além desses eleitos pela FIFA, vários outros “poetas futebolísticos” se destacaram nesse período, podendo a lista se estender por páginas e mais páginas.

Vale destacar também que, a partir da Copa de 1998, o panorama não se alterou muito. Exceto na Copa do Mundo de 2002, quando a poesia se sobressaiu graças aos três “R’s” (Ronaldinho Gaúcho, Rivaldo e Ronaldo “Fenômeno”), a prosa teve mais destaque. As Copas vencidas em 1998, pela França; em 2006, pela Itália; em 2010, pela Espanha; e em 2014, pela Alemanha, exemplificam a superioridade do “futebol de prosa”, pois todas essas seleções tinham como principal característica a organização tática do time. Ainda assim, vários “poetas” da bola se destacaram, como Ronaldo, jogador brasileiro eleito o craque da Copa de 1998; Zinedine Zidane, jogador francês eleito o craque da Copa de 2006; Diego Forlán, jogador uruguaio eleito o craque da Copa de 2010; e Lionel Messi, jogador argentino eleito o craque da Copa de 2014. Observe-se, ainda, que, na Copa de 2002, o jogador eleito para craque da Copa foi um goleiro, o alemão Oliver Kahn, o que gerou questionamentos em relação a essa eleição,

pois Ronaldo “Fenômeno”, artilheiro do torneio e autor dos dois gols na final, não foi o escolhido pela FIFA.<sup>74</sup>

Ainda em relação aos estilos pasolinianos de “futebol de prosa” e “futebol de poesia”, podemos apontar uma questão interessante: ao mesmo tempo em que existe uma clara distinção entre os dois estilos de jogos, existe também, principalmente a partir de meados dos anos 1980, uma tendência de fusão entre esses dois estilos. O chamado “futebol de poesia”, associado ao drible e à invenção, necessitou invariavelmente de alguma disciplina, ou seja, do enfoque no aspecto tático do jogo, associado ao “futebol de prosa”, para a sua maior profissionalização e, conseqüentemente, para um melhor aproveitamento nas competições. O futebol europeu, por sua vez, também precisou do drible e da invenção, para que o jogo não se tornasse algo previsível e monótono. Assim, a partir dos anos 1980 até os dias atuais, ambos estão presentes de forma mesclada nessa prática esportiva. Essa hibridação, ou atravessamento da fronteira entre prosa e poesia, também se tornou frequente em alguns autores da literatura brasileira moderna e contemporânea, entre eles o próprio Drummond, que será abordado nos próximos subcapítulos. Em relação à junção entre “futebol de prosa” e “futebol de poesia”, Wisnik faz um comentário bastante pertinente:

Embora sumária, e aparentemente esquemática, a sua [de Pasolini] teoria do futebol contemplava a necessária imbricação da “poesia” e da “prosa” no tecido do jogo (sem afirmar a superioridade de uma sobre a outra), e pontuava genericamente suas gradações, passando por aquilo que ele via como a *prosa realista* de ingleses e alemães, a *prosa estetizante* dos italianos e a *poesia* sul-americana, chegando por todas essas vias ao delírio universal do gol, que suspende as oposições porque é necessariamente um paroxismo poético.<sup>75</sup>

Em seguida, Wisnik continua comentando sobre a imbricação dos estilos, destacando que a dicotomia não nos impede de constatar que ambos são importantes, tanto para a literatura quanto para o futebol, pois:

(...) os lances criativos mais surpreendentes não dispensam a prosa corrente do “arroz-com-feijão” do jogo, necessário a toda a partida. Ou de constatar, na literatura como no futebol, que a “prosa” pode ser bela, íntegra, articulada e fluente, ou burocrática e anódina, e a “poesia” imprevista, fulgurante e eficaz, ou firula retórica sem nervo e sem alvo. Pois a mais importante consequência de sua [de Pasolini] rápida semiologia exploratória, a meu ver, é de que o futebol é o esporte que comporta múltiplos registros, sintaxes diversas, estilos diferentes e opostos e gêneros narrativos, a ponto de parecer conter vários jogos dentro de um único jogo.<sup>76</sup>

---

<sup>74</sup> É bom lembrar que a eleição do craque nesta Copa foi feita antes da final entre Brasil e Alemanha.

<sup>75</sup> WISNIK. *Veneno remédio*, p. 13-14.

<sup>76</sup> WISNIK. *Veneno remédio*, p. 14.

A partir dos trechos citados, pode-se ter uma noção de como literatura e futebol podem ser pensados juntos. A comparação de uma determinada forma de expressão literária com um tipo de jogo específico, podendo ser associado a um país, constitui um dos pontos teóricos em comum a ser atentamente desenvolvido nos próximos subcapítulos.

Ainda em relação a essa junção entre “futebol de prosa” e “futebol de poesia”, o professor Cornelsen aborda a proximidade entre o futebol europeu e o futebol latino-americano:

De certa forma, o futebol latino-americano acabou por assumir uma postura próxima do futebol europeu, hoje em dia, até mesmo pelo grande número de atletas sul-americanos que atuam em equipes europeias. Como ressalta o jornalista Juca Kfoury, “a verdade é que nós exportamos os nossos ídolos; ao invés de exportar a nossa arte, a gente exportou o artista”.<sup>77</sup>

Cornelsen observa que o futebol europeu importou jogadores latino-americanos, principalmente nos últimos 30 anos, o que inevitavelmente interferiu em seu estilo de jogo, ao colocar a poesia dentro da prosa. O contrário também aconteceu, pois o futebol latino-americano acabou importando a disciplina tática europeia, o que contribuiu para uma melhor organização dos jogadores em campo. Isso, porém, gera muitas controvérsias, uma vez que o reflexo dessa importação se dá até os dias de hoje, quando o futebol latino-americano perdeu muito do seu “encantamento”, pois a poesia acabou sendo deixada para poucos momentos dentro da partida. Porém, vale ressaltar que ainda existem vários momentos “poéticos” no futebol latino-americano, inclusive com a volta de jogadores que fizeram carreira na Europa e que, geralmente, mais próximos do final da carreira, costumam voltar para mostrar seu talento nos gramados latino-americanos.

Para finalizar este segundo subcapítulo, apresento mais um trecho do livro *Veneno remédio*, onde Wisnik aponta, dentro dessa hibridização do “futebol de prosa”, europeu, com o “futebol de poesia”, latino-americano, a desfiguração dos campeonatos locais latino-americanos. Isso acontece devido à força de investimento dos europeus nos jogadores da América do Sul, da América Central e do México, o que, inevitavelmente, fortalece o futebol europeu e enfraquece o futebol dessas regiões:

---

<sup>77</sup> CORNELSEN. *Caligrama*, p. 188.

Eric Hobsbawn observou, recentemente, que “o futebol carrega o conflito essencial da globalização”, suportando de maneira paradoxal, talvez como nenhuma outra instância, a dialética entre as entidades transnacionais, seus empreendimentos globais e a fidelidade local dos torcedores para com uma equipe. A globalização consegue depauperar os campeonatos locais em países periféricos onde eles sempre foram fortes, como os do Brasil e da Argentina, e não consegue extinguir, até aqui, a forte demanda pela representação nacional contra a sua descaracterização globalizada.<sup>78</sup>

Vale ressaltar novamente que, devido ao maior poderio econômico de alguns clubes de países da América Latina, como Brasil e México, além da própria paixão de vários jogadores por seus clubes de formação, eles acabam voltando aos seus países de origem, para continuar a jogar e encerrar a carreira. Existem vários exemplos que comprovam essa afirmação, sendo alguns dos mais recentes: a volta de Ronaldinho Gaúcho ao futebol brasileiro em 2011 (Flamengo, Atlético MG e Fluminense); a volta de Carlos Tévez ao futebol argentino em 2015 (Boca Juniors), dentre outros. Através dessa “junção” dos dois estilos, pode-se pensar o futebol, nos dias atuais, por meio da ideia de um estilo “prosa-poética”, ou do “futebol em versiprosa”, sendo esse estilo unificado jogado em quase todas as partes do mundo, não havendo mais clareza na divisão de estilos por continente ou país.

Um ponto importante desse debate a respeito dos estilos de jogo pasolinianos é a hipótese de um possível fim do “futebol de poesia”. Apesar desse estilo de jogo ter perdido espaço para o “futebol de prosa”, acredito que, através dessa junção desses dois estilos, gerou-se, como citado acima, o “futebol de prosa-poética”. Apesar dos craques terem diminuído em quantidade, não acredito que a poesia tenha terminado, pois o futebol, para que se tenha um mínimo de qualidade, precisa, inevitavelmente, dessa característica. E vários exemplos podem ser citados desse “futebol de prosa-poética” praticado nos dias de hoje, como o Barcelona de Messi e Neymar, que acabou de ganhar a Liga Europeia de futebol (2015); o Real Madrid de Cristiano Ronaldo, que ganhou a Liga Europeia e o Mundial de Clubes em 2014; o Atlético Mineiro, que ganhou a Copa Libertadores da América de 2013 com Ronaldinho Gaúcho, Diego Tardelli e companhia; o Santos, que, também com Neymar, ganhou a Libertadores de 2011, dentre outros. Em todos eles, encontra-se, ao mesmo tempo, uma organização tática e talentos individuais que contribuíram para as conquistas desses clubes.

---

<sup>78</sup> WISNIK. *Veneno remédio*, p. 17.

### 2.3 A prosa do futebol em Drummond

Após apresentar os conceitos de “futebol de prosa” e “futebol de poesia”, elaborando uma distinção precisa entre os dois, porém entrelaçando-os e demonstrando que o futebol mundial passou, possivelmente a partir de meados dos anos 1980, por uma hibridização entre os dois estilos, irei discutir, a partir de agora, as relações entre esses conceitos e os textos de Carlos Drummond de Andrade reunidos na obra *Quando é dia de futebol*. Neste terceiro subcapítulo, abordarei a relação entre o “futebol de prosa” e a obra drummondiana; para que no quarto subcapítulo eu possa apresentar a relação entre a obra de Drummond e o “futebol de poesia”.

Para iniciar a discussão sobre a relação entre o “futebol de prosa” e a obra de Drummond, recorro a um trecho do já citado texto de Elcio Cornelsen, em que, seguindo a esteira de Pasolini, são apresentadas sinteticamente as características do “futebol de prosa”:

...de acordo com Pasolini, o “futebol de prosa” se fundamentaria menos na técnica individual, mas sim na organização tática centrada no coletivo: “a retranca e a triangulação (que Brera chama geometria) é futebol de prosa: baseia-se na sintaxe, isto é, no jogo coletivo e organizado, na execução racional do código” (PASOLINI, 2005). Sendo assim, o “gol” seria o momento díspar e singular dentro dessa “sintaxe”: “o seu único momento poético é o contrapé seguido do gol (que, como vimos, é necessariamente poético). Em suma, o momento poético do futebol parece ser (como sempre) o momento individualista (drible e gol; ou passe inspirado)” (PASOLINI, 2005).<sup>79</sup>

Em relação ao “futebol de prosa”, vários treinadores, para não dizer a grande maioria, priorizam em seus trabalhos o treinamento tático, que seria, basicamente, o posicionamento dos jogadores em campo e a movimentação do time como um conjunto, baseados na convicção de que as jogadas coletivas e ensaiadas se sobressaem às jogadas individuais.

Como “futebol de prosa”, o jogo mais pragmático se tornou rotina nos gramados espalhados pelo mundo afora, deixando para alguns poucos momentos o futebol mais poético. Na obra de Drummond, as crônicas e as cartas possuem, em seu estilo de escrita, uma característica análoga a esse estilo de jogo. Vários trechos demonstram essa afirmação. Como, por exemplo, a crônica intitulada “Mistério de bola”, publicada no *Correio da Manhã*, no dia 17 de junho de 1954:

---

<sup>79</sup> CORNELSEN. *Caligrama*, p. 187-188.

Finalmente, a grande ilusão do gol confere alta dignidade à paixão popular, que não visa a um resultado positivo e duradouro no plano real, mas se satisfaz com uma abstração: vinte e dois homens se atiram uns contra outros, e era de esperar que os mais combativos ou engenhosos, saindo triunfantes, deixassem os demais no campo, arrebatados. Não. O objeto de couro transpõe uma linha convencional, e o que se chama de vitória aparece aos olhos de todos com uma evidência corporal que dispensa a imolação física. Não podemos acusar de primitivismo aos que se satisfazem com este resultado ideal.<sup>80</sup>

Neste trecho, um estilo mais prosaico está presente através da forma como o texto é escrito, ao analisar racionalmente a paixão pelo futebol. A escrita é objetiva e bem organizada, com o intuito de demonstrar claramente a dimensão simbólica do jogo, “que não visa a um resultado positivo e duradouro no plano real”. A racionalidade e o encadeamento lógico das ideias, então, se adaptam perfeitamente à escrita em prosa, com sua linearidade e sua ordenação.

Continuando na obra de Drummond, mais um trecho da crônica “Mistério de bola”, em que ele fala de sua saudade pelas antigas narrações dos jogos, nas quais eram usados mais recursos poéticos:

Assim gostaria eu de ouvir a descrição do jogo entre brasileiros e mexicanos, e a de todos os jogos: à maneira de Homero. Mas o estilo atual é outro, e o sentimento dramático seorna de termos técnicos. Mesmo assim, quando o cronista especializado informa que o Botafogo “não estava numa tarde de grande inspiração” ou que Zizinho “se desempenhou com o seu habitual talento”, fico imaginando que há no futebol valores transcendentais, que nós, simples curiosos, não captamos, mas que o bom torcedor vai intuindo com a argúcia apurada em uma longa educação da vista.<sup>81</sup>

Na crônica acima, tem-se a descrição da forma como Drummond gostava de ouvir os jogos de futebol, sendo que essa descrição, apresentada de maneira simples e direta na forma de escrever, mais uma vez dialoga com o estilo de jogo pasoliniano do “futebol de prosa”. Apesar disso, tem-se no trecho alguns momentos poéticos, como na evocação a Homero, que redundava numa relação metafórica entre o jogo e as guerras e feitos heroicos das epopeias gregas, e no eufemismo que diz que o time do Botafogo “não estava numa tarde de grande inspiração”. Esses “momentos poéticos” indicam que, mesmo na prosa, a poesia está presente para dar um caráter literário ao texto.

Na crônica intitulada “Calma, torcedor”, publicada no jornal *Correio da Manhã*, no dia 31 de março de 1959, o escritor mineiro pede calma aos torcedores brasileiros,

---

<sup>80</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 20.

<sup>81</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 19.

visto que o futebol não é a atividade mais importante da vida, mesmo com toda a euforia por parte da população brasileira pela conquista da Copa de 1958:

Somos campeões do mundo, é verdade, mas isso não nos deve torturar mais do que, por exemplo, as misérias do subdesenvolvimento. O campeão não é campeão vinte e quatro horas por dia; chega uma hora de calçar os chinelos, e bocejar; um tempo de ver as flores; tempo de não sofrer mais do que o estritamente necessário, e desconfiar das glórias incômodas. De resto, não somos sessenta milhões de campeões, o que inflacionaria a espécie; eles são apenas onze e seus reservas. Penso nas coronárias e sugiro (diante do espelho): Calma, torcedor.<sup>82</sup>

No trecho acima, mais uma vez temos a presença de um estilo prosaico, visto que o autor descreve suas impressões sobre a vitória da seleção na Suécia de maneira organizada e racional. Ao falar sobre como o torcedor deveria absorver a vitória, Drummond acredita que ele teria que recepcioná-la de forma tranquila, sem se entregar à euforia e à paixão, comumente associadas ao “futebol de poesia”. Tem-se, aí, um aprendizado sobre o futebol: mesmo sendo considerado o esporte mais popular do mundo, não se pode despejar sobre ele todos os sentimentos, sejam as alegrias ou as frustrações. Uma característica marcante das crônicas do poeta é justamente esse “filosofar” sobre o esporte, e não apenas analisá-lo tecnicamente, como é mais comum nas crônicas e colunas de opinião de muitos outros autores.

Quando se coloca a questão da “filosofia” nos textos drummondianos, aponta-se para a abrangência de seus comentários a respeito de todo o conteúdo que o futebol proporciona aos seus torcedores. Desde a forma como as pessoas se comportam perante uma vitória ou uma derrota de seu time, até qualquer impacto que o futebol pode proporcionar na vida cotidiana de cada apaixonado por ele. Esses comentários, colocados geralmente de maneira sutil, muitas vezes de forma indireta, é que são os momentos “filosóficos” do autor. E esses momentos são de grande valia, pois é a partir deles que o poeta faz suas críticas em relação ao mundo do futebol e ao contexto político que permeava seus textos, em especial o regime militar.

Para destacar algumas dessas “filosofias” da obra de Drummond, podemos citar a crônica “Jogo a distância”. Dois dias depois de o Brasil perder seu primeiro jogo na Copa do Mundo de 1966, para a Hungria, por 3 x 1, ele escreve o texto, publicado no *Correio da Manhã* no dia 17 de julho de 1966, no qual vários torcedores comentam a atuação dos jogadores. Suas falas são verdadeiras aulas de filosofia sobre o futebol:

---

<sup>82</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 29.

Aquele procurava não sofrer muito:  
– Eu sei que futebol é assim mesmo, um dia a gente ganha, outro dia a gente perde, mas por que é que, quando a gente ganha, ninguém se lembra de que futebol é assim mesmo?

(...)

João Brandão continuava sereno:  
– Perder é uma forma de aprender. E ganhar, uma forma de esquecer o que se aprendeu. Há um ditado nas Bateias que diz:  
– “Muita chuva é sinal de sol”.<sup>83</sup>

No trecho acima, os comentários dos torcedores nos mostram que o esporte, através das vitórias e das derrotas, consegue levar aos seus amantes determinados aprendizados que servem para a vida cotidiana. No caso de uma vitória, as pessoas, muitas vezes, acabam se sentindo mais eufóricas, o que gera uma grande satisfação e um grande prazer. Ao mesmo tempo, porém, essa mesma vitória nos faz esquecer os nossos aprendizados, muitas vezes devido à própria euforia que ela causa. E esse esquecimento pode trazer graves consequências, visto que determinados “erros” cometidos ao longo da vida podem nos trazer grandes prejuízos. No caso de uma derrota, além de aprendermos através da dor da perda e da frustração que ela causa, um sentimento de inoperância pode pairar na cabeça do torcedor. Esses sentimentos nos fazem, na maioria das vezes, não cometer os mesmos erros que cometemos anteriormente.

As cartas de Drummond publicadas em *Quando é dia de futebol* também oferecem oportunidades para relacionar futebol e literatura pelo viés da prosa. Numa carta para seu neto Luis Mauricio, datada no dia 20 de junho de 1965, o poeta destaca que, na Copa de 1966, o Brasil encontraria muitas dificuldades para enfrentar as seleções que praticavam um futebol mais fechado, com mais marcação do que criação:

Nossos jogadores não se empenharam a fundo nesse primeiro e único jogo, e a experiência não valeu como preparação para os *matches* da Copa do Mundo de 1966, pois em nenhum eles serão disputados em campos dessa natureza, e além do mais o pessoal argeliano é fraco na bola. O que parece ter sido útil para nós foi o estilo argentino de ferrolho, que provavelmente será adotado por todo o mundo na Copa de 66, de sorte que vai ser difícil praticar o jogo bonito que gostamos de mostrar. Mas sempre se dará um jeito para tornar divertido o espetáculo, quando Pelé e Garrincha estiverem no campo. Mandarei a você, de vez em quando, alguns recortes de jornais, contando as novidades esportivas.<sup>84</sup>

O “futebol de prosa”, caracterizado por um estilo de jogo mais objetivo e direto, sem espaço para grandes inventividades, dialoga diretamente com o trecho da carta

---

<sup>83</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 53-54.

<sup>84</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 158-159.

acima, visto que o objetivo de sua escrita é transmitir uma mensagem direta e objetiva, informando o neto sobre a preparação da seleção brasileira para a Copa de 1966. Escrevendo descompromissadamente a seu neto e adotando um gênero eminentemente prosaico como a correspondência, o autor não se preocupa em conferir poeticidade ao texto, embora mostre sua predileção pela poesia do futebol, praticada pelos jogadores brasileiros, capazes de tornar o espetáculo mais “divertido” – vale dizer, mais poético.

Em outra carta, enviada a seu neto Carlos Manuel, no dia 13 de julho de 1966, Drummond volta a demonstrar seu apreço pelo “futebol de poesia” dos jogadores brasileiros, reclamando que a ordem dos adversários é “baixar o sarrafo” na nossa seleção, que era tecnicamente superior às outras de seu grupo.<sup>85</sup>

Estou lhe escrevendo sob a agradável impressão da estreia da Seleção Brasileira na Copa do Mundo. O primeiro gol do campeonato foi feito por mestre Pelé, como você deve ter sabido, e a vitória obtida, modesta mas confortadora, permite esperanças de uma atuação eficiente nas outras partidas. Isso se as outras seleções não aleijarem nosso pessoal, pois parece que a ordem é baixar o sarrafo. Esportivamente, desejo boa sorte à seleção argentina (nesta manhã em que escrevo não se realizou ainda o encontro com a Espanha).<sup>86</sup>

No trecho acima, percebe-se, em relação ao conteúdo do texto, uma manifestação contra o anti-jogo para impedir a realização do “futebol de poesia”. Já em relação aos aspectos formais do texto, a presença da prosa está intrinsecamente ligada ao gênero epistolar, marcado pelo desejo de comunicação informal com o interlocutor, sem “dribles”<sup>87</sup> ou metaforizações que desloquem o leitor para algum outro sentido no texto.

Porém, assim como o “futebol de prosa” necessita inevitavelmente de um momento poético para atingir sua finalidade, a escrita em prosa também precisa de alguns lances poéticos para ser alçada à condição de texto literário. Na carta acima, esses lances poéticos estão presentes, por exemplo, nas expressões: “se as outras seleções não aleijarem nosso pessoal”, uma hiperbolização dos efeitos do jogo violento

---

<sup>85</sup> Nessa Copa, realizada na Inglaterra, o Brasil não passou da primeira fase, pois não conseguiu impor seu estilo de jogo, que havia encantado nas Copas de 1958 e 1962. Pelé e Garrincha estiveram juntos apenas no primeiro jogo (Brasil 2 x 0 Tchecoslováquia). No segundo jogo (Brasil 1 x 3 Hungria), Pelé esteve ausente e, no terceiro (Brasil 1 x 3 Portugal), Garrincha esteve ausente. Com isso e mais a desorganização na preparação, a seleção canarinho não conseguiu desenvolver o seu melhor futebol.

<sup>86</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 159.

<sup>87</sup> A palavra “drible” está sendo usada, aqui, de maneira metafórica, como uma analogia entre os movimentos “poéticos” de um jogador, que rompem a linearidade da troca de passes e contrariam as expectativas de seu marcador, e os movimentos verbais de um poema, que quebram a organização racional da prosa e surpreendem o leitor.

sobre os atletas; e “baixar o sarrafo”, uma metáfora para os lances violentos que ocorrem numa partida.

Além das figuras de linguagem apontadas acima e de outras formas de romper a linearidade da prosa, tem-se uma figura de linguagem importantíssima, que será marca registrada ao longo da obra *Quando é dia de futebol*, que é a ironia. Para falar sobre essas ironias no contexto da prosa de Drummond, tem-se, em primeiro lugar, o conceito de ironia, num ensaio intitulado “Breves considerações sobre o conceito de ironia, de Søren Kierkegaard”, publicado na *Revista Espaço Acadêmico*, no dia 13 de maio de 2013, no qual a professora e pesquisadora Jacqueline Oliveira Leão analisa esse conceito de acordo com o filósofo:

Dessa forma, a ironia manifesta-se no momento em que a palavra (fenômeno) se mostra em oposição ao pensamento (essência), e, no jogo irônico, o sujeito é negativamente livre, pois o enunciado não corresponde ao seu pensamento, sendo, ao contrário, distorcido do sentido imediatamente pretendido. A definição mais apropriada de ironia, segundo Kierkegaard, é “figura do discurso retórico, cuja característica está em se dizer o contrário do que se pensa”.<sup>88</sup>

Na crônica intitulada “O Importuno”, publicada pelo *Correio da Manhã* no dia 13 de julho de 1966, o autor demonstra o valor que o cidadão brasileiro dá a um jogo de Copa do Mundo, principalmente quando está jogando a seleção brasileira, priorizando o futebol em detrimento de seu próprio trabalho:

- Que negócio é esse? Ninguém me atende?
- A muito custo, atenderam: isto é, confessaram que não podiam atender, por causa do jogo com a Bulgária.
- Mas que tenho eu com o jogo com a Bulgária, faça-me o favor? E os senhores por acaso foram escalados para jogar?
- O chefe da seção aproximou-se apaziguador:
- Desculpe, cavalheiro. Queira voltar na quinta-feira, 14. Quinta-feira não haverá jogo, estaremos mais tranquilos.
- Mas prometeram que meu papel ficaria pronto hoje sem falta.
- Foi um lapso do funcionário que lhe prometeu tal coisa. Ele não se lembrou da Bulgária. O Brasil lutando com a Bulgária, o senhor quer que o nosso pessoal tenha cabeça fria para informar papéis?
- Perdão, o jogo vai ser logo mais, às quinze horas. É meio – dia, e já estão torcendo?
- Ah, meu caro senhor, não critique nossos bravos companheiros, que fizeram o sacrifício de vir à repartição trabalhar quando podiam ficar em casa ou na rua, participando da emoção do povo...
- Se vieram trabalhar, por que não trabalham?
- Porque não podem, ouviu? Porque não podem. O senhor está ficando impertinente. Aliás, disse logo de saída que não tinha nada com o jogo com a Bulgária! O Brasil em guerra – porque é uma verdadeira guerra, como revelam os jornais – nos

---

<sup>88</sup> LEÃO. Breves considerações sobre O conceito de ironia, de Søren Kierkegaard, p. 3.

campos da Europa, e o senhor, indiferente, alienado, perguntando por um vago papel, uma coisinha individual, insignificante, em face dos interesses da pátria!<sup>89</sup>

A ironia está presente no texto justamente pelo fato de que Drummond, ao colocar os funcionários mais preocupados com o jogo do que com o próprio trabalho, reafirma uma crítica à falta de compromisso desses funcionários com o seu trabalho que, a princípio, seria muito mais importante. Ao mesmo tempo, o escritor elabora uma crítica em relação ao papel do futebol no país, pois, para o poeta, o jogo não deveria ser uma prioridade. Para fazer essa crítica, o autor se vale das liberdades do gênero cronístico, aproximando-o de outras formas narrativas como o conto e a parábola. A poeticidade, aqui, se insinua na prosa, na forma de uma ideia que aparece cifrada numa situação narrativa.

Continuando na análise dos dribles da ironia presentes nas crônicas de Drummond, apresento a crônica intitulada “Situações”, publicada no *Correio da Manhã* no dia 05 de julho de 1958, na qual ele comenta a recepção dos jogadores campeões da Copa do Mundo de 1958 por parte do presidente Juscelino Kubitschek, que ao mesmo tempo pensa sobre a reforma de seus ministérios:

Bem, não pretendo estabelecer qualquer comparação, mas dias depois, no palanque armado para receber os campeões do mundo, nosso atual presidente, visivelmente satisfeito, mostrava sem embargo disso, uma ponta de inquietação, que me intrigou. Parecia estar e não estar ali, com um olho na multidão e outro na reforma do ministério. Dirigia a vista para um e outro lado, à procura do homem ou dos homens providenciais que lhe formassem uma grande equipe, do valor daquela que vencera no futebol, mas Garrincha e Vavá para a Agricultura e o Trabalho, isso não havia. Terá pensado um instante em convidar o próprio Vavá e o próprio Garrincha para essas pastas, mas será que eles aceitariam? Na dúvida, o presidente empunhava a Taça Jules Rimet ou deixava-a sobre o parapeito, não avaliando bem a preciosidade do troféu. Mas João Havelange, inquieto por sua vez, não com o destino do Brasil, e sim da taça, segurava-a de lado, e às vezes procurava erguê-la perante a multidão fascinada. Juscelino puxava para a esquerda, Havelange para a direita: um para baixo, outro para cima; e eu via a hora em que a taça caía, e era um problema internacional a mais, a ser resolvido de saída pelo novo ministro Negrão de Lima: quem pegou o troféu no meio do povo e o incorporou, já meio amassado mas reluzente de ouro e glória, ao seu acervo particular? Felizmente a bela Copa não chegou a cair; esteve quase; Havelange, Paulo de Carvalho e Bellini souberam defendê-la. Mas o presidente, do alto do seu palanque, estava meio dispersivo e aéreo. Não era de todo feliz, como Dutra entre os filósofos, na livreria de dona Vanna.<sup>90</sup>

De acordo com Drummond, Juscelino, apesar de condecorar os campeões do mundo e utilizar aquela vitória para propagandear um bom governo, estava preocupado com a composição de seu ministério, pois os nomes que tinha para os cargos públicos

---

<sup>89</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 50.

<sup>90</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 27.

não eram tão bons quando comparados com os nomes que a seleção brasileira tinha para ganhar o troféu. A frase inicial, em que o autor afirma que não pretende “estabelecer qualquer comparação” entre a seleção e o ministério, é claramente irônica, pois todo o trecho se ocupa, justamente, da relação metafórica entre o futebol e a política e da estranheza que essa relação provoca naquela situação.

Nos textos de *Quando é dia de futebol*, portanto, a relação entre o conceito de “futebol de prosa”, proposto por Pasolini, e a escrita de crônicas e cartas pode ser feita em dois níveis. No nível apenas temático, Drummond se mostra um apreciador do futebol de poesia dos jogadores brasileiros, convergindo com a projeção no esporte da identidade cultural brasileira, e um crítico do “futebol de prosa” de muitos dos adversários da seleção nacional. Ao mesmo tempo, o poeta é também um crítico da excessiva importância que o futebol tem no país, assumindo uma racionalidade mais próxima da prosa do que da paixão esportiva que toma conta dos brasileiros.

Já no nível da escrita, das opções genéricas e dos modos de utilização da linguagem, temos textos em prosa, ligados a gêneros como a crônica e a carta, em que predominam a informalidade e a coloquialidade, bem como uma condução objetiva e direta dos temas e dos argumentos. Para se constituírem como literários, então, esses textos têm que conter alguns lances e elementos poéticos, que quebram a linearidade da prosa. Interessante lembrar, aqui, que a capacidade de extrair lirismo e poesia dos fatos banais do cotidiano é uma das marcas que o gênero cronístico adquiriu em sua rica trajetória no jornalismo e na literatura brasileira.<sup>91</sup>

## **2.4 A poesia do futebol em Drummond**

Após analisar as relações entre a prosa do futebol e a prosa de Drummond, na obra *Quando é dia de futebol*, destacando algumas crônicas e cartas presentes no livro, abordarei neste quarto subcapítulo as relações entre o “futebol de poesia” e a poesia do futebol nos textos do autor, destacando os poemas presentes na obra e como eles podem ser relacionados com a teoria do cineasta italiano.

---

<sup>91</sup> CANDIDO. A vida ao rés-do-chão, p. 13-22.

Para relembrar sinteticamente as características do “futebol de poesia”, tem-se um comentário de Wisnik sobre Pasolini, que descreve da seguinte forma esse estilo de jogo:

Já o futebol poético suporia dribles e toques de efeito, ao mesmo tempo gratuitos e eficazes, capazes de criar espaços inesperados por caminhos não lineares, podendo o gol ser “inventado por qualquer um e de qualquer posição”. Pasolini refere-se mesmo à “capacidade monstruosa” de driblar dos brasileiros, “os melhores fazedores de gols” do mundo. Sem disfarçar o seu entusiasmo de artista pelo futebol-arte, ressalva que a distinção entre futebol-prosa e futebol-poesia é especificamente técnica – semiológica –, e não valorativa, podendo cada um dos modos atingir ou não sua plenitude, impondo-se ao outro. Mas, no modelo poético – dominante, segundo ele, no futebol sul-americano –, o gol resultaria não de triangulações metodicamente concatenadas ou de cruzamentos com causa e efeito, mas de irrupções individualistas e de aproximações em ondas concêntricas, *de cruzamentos paradoxais das causas com os efeitos*, poderíamos dizer, cujo desenho intrincado dificilmente se deixaria reduzir a uma fórmula.<sup>92</sup>

Assim, a diferenciação dos modelos de “futebol de prosa” e “futebol de poesia” se dá, basicamente, pela qualidade técnica de cada estilo: o primeiro depende de jogadas coletivas e bem organizadas entre os jogadores para chegar ao gol; enquanto, no segundo modelo, o gol dependeria precisamente de um único jogador, com uma habilidade de dominar e conduzir a bola, elaborando, através dos dribles, uma jogada que retire os defensores do caminho, abrindo os espaços necessários para se chegar à meta final.

Continuando com a análise sobre o “futebol de poesia”, Cornelsen faz uma observação a respeito da principal característica desse estilo de jogo:

Outra característica do “futebol de poesia” seria o drible que, assim como o gol, seria sua expressão por excelência. Pasolini aponta como sublime uma jogada construída por uma longa sequência de dribles – uma sintaxe –, em que um único “podema” – unidade mínima da linguagem do futebol –, ou seja, o jogador com posse de bola, partiria do meio de campo até a meta e faria o gol.<sup>93</sup>

Ou seja, através do drible, a poesia se insere na prática do futebol. Para levar essa discussão para a leitura dos poemas de Drummond sobre o futebol, vejamos inicialmente algumas ideias, recolhidas nos textos de sua fortuna crítica, sobre as características gerais de seus textos poéticos. No livro *Coração partido*, de Davi Arrigucci Jr., tem-se uma explicação bem pertinente a esse respeito:

---

<sup>92</sup> WISNIK. *Veneno remédio*, p. 116.

<sup>93</sup> CORNELSEN. *Caligrama*, p. 185.

E de fato Drummond é um grande poeta da sintaxe; não apenas pela habilidade inventiva que demonstra no tratamento e na combinatória interna das palavras da frase. Sabe criar com pouco um ritmo próprio, engendrando admiráveis sequências verbais. É senhor absoluto do instrumento de ofício. Na verdade, por associações inesperadas (num sentido amplo, mais maleável do que o da sintaxe da gramática tradicional), ele gera e organiza as relações entre verso e universo, por tudo o que é capaz de trazer de fora, do mundo e da linguagem, e coadunar, ritmicamente, no interior do poema.<sup>94</sup>

Segundo Arrigucci Jr., então, para conseguir organizar as palavras e dar ritmo a elas, elaborando poemas de amplo conteúdo e significação, o poeta depende de um “poder de articulação”, por meio do qual ele mobiliza de um modo particular a sintaxe poética:

A capacidade de conjugar num poema múltiplas e heterogêneas esferas da realidade depende por certo da imaginação, entendida como faculdade plasmadora da arte, e se traduz materialmente num poder de *articulação*, de que depende, por sua vez, em profundidade, a forma artística.

Nesse sentido, desde o começo Drummond dá demonstração de sua força imaginativa pelo notável poder de articulação que demonstra, ou seja, pela capacidade artística de integrar a multiplicidade na unidade. A articulação, categoria estética central a toda a arte moderna, é uma chave para a compreensão de sua poética e tem precisamente no chiste uma primeira manifestação decisiva.<sup>95</sup>

É esse poder de articulação que permite a Drummond materializar na expressão poética a multiplicidade do mundo e seus ecos na sua interioridade, como argumenta Arrigucci Jr.:

Dar forma às coisas desconstruídas que pululam no mundo e nunca deixam de pulsar junto com o coração batendo também em descompasso, perseguir o ressoar dos ecos de fora até os mais distantes fundos da alma, eis um desafio que desde o começo o poeta parece sentir, pois de fato já nasce com o mal-estar, o sentimento negativo da inadequação e da discórdia frente ao mundo dos tempos modernos.<sup>96</sup>

Na epígrafe que abre a obra *Quando é dia de futebol*, Drummond já demonstra esse “poder de articulação” mencionado por Arrigucci Jr., traduzindo sinteticamente seu pensamento sobre o esporte, que repercute na própria materialidade do texto:

uma paixão:  
a bola  
o drible  
o chute  
o gol.<sup>97</sup>

<sup>94</sup> ARRIGUCCI JR.. *Coração partido*, p. 31.

<sup>95</sup> ARRIGUCCI JR.. *Coração partido*, p. 31-32.

<sup>96</sup> ARRIGUCCI JR.. *Coração partido*, p. 32.

<sup>97</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 11. A epígrafe é um trecho do poema “Retrato de uma cidade”, que integra o livro *As impurezas do branco*, de Carlos Drummond de Andrade.

Percebe-se que o estilo de jogo chamado por Pasolini de “futebol de poesia” dialoga diretamente com o poema, pois, para falar sobre o esporte, o poeta utiliza apenas algumas palavras “soltas” no texto, prescindindo do encadeamento sintático típico da prosa. Além disso, essas palavras não estão na sequência usual da frase, pois elas vão “caindo” ao longo do texto, como se estivessem “driblando” o leitor. Porém, mesmo o texto possuindo essa construção poética, seu conteúdo está claramente organizado em relação à sequência do próprio jogo de futebol. Em primeiro lugar é preciso ter paixão pelo esporte; para logo em seguida lidar com o seu material, que é a bola; para que depois a poesia possa entrar, através do drible; até que um “podema final”, que seria o chute, possibilita chegar ao objetivo e à emoção maior desse esporte, que é o gol. Drummond apresenta as palavras nessa ordem, demonstrando as etapas da ação de um jogador até a meta final, numa escala crescente de importância.

Vejamos, agora, o segundo poema do livro, intitulado “Futebol”, que nos leva a propor certas reflexões sobre como o poeta tematizava esse esporte:

Futebol se joga no estádio?  
Futebol se joga na praia,  
futebol se joga na rua,  
futebol se joga na alma.  
A bola é a mesma: forma sacra  
para craques e pernas-de-pau.  
Mesma a volúpia de chutar  
na delirante copa-mundo  
ou no árido espaço do morro.  
São voos de estátuas súbitas,  
desenhos feéricos, bailados  
de pés e troncos entrançados.  
Instantes lúdicos: flutua  
o jogador, gravado no ar  
– afinal, o corpo triunfante  
da triste lei da gravidade.<sup>98</sup>

Neste poema, pode-se perceber, logo no seu início, a sutileza com que Drummond aborda o futebol, pois coloca, lado a lado, o esporte sendo jogado tanto no estádio quanto na praia, na rua e na alma. Depois de questionar, no primeiro verso, o lugar onde se joga futebol, ele demonstra, logo em seguida, sua visão do futebol como um esporte democrático, graças à facilidade com que ele pode ser praticado em diferentes espaços físicos. Além disso, o caráter espiritual (alma) desse esporte deve ser

---

<sup>98</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 13.

destacado, visto que é preciso ter paixão e estar bem-disposto para apreciá-lo e praticá-lo. Daí o deslocamento metonímico, no quarto verso do poema, em que a alma substitui o corpo na tarefa de jogar o futebol. Com as expressões “futebol se joga na alma” e “a bola é a mesma: forma sacra”, Drummond coloca o futebol em dois planos que, embora distintos, se entrecruzam (entre o terreno e o espiritual), elevando-o a um patamar sagrado. Por meio dessa dualidade de planos, tem-se outra figura de linguagem, a antítese, que aproxima ideias contrárias no poema.

Nos versos “A bola é a mesma: forma sacra” e “para craques e pernas-de-pau”, tem-se assinalado novamente o caráter democrático do esporte, visto que a bola é igual tanto para aqueles que sabem jogar quanto para aqueles que são “ruins de bola”. Nos versos “mesma a volúpia de chutar”, “na delirante copa-mundo”, “ou no árido espaço do morro”, apresenta-se, ao mesmo tempo, uma hipérbole, que exagera o fato de que o jogador tem uma grande vontade de chutar, e uma antítese, pois a ideia de se jogar bola na Copa ou no morro é uma oposição (remetendo a um conflito de classes sociais), com o objetivo, mais uma vez, de enfatizar o caráter democrático do jogo.

Ainda no mesmo poema, Drummond elabora metáforas para descrever os movimentos dos jogadores, afirmando que eles são “voos de estátuas súbitas” e “desenhos feéricos, bailados / de pés e troncos entrançados”. Em sua plasticidade, o corpo do jogador é estátua, desenho e bailado, o que remete, no imaginário do leitor, a uma visão mágica do movimento, destacando-se assim a irrupção dos eventos não lineares e imprevisíveis, apontados por Pasolini, Wisnik e Cornelsen em seus textos. Os dois versos finais, em que o corpo do atleta triunfa sobre a “triste lei da gravidade”, demonstram com clareza essa quebra da racionalidade da prosa.

Para continuar com a demonstração dos “dribles poéticos” na obra de Drummond, transcreve-se a seguir os versos iniciais e finais do poema “De 7 dias”, publicado no jornal *Correio da Manhã*, no dia 22 de junho de 1958, tematizando Garrincha e Pelé, jogadores ainda em vias de consagração no futebol nacional e mundial:

Começou festiva a semana:  
espiávamos por uma frincha  
a vitória, e eis que ela fulgura,  
rosa aberta ao pé de Garrincha.

(...)

E vem outro, mais outro dia,

Paíra a esperança, junto à fé.  
A bola em flor no campo joia,  
E seu ourives é Pelé.<sup>99</sup>

No fragmento acima, o “futebol de poesia” é poeticamente evocado pelas rimas entre “frincha” e “Garrincha”, “dia” e “joia”, “fé” e “Pelé”, que constroem a musicalidade do texto, por meio da qual o autor consegue captar e transmitir ao leitor as intensas sensações do torcedor, associando, por exemplo, a fé dos brasileiros ao nome de Pelé. Garrincha e Pelé têm um relevo muito grande na obra de Drummond, não apenas sendo lembrados nos poemas, mas ganhando capítulos especiais dedicados a eles, intitulados “Pelé, o mágico” e “Garrincha, o encantador”, além de o próprio Pelé ter escrito o prefácio do livro. Ainda em relação ao poema acima, nos terceiro e quarto versos da primeira estrofe, “a vitória, e eis que ela fulgura”, “rosa aberta ao pé de Garrincha”, apresenta-se a figura de linguagem da metonímia, pois a vitória da seleção brasileira está concretizada através das jogadas (e principalmente dos dribles) de um único jogador, Garrincha. Na última estrofe também se apresenta a metonímia, pois toda a esperança e a fé na vitória da seleção estão concentradas na construção das jogadas de Pelé. Registre-se, também, o processo de metaforização que transforma a vitória em uma rosa e a bola em uma joia, trabalhada pelo melhor ourives, Pelé.

Assim como Drummond, muitos outros escritores enalteceram o grande talento de Garrincha, um dos jogadores mais tematizados da literatura brasileira. O mais famoso deles é o jornalista e escritor Nelson Rodrigues, que o considera como “a única sanidade mental do Brasil”. No trecho abaixo, o estilo intuitivo de Garrincha é mais um índice dessa oposição entre a racionalidade da prosa e sua quebra pelo estilo poético dos jogadores brasileiros:

Eu disse que Saldanha pensava. Pois acontece o contrário com Garrincha. Sim, amigos: Garrincha não pensa, nem precisa pensar. Saldanha ou qualquer outro vive do raciocínio. Nós pensamos todos os nossos atos. Não fazemos nada sem um penoso processo mental. Antes de atravessar a rua, ou de chupar um Chicabon, o homem normal é lacerado de dúvidas. Ele estaca diante da carrocinha amarela e, acometido por uma perplexidade hamletiana, pergunta, de si para si: – “Tomo ou não tomo o Chicabon? Talvez seja melhor não tomar o Chicabon. Ou devo tomar?” Em futebol a mesma coisa. Ao praticar um reles arremesso lateral, o jogador esbanja um tempo precioso ao escolher o companheiro que deve receber a bola. O ser humano pensa demais, e é pena, pois a vida é, justamente, uma luta corporal contra o tempo. Repito: – o ser humano vive pouco porque pensa muito. Ora, a máxima característica terrena de Garrincha é a seguinte: – ele não precisa pensar. E, por isso, porque não pensa, posso apontá-lo como a única sanidade mental do Brasil.<sup>100</sup>

<sup>99</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 23-24.

<sup>100</sup> RODRIGUES. *O berro impresso das manchetes*, p. 476-477.

No poema intitulado “Copa do Mundo de 70”, publicado no *Jornal do Brasil* no dia 09 de junho de 1970, apresenta-se o torcedor de futebol Drummond, que se rende ao sentimento nacional em torno da seleção:

I / Meu coração no México

Meu coração não joga nem conhece  
as artes de jogar. Bate distante.  
da bola nos estádios, que alucina  
o torcedor, escravo de seu clube.  
Vive comigo, e em mim, os meus cuidados.  
Hoje, porém, acordo, e eis que me estranho:  
Que é de meu coração? Está no México,  
voou certo, sem me consultar,  
instalou-se discreto, num cantinho  
qualquer, entre bandeiras tremulantes,  
microfones, charangas, ovações,  
e de repente, sem que eu mesmo saiba  
como ficou assim, ele se exalta e vira coração de torcedor,  
torce, retorce e se distorce todo,  
grita: Brasil! Com fúria e com amor.<sup>101</sup>

No poema acima, destacam-se duas figuras de linguagem, a personificação e a hipérbole. A primeira figura apresenta-se em quase todo o poema, pois Drummond personifica seu coração, atribuindo-lhe características humanas. A mesma imagem pode ser lida também como uma metonímia, pois o coração simboliza o próprio poeta, assumindo a sua condição de torcedor. A hipérbole aparece no quarto verso, “o torcedor, escravo de seu clube”, pois o poeta exagera ao demonstrar a relação apaixonante entre o torcedor e seu clube. No conjunto do poema, mais uma vez temos o conflito entre a racionalidade e a paixão despertada pelo futebol, conflito esse que é simbolicamente resolvido pelo triunfo poético da paixão.

Observa-se, assim, que os textos poéticos de Drummond apresentam diversos “dribles”, que dão sabor e originalidade aos seus poemas. Além disso, esses dribles, inseridos nos textos poéticos sobre futebol, proporcionam ao leitor uma visão diferenciada do esporte na literatura, pois os movimentos do jogo se apresentam não apenas de forma descritiva, mas incorporados à própria estrutura dos poemas. Através desses movimentos, o leitor desloca o seu olhar, saindo do conteúdo em si, que seria o olhar comum, apenas absorvendo as informações, para os aspectos estruturais, tanto do texto quanto do próprio futebol. Concluo, então, este capítulo com o poema intitulado

---

<sup>101</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 72.

“A seleção”, publicado no *Correio da Manhã* no dia 03 de abril de 1966, no qual o poeta comenta a escalação da seleção brasileira para a Copa de 1966, na Inglaterra. As rimas, assonâncias e aliterações, nesse poema, cumprem a função de simbolizar a harmonia e a união nacional, materializada pela seleção, que parte em busca de mais um título mundial:

Vai Rildo, não vai Amarildo?  
Vão Pelé e, que bom, Mané,  
O menino gaúcho Alcino  
E nosso veterano Dino,  
Altair. Rima de Oldair,  
Ecoando na ponta: Ivair,  
E na quadra do gol: Valdir.  
Fábio, o que não pode faltar,  
E também não pode Gilmar,  
Como, entre os santos dos santos,  
O patriarca Djalma Santos,  
Sem esquecer o Djalma Dias  
E entre mil e uma noites, Dias.

(...)

Não abro mão de Nado e Zito,  
Nem fique o Brito por não dito.  
Ditão, é claro, por que não?  
E o mineiríssimo Tostão,  
O grande Silva, corintiana  
Glória e mais o áspero Fontana  
Dudu, Edu... e vou juntando  
Bons nomes ao nome de Orlando,  
Para chegar até Bellini  
Em cujas mãos a taça tine.

(...)

Com tudo isso e mais Rinaldo  
E o canarinho de Zivaldo,  
quarenta e seis, se conto bem  
- um time igual eu nunca vi  
em Europa, França e Belém-  
que barbada seria o Tri,  
hein?<sup>102</sup>

---

<sup>102</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 46-47.

## **Capítulo 3**

### **Futebol e política em Drummond**

Após estudar a ideia do futebol como linguagem e analisar suas relações com a obra *Quando é dia de futebol*, irei, neste terceiro e último capítulo, analisar a relação entre o futebol e a política nos textos de Drummond, visto que, em vários deles, apresenta-se uma visão a respeito do contexto político e histórico em que foram escritos. O capítulo foi dividido em quatro subcapítulos, denominados: “Futebol e política no Brasil”, onde irei elaborar um breve histórico dessa relação no país; “Drummond e a política”, onde apresentarei a visão política do escritor; “Jogo político e jogo de bola em Drummond”, onde tratarei, em linhas gerais, das relações entre futebol e política nos textos do autor, destacando o humor e a ironia como instrumentos para o exercício da crítica; e “O drible da ironia”, onde buscarei me aprofundar na discussão sobre o sentido e o objetivo da ironia na escrita de Drummond, especialmente em seus textos sobre o futebol.

#### **3.1 Futebol e política no Brasil**

Numa perspectiva mais ampla, a relação entre o futebol e a política no Brasil já foi analisada no primeiro capítulo, “Futebol e arte no Brasil”. Mais precisamente no subcapítulo “A história, a presença e os significados do futebol na cultura brasileira”, no qual se apresenta uma parte importante dessa relação, visto que a história e os significados do futebol na cultura brasileira estão intrinsecamente relacionados a questões políticas.

Para aprofundar essa relação, irei recorrer com mais ênfase ao livro *História política do futebol brasileiro*, de Joel Rufino dos Santos, que trata especificamente desse tema. O autor divide a história do futebol brasileiro em quatro momentos: “Infância”, “Juventude”, “Apogeu” e “Crise Passageira”. É bom lembrar que o livro foi publicado em 1981, por isso não se faz referências sobre a história do futebol brasileiro após essa data. Para começar, recorro a um trecho do livro do historiador, onde ele fala sobre a infância do nosso futebol, ou seja, a criação dos primeiros clubes de futebol no país:

Os doces clubes de *cricket*, ou de *squash*, começaram a brotar nas cidades brasileiras, a partir de 1850, geralmente ao lado de uma grande fábrica ou no interior das chácaras. Num desses clubes, Charles Miller, que não gostava de *cricket*, organizou, em 1895, o primeiro *team* de *foot-ball* do Brasil, o São Paulo Athletic Club. Em 1902 apareceu, no Rio, o Fluminense; em 1903, o Fuss-Ball-Club e o Grêmio Foot-Ball Porto-alegrense, no Rio Grande do Sul; em 1904, o Sport Club de Belo Horizonte. Parecia uma reação em cadeia.<sup>103</sup>

Neste começo, por volta de 1895 até 1910, quando os primeiros clubes ainda estavam em fase de surgimento e constituição, a popularização ainda não havia começado. Pelo contrário, os jogos ainda tinham um ar de elegância, típica dos ingleses, e ainda era considerado um esporte de elite:

Os pobres – os que não tinham dinheiro para a bola, os uniformes e os ingressos – espiavam por cima do muro. Mesmo os que conseguiam pagar o preço da geral sentiam-se intrusos no espetáculo: os craques, ao saldarem a torcida, nunca se dirigiam a eles, mas à seleta assistência da arquibancada, *bouquet* de moças e rapazes de boa família. Era o tempo em que os intelectuais ainda gostavam de futebol e comparavam, em artigos derramados e versos eloquentes, os jogadores a deuses gregos, os estádios ao Olimpo.<sup>104</sup>

Ainda em sua fase elitista, o futebol começou a chamar a atenção dos políticos da época, que consideravam que ele poderia ser utilizado como uma forma de civilizar a população em geral. Assim, vários políticos começaram a apoiá-lo, com presença constante nos estádios. Após uma iniciativa do deputado federal João Neiva, em dezembro de 1906, por meio da qual ele isentava de impostos os apetrechos que compunham o futebol, o cricket e o tênis, os clubes começaram a ter um amplo apoio por parte dos políticos. Com isso, os clubes começaram a crescer e aparecer cada vez mais para a população:

A mesma lógica parecia explicar de modo geral a atitude de outras parcelas do poder público, que passavam a apoiar de maneira muito mais ostensiva esses clubes esportivos. O próprio presidente da República instituiu, em 1907, uma taça a ser anualmente disputada pelos selecionados de São Paulo e do Rio, enquanto os diretores da Central do Brasil passavam a dar aos *foot-ballers* um tratamento diferenciado, cedendo-lhes gratuitamente as passagens para os jogos interestaduais. Garantidos pelo apego que lhes dedicava um público distinto e elegante, os clubes de futebol conseguiam para a sua prática um amplo apoio.<sup>105</sup>

---

<sup>103</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 14-15.

<sup>104</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 15.

<sup>105</sup> PEREIRA. *Footballmania*, p. 78.

Assim, os políticos começaram a perceber que o futebol poderia se tornar, nos anos seguintes, um importante acontecimento social. Decidiram, então, se apropriar dele, com o intuito de utilizá-lo para disciplinar a população. Com isso, o futebol, que era elitizado até 1910, se tornaria um instrumento pedagógico para as massas, para que elas pudessem se inserir no processo republicano em vigor no país naquela época. Além disso, seria inevitável que muitos políticos utilizassem o esporte para se autopromoverem, visto que seu crescimento, a partir de 1910, seria consolidado.

No livro *Mil e uma noites de futebol*, Marcelino Rodrigues da Silva apresenta a visão tanto da elite quanto dos operários a respeito do futebol até os anos 1910 no Brasil, sintetizando, assim, as relações políticas desse esporte naquele momento e seus desdobramentos posteriores:

As elites urbanas teriam visto o futebol como símbolo de modernidade e civilização, meio de distinção social e instrumento de pedagogia física e moral das massas. Mas, nos clubes suburbanos e operários, o esporte teria sido sobretudo um mecanismo de criação de redes de solidariedade e laços de identidade territorial, profissional e racial, um meio de ascensão social e um artifício para a legitimação de atividades de lazer submetidas ao controle policial, como o carnaval e os clubes de dança. A princípio, então, o futebol teria funcionado como campo de articulação de diferenças e conflitos, como idioma comum que mediava as tensões entre os diversos grupos sociais. Mais tarde, no entanto, o esporte teria sido objeto de uma manipulação política que teria feito voltar à tona seus sentidos e funções relacionados ao controle e à harmonia social.<sup>106</sup>

A partir de 1910, aproximadamente, o futebol começaria a ser popularizado. Esse processo teria sido estimulado pelos políticos da época. Com o passar dos anos, essa prática esportiva passou a ser incorporada e aceita na cultura popular brasileira, como pode ser percebido no trecho abaixo:

Trazido da Europa, no final do século XIX, por rapazes da alta sociedade que voltavam de temporadas no exterior e estrangeiros que residiam no país, o futebol foi, a princípio, um passatempo moderno e elegante das jovens elites urbanas. Mas, através de um processo complexo, que durou aproximadamente do início da década de 1910 ao final da década de 1930, ele sofreu uma série de transformações que alteraram dramaticamente suas relações com a sociedade brasileira. Ao longo desse período, o esporte se tornou extremamente popular entre os mais diversos grupos sociais, teve seu repertório gestual recriado e transformado no que hoje é chamado “estilo brasileiro de futebol”, foi palco de uma intensa luta pela aceitação de atletas negros e pela profissionalização dos jogadores, fez surgir os primeiros grandes ídolos esportivos nacionais, gerou instituições profundamente enraizadas na sociedade e produziu uma imprensa esportiva vibrante, de proporções antes inimagináveis.<sup>107</sup>

---

<sup>106</sup> SILVA. *Mil e uma noites de futebol*, p. 23.

<sup>107</sup> SILVA. *Mil e uma noites de futebol*, p. 17-18.

Percebe-se que o desenvolvimento do futebol brasileiro está diretamente relacionado com o desenvolvimento econômico e social do país no começo do século XX. Diante desse cenário econômico e social, o futebol brasileiro, inevitavelmente, tinha que passar por um processo de profissionalização, para que o esporte também fosse inserido no mundo do trabalho e, mais precisamente, no sistema capitalista:

Uma coisa apenas está clara: a revolução de Trinta transformou o Brasil num país capitalista; um capitalismo de segunda mão, subalterno e dependente, mas, em todo caso, com a sua alma e o seu rosto. Triunfando o capitalismo, a sociedade inteira se subverteu, como se a tivessem virado de cabeça para baixo: as cidades, sedes do comércio, das indústrias e dos negócios, tornaram-se mil vezes mais importantes do que o campo e os bons e pacatos valores de outrora, as justas e prezadas virtudes de antes, começaram a dar em água de barrela.<sup>108</sup>

É dentro desse processo da Revolução de 1930 que a popularização do futebol está inserida. Antes mesmo de se chegar a essa década, o esporte já começava a dar os seus primeiros passos rumo ao desenvolvimento e à modernização. Diante das transformações sociais, o futebol não ficou para trás, acompanhando as mudanças por que passava a sociedade brasileira:

A mudança não veio, está claro, de supetão. Primeiro, a massa espiava por cima do muro; organizou, em seguida, seus próprios times, ao mesmo tempo que fornecia mão-de-obra (pé-de-obra, para ser exato) aos clubes grã-finos. Na década de trinta, o que vinha evoluindo gradativamente amadureceu. O futebol se tornou esporte popular, de massa. (E, convém notar, ao se tornar popular se tornou também nacional. Enquanto fora jogado exclusivamente por jovens ricos de Botafogo e da avenida Higienópolis, só podia ser inglês, inglês no uniforme importado, na bola, no vocabulário, e, o que é mais importante, na maneira de jogar).<sup>109</sup>

Assim, as transformações que vinham acontecendo no futebol se realizaram de forma paulatina, sem grandes revoluções, pois qualquer mudança drástica no comportamento da sociedade poderia afetar os interesses dos políticos da época, ligados à consolidação da República no país. Iniciou-se, então, o processo de profissionalização desse esporte, que também não veio de uma vez, mas gradativamente, como todo o desenvolvimento social brasileiro:

Ela não veio de uma vez. Os melhores jogadores, como hoje acontece com os juvenis, recebiam *bicho* (um *galo*, 50 mil-réis; um *peru*, 100, e assim por diante), luvas, casa e comida se necessário. Alguns deles, na década de 20, ficaram famosos por adoecerem em véspera de jogo importante, melhorando logo que um conselheiro abonado abrisse a carteira. O profissionalismo de fato precedeu o legal. E, coisa perfeitamente

---

<sup>108</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 44-45.

<sup>109</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 45.

compreensível, generalizou-se primeiro em time pobre, um São Cristóvão, um Corinthians, um Botafogo de Ribeirão, do que em clube rico, atraindo sobre aqueles a pecha de mercenários.<sup>110</sup>

Na citação acima, o processo de profissionalização já se insinua com o pagamento de bichos e as diversas artimanhas utilizadas pelos jogadores, ainda no período do amadorismo, para não jogar uma determinada partida, caso não houvesse compensação financeira. Por isso, a profissionalização se tornou praticamente obrigatória, para inserir o esporte no mundo do trabalho e deixar no passado a fase do amadorismo. Com a profissionalização do futebol, transformou-se também a relação entre os clubes e os jogadores, deixando marcas até hoje presentes nessa profissão:

Os dois últimos anos do amadorismo assistiram à fuga dos nossos maiores craques para o exterior – os de São Paulo para a Itália; os do Rio para o Prata. A fuga precipitou a profissionalização. Não a causou, como muitos pensam. A sua razão profunda está na revolução que vinha modificando a nossa sociedade pela base.<sup>111</sup>

Por conta da profissionalização do futebol, a própria população começou a se interessar e a prestigiar mais o esporte, como se pode verificar no trecho abaixo, pelo aumento do público presente às partidas e pelo surgimento de estádios cada vez maiores:

Cinquenta mil pessoas, em média, compareceram aos grandes clássicos daquela década (1930), um Fla x Flu, um Corinthians x Palestra. Isso quando a população das nossas duas principais cidades mal passava do milhão. (Na década anterior, o maior estádio do Rio, o do Fluminense, comportava, cheio, somente 18 mil pessoas. Daí a necessidade que teve o Vasco de construir o seu, em 1937, para 50 mil).<sup>112</sup>

Com a profissionalização, o futebol ganhou um novo patamar na sociedade brasileira. Antes praticado somente pelos jovens da elite, ele se incorporou aos mais diversos setores da população urbana, criando a demanda por uma formalização das relações trabalhistas. A profissionalização se consolidou, dentre outros motivos, graças ao incentivo dos políticos da época, que perceberam que o esporte se encaixava perfeitamente nos valores modernizadores e civilizados que se firmavam no Brasil desde a Proclamação da República.

Nesse contexto, observa-se o texto mais antigo da obra *Quando é dia de futebol*, intitulado “Enquanto os mineiros jogavam”, publicado no jornal *Minas Gerais*, na

---

<sup>110</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 46-47.

<sup>111</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 48.

<sup>112</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 49.

edição dos dias 20 e 21 de julho de 1931, onde Drummond comenta a comemoração de torcedores mineiros:

Quando chegou a notícia da vitória dos nossos patrícios, depois de encerrado o expediente, isto é, depois de terminado o segundo tempo, vi, claramente visto, chapéus de palha que subiam para o ar e não voltavam, adjetivos que se chocavam no espaço com explosões inglesas de entusiasmo, botões que se desprendiam dos paletós, lenços que palpitavam como asas, enquanto gargantas enrouqueciam e outras perdiam o dom humano da palavra. Vi tudo isso e tive, não sei se inveja, se admiração ou se espanto pelos valentes chutadores de Minas, que surraram por 4 a 3 os bravos futebolistas fluminenses.<sup>113</sup>

Percebe-se, no trecho acima, o contexto histórico-social em que o futebol estava inserido. Já estava concretizada a popularização do esporte, pois tem-se, ao mesmo tempo, a vibração dos torcedores, muitos deles com “chapéu de palha”, juntamente com “explosões inglesas de entusiasmo”, refletindo ainda as origens do esporte no país. Estavam, então, em uma mesma sintonia, a elite brasileira e os setores populares.

A partir dos anos 1930, com a sua popularização e a sua profissionalização, o futebol ganhou um espaço no cenário nacional antes inimaginável. No trecho abaixo, ao citar uma preocupação do escritor Lima Barreto em relação ao crescimento das cidades, Santos comenta:

No curto espaço de 30 anos o futebol se tornou o esporte nacional brasileiro. Muitas outras coisas que irritavam o escritor – os primeiros arranha-céus, as escolas de samba, os aterros que engoliam a sua doce Guanabara, as multidões nas bilheterias dos estádios – triunfaram também.<sup>114</sup>

A partir desse triunfo, o futebol ganhou uma dimensão popular e começaria a se tornar uma marca da identidade nacional. Consequentemente, o esporte se relacionaria mais diretamente com a política. Para descrever o contexto em que o futebol estava se inserindo, recorro ainda ao livro *História política do futebol brasileiro*, onde Santos demonstra que, no período dos anos 1930, a classe dominante, mesmo oferecendo melhorias para a vida dos setores populares da sociedade, sempre absorveu para si os lucros dessas transformações:

O povo brasileiro não deixou de sofrer – de exploração, de injustiça, de repressão, de falta de tudo. Foi, porém, naqueles anos de revolução liberal, que obteve imprescindíveis conquistas, como a Legislação Trabalhista, a liberdade sindical, o direito de reunião, de fazer política, de aderir a quaisquer ideologias e professar

---

<sup>113</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 14.

<sup>114</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 30.

quaisquer religiões. Algumas dessas conquistas acabaram suprimidas depois, outras distorcidas. Naquele instante, contudo, eram historicamente necessárias, interessavam até mesmo às classes dirigentes. Um só exemplo: a Legislação Trabalhista, ao mesmo tempo em que protegia os trabalhadores, organizava o mercado de trabalho para facilitar a exploração capitalista.<sup>115</sup>

Neste trecho, percebe-se como o desenvolvimento social foi absorvido tanto pelas elites quanto pela classe trabalhadora da época, visto que, com esse desenvolvimento, a população em geral começou a ter mais acesso ao mercado e maior liberdade de expressão (em vários setores, seja na política, na religião etc.). Excetuando-se os casos de regimes de exceção, como, por exemplo, a ditadura Vargas (1937-1945) ou mesmo a ditadura militar (1964-1985), o Brasil, desde a Proclamação da República, em 1889, passou por um processo de abertura democrática. Porém, ao longo dos anos, mesmo com essa abertura, as elites nunca deixaram de se aproveitar política e financeiramente de todo o desenvolvimento social gerado pela República. E o desenvolvimento do futebol não fica longe dessa situação, pois, logo no seu começo, o futebol foi introduzido e reproduzido pelas elites da época, como já foi abordado no primeiro capítulo.

A partir dos anos 1930, o futebol assume uma característica diferente das três primeiras décadas do século XX, pois ele chega ao auge de sua profissionalização e de sua popularização. A partir daí, sua relação com a política também começa a mudar, pois sua importância perante à sociedade se torna maior. Quanto ao contexto político, o ano de 1945 é particularmente interessante:

1945. A guerra mundial acabou, os pracinhas retornando sob um dilúvio de confetes. A ditadura do Estado Novo morrera, os torturadores, embora acabassem impunes (conservados em formol para torturarem no regime seguinte), foram apontados por suas vítimas. “O petróleo é nosso!”, começaram a berrar pelas ruas estudantes, operários, militares e até donas-de-casa. Um bando de novos partidos esvoaçou sobre o país – o Partido Social Democrático (PSD), o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), a União Democrática Nacional (UDN), o Partido Socialista Brasileiro (PSB), o Comunista, e, até, o fascista com outro nome, lembra?<sup>116</sup>

Nesse período, o Brasil estava em ascensão política, econômica e social, e o futebol acompanhava este processo. O profissionalismo estava crescendo, junto com a riqueza do futebol e do próprio país. Esse crescimento se explicava basicamente porque, principalmente durante o governo de Getúlio Vargas, priorizou-se o investimento na indústria nacional, o que evidentemente elevou a renda do trabalhador brasileiro e

---

<sup>115</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 51.

<sup>116</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 58.

acelerou a economia nacional. A criação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, o BNDE, em 1952; da Petróleo Brasileiro Sociedade Anônima, PETROBRÁS, em 1953; e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, SUDENE, em 1959, são bons exemplos do investimento na indústria brasileira.<sup>117</sup>

Os estádios também cresciam. Como o Maracanã, inaugurado em 1950, que se tornou o maior estádio do mundo por décadas, além de ostentar, até os dias de hoje, a marca do maior público de futebol em todos os tempos. Na final da Copa do Mundo de 1950, entre Brasil e Uruguai, compareceu um público de 199.854 espectadores. Durante o planejamento e a construção do estádio, uma briga política seria travada. O prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Mendes Moraes, queria construir o estádio no terreno do antigo Derby Club, no bairro da Tijuca; enquanto Carlos Lacerda, ligado à UDN, queria construí-lo em Jacarepaguá. Com o apoio do radialista Ary Barroso e do jornalista Mário Filho, Mendes Moraes acabou ganhando a disputa.<sup>118</sup>

Nesse contexto foram escritos muitos dos textos reunidos na obra *Quando é dia de futebol*. Tendo publicado seis textos da obra durante os anos 1950, Drummond elabora frequentemente uma comparação entre a política e o futebol, pois trata-se, nesse período, de um momento democrático, quando as pessoas podiam fazer as suas escolhas políticas e futebolísticas de modo relativamente livre. Num trecho da crônica “Mistério de bola”, publicada no *Correio da Manhã* no dia 17 de junho de 1954, ele explicita essa situação:

A estética do torcedor é inconsciente: ele ama o belo através de movimentos conjugados, astuciosos e viris, que lhe produzem uma sublime euforia, mas se lhe perguntam o que sente exprimirá antes uma emoção política. Somos fluminenses ou vascos pela necessidade de optar, como somos liberais, socialistas ou reacionários. Apenas, se não é rara a mudança do indivíduo de um para outro partido, nunca se viu, que eu saiba, torcedor de um clube abandoná-lo em favor de outro.<sup>119</sup>

Percebe-se que os textos de Drummond refletem constantemente o período político-histórico em que foram escritos. Na comparação entre a política e o futebol, o escritor coloca que em ambos temos uma liberdade de escolha. Porém, na política as pessoas tendem a trocar, com mais constância, de partido; já no futebol a troca de clubes é rara, o que pode nos levar a pensar que, de acordo com Drummond, a paixão por um

---

<sup>117</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 79-80.

<sup>118</sup> Para maiores informações, consultar:

[www.portal2014.org.br/noticias/11655/maracana+1950+a+historia+da+construcao+se+repetiu+depois+de+63+anos.html](http://www.portal2014.org.br/noticias/11655/maracana+1950+a+historia+da+construcao+se+repetiu+depois+de+63+anos.html)

<sup>119</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 20.

clube está muito mais enraizada no torcedor do que a opção por um partido político num militante.

Apesar desse período democrático no contexto político-histórico brasileiro, também estão presentes as interferências das instituições políticas no futebol. Na crônica intitulada “Vejam vocês como é tremenda”, escrita pelo escritor Nelson Rodrigues, compilada no livro *O berro impresso das manchetes* e publicada originalmente no dia 20 de julho de 1957, na *Manchete Esportiva*, tem-se um exemplo dessa situação. O cronista faz críticas à CBD (Confederação Brasileira de Desportos), em relação à organização do futebol:

Eis a verdade: Luizinho fez o que quis e o que não quis de Rossi. Passou-lhe a bola por entre as pernas, não sei quantas vezes; deixou-o falando sozinho. E o grande Rossi, com seu desespero impotente, batido, humilhado, inspirou a gargalhada cruel da massa. Outro astro: Pelé. É o Domingos da Guia do ataque. Garoto ainda, com 17 anos incompletos, tem uma autoridade de gênio da pelota. Ainda outro: Mazzola. Fez o segundo gol, depois de comer vários adversários, inclusive passando pelo ex-grande Rossi. Agora imaginem se não existisse a CBD para atrapalhar: a CBD no seu esforço obstinado para matar o futebol nacional! Sem a criminosa inépcia da CBD já seríamos campeões do mundo, há muito tempo.<sup>120</sup>

Se naquela época havia a CBD para atrapalhar, atualmente a situação ainda é lamentável, pois vários escândalos envolvendo os dirigentes da CBF vieram à tona na imprensa. Em especial, temos o atual (2015) escândalo dos dirigentes da FIFA que, junto com os dirigentes da CBF, são acusados de negociar votos para as futuras sedes das Copas de 2018 (Rússia) e 2022 (Catar), além de outros problemas envolvendo corrupção.

A partir de meados dos anos 1950, o Brasil passaria por uma nova onda de transformações. Joel Rufino dos Santos faz uma descrição daquele momento:

Com o governo Juscelino Kubitschek (1956-1960) parece que chegamos ao fim de um ciclo histórico. (O golpe militar de 1964 foi, apenas, o tiro de misericórdia em algo que já estava morrendo.) No plano econômico, por exemplo, tão importante para se compreender o quadro geral, foi então que nosso desenvolvimento começou a tomar a direção que tem hoje.<sup>121</sup>

Segundo o historiador, a virada se dá, basicamente, porque os políticos começaram a priorizar a incorporação de capital através da internacionalização da economia, e não o investimento na indústria nacional. Assim, a indústria nacional e,

---

<sup>120</sup> RODRIGUES. *O berro impresso das manchetes*, p. 259.

<sup>121</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 79.

consequentemente, o próprio futebol passariam por uma crise financeira. Isso está explicitamente colocado no trecho abaixo:

Com o governo de JK, porém, este filme acabou. E começou outro: as classes dominantes iam querer agora enriquecer na base da “internacionalização” da economia brasileira. (Por que fizeram esta opção não vem ao caso neste momento.) Esta “internacionalização” – e as medidas sociais, políticas e culturais que a complementaram – acabou sendo batizada de “modelo brasileiro de desenvolvimento”.<sup>122</sup>

Com esse novo modelo econômico, o Brasil iria novamente privilegiar sua elite, que obtinha lucros com a internacionalização e tinha mais condições de comprar os produtos importados, desprestigiando a classe trabalhadora:

De 1960 para cá temos, portanto, um “novo período histórico”. Para a democracia, como para a música popular, a literatura e o futebol, foi um período de crise e obscurantismo – como um filme de terror, ou um pesadelo. Por quê? É que no lugar da política de massas anterior, favorável à explosão do talento brasileiro, este modelo forçou a adoção de uma política antipopular. Para o nosso povo foi como uma camisa-de-força.<sup>123</sup>

Diante desse cenário, a ironia foi a grande arma de Drummond para exprimir suas opiniões políticas em seus textos sobre o futebol. Para exemplificar esse que é um dos traços característicos dos textos de Drummond durante o regime militar, tem-se o poema intitulado “Milagre da Copa”, publicado no *Correio da Manhã* no dia 03 de abril de 1966:

Bulhões a Campos, fagueiro:  
– Enfim, domada a inflação!  
Valorizou-se o Cruzeiro  
E mais ainda o Tostão.<sup>124</sup>

Nesse poema, a ironia está presente, pois o poeta se vale do futebol para tecer, de maneira velada, comentários críticos sobre o contexto político e econômico daquele momento. Ao relacionar as palavras “Cruzeiro” e “Tostão”, ele aborda, ao mesmo tempo, a valorização da moeda nacional, do jogador e do próprio time do Cruzeiro, que vinham numa trajetória ascendente. Misturando futebol e política com ironia, ele

---

<sup>122</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 80.

<sup>123</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 81.

<sup>124</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 45.

elabora uma crítica aos rumos do governo militar, que utilizava a economia e o futebol para sustentar ideologicamente o autoritarismo político do regime.

No contexto político e econômico do regime militar, é importante separar duas situações, que são a situação econômica da elite brasileira, que ia muito bem, e a situação econômica da classe trabalhadora, que ia muito mal. Sendo assim, quando se fala sobre uma crise financeira nos anos 1960 e 1970, é necessário ter em mente em qual classe social está inserida essa crise.<sup>125</sup> Sem falar na crise política, gerada pela repressão e pelo rompimento da ordem constitucional. Para exemplificar essa agonia, provocada pela ditadura militar, através dos textos de Drummond, apresenta-se um trecho do poema “Prece do Brasileiro”, publicado no *Jornal do Brasil* no dia 30 de maio de 1970, onde se fala da importância da vitória da seleção brasileira na Copa de 1970 como um mecanismo para aliviar a pressão que havia pela crise política e econômica:

Escute aqui, ó irmãozinho.  
Meu coração, agora, tá no México  
batendo pelos músculos de Gérson,  
a unha de Tostão, a ronha de Pelé,  
a cuca de Zagallo, a calma de Leão  
e tudo mais que liga meu país  
a uma bola no campo e uma taça de ouro.  
Dê um jeito, meu velho, e faça que essa taça  
sem milagre ou com ele nos pertença  
para sempre, assim seja... Do contrário  
ficará a nação tão malincônica,  
tão roubada em seu sonho e seu ardor  
que nem sei como feche a minha crônica.<sup>126</sup>

A vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970 é colocada pelo escritor como fundamental para que a sociedade brasileira não caísse em um desespero ainda maior. Sobre as consequências da ditadura militar para o universo do futebol, vejamos mais um trecho do livro de Joel Rufino dos Santos:

Em outubro de 1978, Francisco Horta, então presidente do Fluminense, reuniu os repórteres para dizer: “A causa principal da decadência do nosso futebol é a militarização. Temos de voltar, o quanto antes, ao poder civil no futebol”. Horta fez o papel do Juquinha, na célebre piada: falou a palavra proibida e os adultos fingiram nada ter ouvido.<sup>127</sup>

---

<sup>125</sup> Em 1980, Rubens Vaz da Costa, ex-presidente do BNH, escreveu um artigo no qual falava da imensa “dívida social” do governo para com a população. Em termos de números, o artigo revelava que, em 1970, 4,6 milhões de famílias habitavam favelas; 65 milhões de brasileiros não contavam com água encanada; havia 20 milhões de carentes totais e 2 milhões de menores abandonados. (ARRUDA E PILETTI. *Toda a História: história geral e história do Brasil*, p. 436).

<sup>126</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 71.

<sup>127</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 81.

No período da ditadura, houve influência massiva dos militares no futebol. Isso, de acordo com o historiador, teria sido um grande mal para o esporte, visto que diversas decisões do campo esportivo (como a escalação de jogadores nos clubes e na seleção, o apoio financeiro do governo aos clubes etc.) teriam a tutela dos militares, descaracterizando o pluralismo e o investimento social que existiam no futebol até aquele momento. Como apontamos anteriormente, durante o regime militar, quando houve o chamado “milagre econômico brasileiro”,<sup>128</sup> entre 1968 e 1973, o desenvolvimento não se deu através do investimento na indústria nacional e, no caso do futebol, nos clubes brasileiros; mas sim pela abertura, principalmente através da isenção de impostos, para as indústrias estrangeiras. Interessante observar que, se até os anos 1950, o governo isentava em muitos casos os gastos dos clubes com o futebol, a partir dos anos 1960 a isenção se deu para o capital internacional, o que beneficiou as indústrias estrangeiras e não os clubes nacionais.

Ainda sobre a relação dos militares com o futebol, Santos comenta uma solução “fascista”, proposta por uma comissão, para combater o empobrecimento técnico dos jogadores brasileiros, uma das consequências da falta de investimento nos clubes:

Na lavagem de roupa que se seguiu ao vexame da Argentina, um técnico cotadíssimo, Rubens Minelli, sugeriu que não aproveitássemos mais jogadores com menos de 1,75m. Como não podemos trocar de povo, naturalmente, voltaremos ao tempo de Charles Miller: quem é pobre e pequeno só espia por cima do muro. Para exemplificar a proposta fascista, um auxiliar deste nosso Benito do Bom Retiro contou: “Na peneira da última terça-feira um crioulo magrinho e extremamente habilidoso de 1 metro e 65, que levava a bola de uma área para a outra, sem ser desarmado, não recebeu convite para voltar. Dos 50 jogadores em teste foram escolhidos somente seis, altos e taludos, mas nenhum com os recursos técnicos do negrinho que treinou na ponta direita”.<sup>129</sup>

Esse foi, então, o contexto político em que se deu a produção de quase todos os textos de Drummond reunidos na obra *Quando é dia de futebol*. Um contexto que cobre diferentes transformações na sociedade brasileira, mas durante o qual sempre foram frequentes as associações entre o futebol e a política, tema que sempre esteve presente nas crônicas e nos poemas do autor mineiro.

---

<sup>128</sup> O “milagre econômico brasileiro” foi um momento, entre 1968 e 1973, em que houve um crescimento médio anual do Produto Interno Bruto brasileiro de 11%. Porém, esse “milagre” havia sido obtido à custa do empobrecimento da maioria da população, pois uma de suas características era a concentração de renda. In: ARRUDA E PILETTI. *Toda a História: história geral e história do Brasil*, p. 435-436.

<sup>129</sup> SANTOS. *História política do futebol brasileiro*, p. 87.

### 3.2 Drummond e a política

Para iniciar a discussão sobre a relação de Carlos Drummond de Andrade com a política, recorro a um trecho do livro *A angústia da ação: poesia e política em Drummond*, do professor e pesquisador da UFMG Roberto Said, onde ele cita um comentário feito por Mário Faustino sobre a relevância histórica-documental dos textos de Drummond:

A poesia de Carlos Drummond é documento crítico de um país e de uma época (no futuro, quem quiser conhecer o *Geist* brasileiro, pelo menos entre 1930 e 1945, terá que recorrer muito mais a Drummond que a certos historiadores, sociólogos, antropólogos e “filósofos” nossos...) e um documento humano “apologético do homem”.<sup>130</sup>

No trecho acima, percebe-se a importância histórica dos textos de Drummond, pois a sua visão política sobre sua época ganha o status de “documento crítico”. No livro *Verso Universo em Drummond*, José Guilherme Merquior também comenta o caráter político da obra de Drummond, mais precisamente as características que fizeram o poeta se posicionar contra ou a favor de determinados temas relevantes à sua época e que estão registrados em seus textos:

A ambivalência dos sentimentos de Drummond no que se refere ao núcleo familiar e também aos antepassados parece no fundo confirmar sua posição particular de homem, em que cavalga dois mundos sociais, dois universos de cultura: o Brasil tradicional da fazenda e o Brasil moderno, urbanizado. O autor de *A Rosa do Povo* não tem a sensibilidade conservadora de um Lins do Rego; é antes um intelectual socializante, se bem que seja bastante lúcido para falar, no auge de seu engajamento ideológico, – de “mitos” proletários (in “Idade Madura”, RP, 186, v.53); *conservará sempre o estojo de um liberal de esquerda*. Nada há, pois, de cego ou de ingênuo na sua maneira de considerar o ser social da família patriarcal: ele se dá conta, perfeitamente, de seus aspectos repressivos, até mesmo tirânicos. Contudo, em Drummond, a visão social se liga a uma autêntica crítica da cultura; à crítica da burguesia (incluindo a burguesia senhorial das fazendas), se junta a uma análise não menos desencantada do estilo de vida da sociedade moderna, “burguesa” ou não. Nisso reside uma diferença fundamental entre o macro-realismo drummondiano e a sociologia limitada e míope da maior parte da literatura socialista.<sup>131</sup>

Drummond, ao mesmo tempo em que tinha uma visão de esquerda em relação à política, pois se preocupava com os problemas sociais, como pode ser visto em diversos textos seus, possuía também um lado ainda tradicional. A princípio, isso pode ser visto como uma grande contradição, porém, impulsionado por essa contradição, o escritor

<sup>130</sup> SAID. *A angústia da ação: poesia e política em Drummond*, p. 23.

<sup>131</sup> MERQUIOR. *Verso Universo em Drummond*, p. 93.

conseguiu escrever poemas que dialogam com essas duas posições antagônicas. Isso pode ser verificado no poema “Europa, França e Bahia”, publicado no livro *Alguma poesia*, em 1930:

Meus olhos brasileiros sonhando exotismos.  
Paris. A torre Eiffel alastrada de antenas como um caranguejo

(...)

Hamburgo, embigo do mundo.  
Homens de cabeça rachada cismam em rachar a cabeça dos outros dentro de alguns  
[anos.  
A Itália explora conscienciosamente vulcões apagados,  
Vulcões que nunca estiveram acesos  
A não ser na cabeça de Mussolini.  
E a Suíça cândida se oferece  
Numa coleção de postais de altitudes altíssimas.  
Meus olhos brasileiros se enjoam da Europa.

(...)

Chega!  
Meus olhos brasileiros se fecham saudosos.  
Minha boca procura a “Canção do Exílio”.  
Como era mesmo a “Canção do exílio”?  
Eu tão esquecido de minha terra...  
Aí terra que tem palmeiras  
Onde canta o sabiá!<sup>132</sup>

Aqui, a visão dicotômica drummondiana está presente, pois, ao mesmo tempo em que ele sonha com o mundo moderno e civilizado, possui também os olhos voltados para o Brasil. No fim do poema ele dá um “basta” para seu sentimento de contemplação europeu e dirige seu olhar para seu país de origem, onde ainda estão colocados os valores mais tradicionais. Percebe-se, em Drummond, que mesmo ele se tornando um funcionário público e vivendo em cidades importantes e modernas do país, como Belo Horizonte e Rio de Janeiro, suas raízes sempre estiveram em sua terra natal e no mundo mais pacato onde vivia:

Sem de forma alguma abandonar sua lucidez no tocante ao patriarcalismo, Drummond, pelo contraste que estabelece entre o estilo existencial da sociedade patriarcal e o das massas urbanas alienadas, se reconcilia dialeticamente com o grupo familiar de feição tradicional, seguramente menos frio e inumano que o espaço vital reificado da grande cidade. É então que a perda de Itabira se torna dolorosa, ainda que o poeta, testemunha perfeitamente consciente de uma época de transição, e sem jamais identificar-se, a rigor, com qualquer forma social, não chegue a pregar a restauração de qualquer passado.<sup>133</sup>

---

<sup>132</sup> ANDRADE. *Alguma Poesia*, p. 20-21.

<sup>133</sup> MERQUIOR. *Verso Universo em Drummond*, p. 93-94.

Como uma referência de valor, sobressai o lado tradicional e familiar do poeta, visto que ele sente mais a falta de sua terra natal do que se alegra por estar presenciando a modernização do espaço brasileiro. Para ele, esse espaço moderno, marcado pelo surgimento da “sociedade de massa”, torna as relações humanas mais frias e pasteurizadas.

Encontra-se, aí, uma crítica de Drummond ao modo de vida moderno e capitalista. Com o passar dos anos, percebe-se que as pessoas, em sua maioria, não têm mais tempo para se relacionarem. O mundo do trabalho, até certo ponto, alienou as pessoas em relação às outras formas de convivência social, tais como a família, o lazer e a produção cultural. Assim, elas têm como preocupação prioritária o seu ofício, em detrimento das relações humanas, dadas as exigências econômicas que esse mundo impôs aos seres humanos. Percebe-se, claramente, a degradação das relações e, conseqüentemente, do próprio ser humano, visto que a tendência, ao longo de todo o século XX e até os dias atuais, é a de um empobrecimento das experiências afetivas e de uma vida marcada pela solidão, pelo estresse e pela depressão.

Merquior fala também da vida reificada das cidades modernas, objeto do olhar crítico e melancólico do poeta:

A vida reificada do “homem da rua” é menos consequência do capitalismo que da sociedade de massa. Em “Nosso tempo”, que contém um admirável afresco da alienação contemporânea, a vítima do processo social não é o proletário explorado, mas o burocrata anônimo, menos escravo do “negócio” que da sociedade urbano-industrial, capitalista ou não.<sup>134</sup>

A época burguesa denunciada por Drummond não conhece sequer o prazer e a beleza reais. A reificação corrói até mesmo os ócios; em lugar do hedonismo impressionista, tem-se apenas

O homem feio, de mortal feiura,  
Passeando de bote  
Num sinistro crepúsculo de sábado.<sup>135</sup>

Merquior, no entanto, busca distinguir o olhar crítico de Drummond para a vida moderna do simples pessimismo, afastando o poeta de uma posição meramente saudosista ou niilista:

Entretanto, a hostilidade em relação ao seu tempo não desemboca em pessimismo. A crítica da civilização de modo algum exclui, em Drummond, o amor à vida. Por pior que seja o peso das tristezas, por diversas que sejam as fontes da angústia e constante

---

<sup>134</sup> MERQUIOR. *Verso Universo em Drummond*, p. 81-82.

<sup>135</sup> MERQUIOR. *Verso Universo em Drummond*, p. 84.

sua ação sobre os homens, uma espécie de aceitação cristã da existência, bem distante da simples resignação estoica, acaba por superar o desespero cotidiano. É sempre possível “vencer o desgosto”, “calcando o indivíduo”, descobrindo o outro,

Pois a hora mais bela  
Surge da mais triste.<sup>136</sup>

Assim, o crítico considera que Drummond faz, sim, uma literatura engajada, politicamente comprometida com o seu contexto histórico e social, mas de um engajamento sutil, distante de qualquer postura panfletária ou ideologicamente engessada:

Literatura engajada, pois, mas de uma extraordinária sobriedade; poesia vacinada contra a derrapagem ideológica. Por outro lado, o poeta se sabe pouco dotado para o canto coral dos movimentos heroicos, para a evolução das grandes massas do drama histórico (Drummond – como veremos – nunca se sentirá completamente à vontade na épica). Ele se consagra, antes, às vítimas esquecidas, às agonias obscuras, à dimensão secretamente humana do processo social.<sup>137</sup>

Um exemplo dessa “literatura engajada” está no poema intitulado “Mãos dadas”, publicado no livro *Sentimento do mundo*, em 1940:

Não serei o poeta de um mundo caduco.  
Também não cantarei o mundo futuro.  
Estou preso à vida e olho meus companheiros.  
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.  
Entre eles, considero a enorme realidade.  
O presente é tão grande, não nos afastemos.  
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,  
Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,  
Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,  
Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.  
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,  
A vida presente.<sup>138</sup>

Apresentando-se como um poeta do presente, Drummond dá uma amostra de seu engajamento social e político, demarcando seu lugar no embate entre tradição e modernidade. O engajamento se dá, principalmente, porque o poeta se compromete em observar o presente que estava sendo colocado, nutrindo uma grande esperança por ele. Não quer estar preso ao passado, nem se perder em sonhos sobre o futuro, quer prestar atenção ao dia a dia que se colocava frente aos seus olhos, tentando não se afastar da

---

<sup>136</sup> MERQUIOR. *Verso Universo em Drummond*, p. 84.

<sup>137</sup> MERQUIOR. *Verso Universo em Drummond*, p. 41.

<sup>138</sup> ANDRADE. *Sentimento do mundo*, p. 161.

realidade que estava presente e tentando viver o máximo que ela pudesse lhe oferecer. Porém, preocupava-se também em evitar que seus textos se tornassem mais panfletários do que artísticos, pois queria se manter mais como um poeta do que como um político. Said aponta para essa questão:

Essa estratégia discursiva [ironia] talvez derive do desejo do escritor representar-se somente como “artista”, negando o caráter político de suas atividades: “Eu não disse ao senhor que não sou senão poeta?”, diria ele em um outro texto de *Alguma poesia*. Pois, ao opor a condição de “funcionário” à de “soldado”, o medo da morte à lembrança do amor, oscilando entre o “eu”, o “nós” e o “ele”, o poeta abstém-se de maiores adesões, colocando-se ao mesmo tempo dentro e fora do poema, dentro e fora do embate político, mostrando-se, enfim, tão “indeciso” quanto o país que parece surgir daquela obscura batalha.<sup>139</sup>

Percebe-se, no trecho acima, que uma das características de Drummond é sua indecisão perante aos fatos que vão surgindo ao longo de sua vida. As dúvidas que o poeta tem em relação ao andamento e desenvolvimento do país são uma das marcas constantes de seus textos. De certa forma, então, ele se torna um representante dos dilemas e das hesitações que a sociedade brasileira atravessa. Como poeta, no entanto, ele se distingue dessa sociedade, pela capacidade de registrar, refletir e criticar essa realidade, sem necessariamente aderir a esta ou aquela posição. Uma dessas críticas está no já comentado poema “Nosso Tempo”, inserido no livro *A rosa do povo*, de 1945, situado no contexto da Segunda Guerra Mundial:

Este é um tempo de partido,  
tempo de homens partidos.

Em vão percorremos volumes,  
viajamos e nos colorimos.  
A hora pressentida esmigalha-se em pó na rua.  
Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.  
As leis não bastam. Os lírios não nascem  
da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se  
na pedra.

(...)  
O poeta  
Declina de toda responsabilidade  
Na marcha do mundo capitalista  
E com suas palavras, intuições, símbolos e outras armas  
Promete ajudar  
A destruí-lo  
Como uma pedreira, uma floresta,  
Um verme.<sup>140</sup>

<sup>139</sup> SAID. *A angústia da ação: poesia e política em Drummond*, p. 27.

<sup>140</sup> ANDRADE. *Antologia poética*, p. 119-126.

Podemos perceber a destruição dos valores do homem, de forma que o próprio poeta se sente perdido diante das leis da sociedade, demonstrando uma falta de rumo em relação às questões políticas e sociais daquele momento. Essa “quebra” de valores, sentida não apenas pelo poeta, mas também pela sociedade, repercute ao longo dos anos no país, transformando-se na grande dificuldade que essa sociedade tem para se organizar e se planejar, de maneira conjunta, e se desenvolver em benefício próprio. Outro significativo poema resultante dessas inquietações é o “Congresso Internacional do Medo”, publicado no livro *Sentimento do mundo*, de 1940:

Provisoriamente não cantaremos o amor,  
Que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.  
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,  
Não cantaremos o ódio porque esse não existe,  
Existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,  
O medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,  
O medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,  
Cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,  
Cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,  
Depois morreremos de medo  
E sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.<sup>141</sup>

O poeta aborda o sentimento de medo que as pessoas têm em relação às questões da vida, como a natureza, a política e a morte. Ambos os poemas mencionados acima servem para reafirmar o lugar importante que as questões políticas e sociais ocuparam na obra e no pensamento do poeta, a despeito das ambiguidades que marcaram sua trajetória como burocrata e funcionário do aparelho estatal.

Ainda em relação aos aspectos políticos em Drummond, Said aborda o ativismo político do poeta durante, principalmente, o período da Segunda Guerra Mundial:

O ativismo político de Drummond, evidente no programa de *A Revista*, retornará anos mais tarde, sob outra tonalidade, em sua trajetória poética, especialmente nos livros elaborados durante os conturbados anos da Segunda Guerra Mundial. Destaco inicialmente *Sentimento do Mundo*, coletânea de versos compostos entre 1935 e 1940, que, como orienta a fortuna crítica do autor, inaugura a fase mais engajada da produção poética modernista no país. Nos poemas que compõem a obra, o escritor funcionário apresenta uma aguda consciência dos problemas históricos que agitavam a cena moderna, tanto no plano externo quanto no plano interno, renunciando ao distanciamento e às demais formas de evasão artística em nome de uma “ética do engajamento”, como se evidencia em “Mãos dadas”.<sup>142</sup>

---

<sup>141</sup> ANDRADE. *Sentimento do mundo*, p. 145.

<sup>142</sup> SAID. *A angústia da ação: poesia e política em Drummond*, p. 93.

Para finalizar este tópico, menciono rapidamente um trecho do editorial do primeiro número de *A Revista*, por meio do qual se pode refletir sobre o pensamento político de Drummond em relação ao papel dos intelectuais no processo civilizatório brasileiro: “depois da destruição do jugo colonial e do jugo escravista, e do advento da forma republicana, parecia que nada mais havia a fazer senão cruzar os braços. Engano, resta-nos humanizar o Brasil”.<sup>143</sup>

Drummond, além de se preocupar com os problemas sociais do Brasil de sua época, preocupava-se também com o futuro que o país iria construir e como iria caminhar nas próximas décadas. É nesse quadro que devem ser analisados os textos de Drummond que colocam em relação o futebol e a política. No prefácio da primeira edição da obra em estudo, Edmilson Caminha afirma:

Não por acaso, Drummond assemelha o futebol à política. É o expediente a que apela para criticar a situação nacional, como na deliciosa crônica, alusiva ao governo João Goulart, em que sugere Nilton Santos para o Ministério da Justiça, Gilmar para a Fazenda, Didi – com sua “elegante e estilizada folha-seca” – para as Relações Exteriores e Pelé para honrar o gabinete, ainda que ministro sem pasta... Sob a intolerância e a censura do poder militar, denuncia a manipulação do esporte pelo mandachuva da vez em 1970: “Ou ganhamos no México ou não sei o que será de nós, de nossos negócios particulares e até da segurança nacional. Sim, da segurança. Uma bola pode salvar o país, se tomar posição franca a nosso favor, contra tudo e contra todos”.<sup>144</sup>

### 3.3 Jogo político e jogo de bola em Drummond

Neste terceiro tópico, irei abordar o jogo político e o jogo de bola em Drummond, mais precisamente, como o poeta abordava o jogo entre a política e o futebol em seus textos. Os textos cobrem o período entre as Copas de 1954 e 1982 (o último texto é de 1983),<sup>145</sup> abrangendo então desde o último governo de Getúlio Vargas (1951-1954) até o último governo da ditadura militar iniciada em 1964, presidido por João Batista Figueiredo (1979-1985). Um período longo e repleto de acontecimentos políticos importantes, como o governo de Juscelino Kubitschek, a renúncia de Jânio Quadros, as turbulências vividas sob o governo de João Goulart, o golpe militar e a repressão política dos “anos de chumbo”.

---

<sup>143</sup> ANDRADE. “A Revista” (*apud* Said), p. 13.

<sup>144</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 264-265.

<sup>145</sup> O primeiro texto da obra *Quando é dia de futebol* é, na verdade, dos dias 20 e 21 de julho de 1931, intitulado “Enquanto os mineiros jogavam”. Este é, porém, o único texto antes do período entre 1954 e 1982.

Para iniciar essa abordagem, recorro primeiramente a uma crônica intitulada “Celebremos”, publicada no jornal *Correio da Manhã* em 01 de julho de 1958, onde Drummond comenta os benefícios gerados pela conquista do primeiro campeonato mundial de futebol pelo Brasil, em 1958, na Suécia:

Mas agora, vemos o futebol operando ou espelhando ainda maiores transformações, pois a conquista do campeonato mundial demonstrou a meu ver um maior entrosamento de forças sociais, a máquina burocrática do esporte deixando de operar suas porcas e parafusos de intriga, ambição e politicagem; consciência mais funda dos dirigentes; carta branca aos peritos para os trabalhos de formação e aprimoramento da equipe; e a contenção geral para evitar desdobramentos emocionais prévios, comprometedores do equilíbrio psíquico dos esportistas. Tudo isso, em termos de educação nacional, é confortador, e permite alongar a vista para mais longe do campo de jogo, dá à gente um certo prazer matinal de ser brasileiro, menos por haver conquistado a Taça Jules Rimet do que por havê-la merecido. Prazer límpido, sem xenofobia: é justamente por nos sentirmos iguais a outros povos capazes de vencer campeonato que nos despimos de pretensões de superioridade ou domínio político.<sup>146</sup>

Para Drummond, a conquista da Copa do Mundo pela seleção brasileira se deveu a uma maior organização do esporte, principalmente por parte dos dirigentes da época, e gerou na própria população brasileira um maior ânimo em relação ao país, demonstrando que o Brasil também poderia se tornar uma pátria vencedora. Essa organização e essa vitória seriam muito importantes para o futuro do futebol e do próprio país, ajudando-o a superar o atávico sentimento de inferioridade diante de outros povos. Nesse momento, portanto, Drummond adere a um sentimento de orgulho nacional despertado pelo futebol, a exemplo de muitos outros cronistas da época.

Numa outra crônica, intitulada “Seleção de Ouro”, publicada no jornal *Correio da Manhã* no dia 20 de junho de 1962, tem-se a celebração da conquista do bicampeonato mundial de futebol por parte da seleção canarinho, impulsionando o patriotismo da população brasileira:

Este bi veio na hora H. Os políticos procuram um rumo para a nação e não o encontram, ou querem encontrá-lo fora do lugar. A mudança do gabinete que devia ser caso de rotina, assumiu ares de problema grave, e ninguém sabe como compor a nova equipe dirigente. Ninguém? É exagero. Modestamente vos proponho a equipe ideal, que não é nem pode ser outra senão a equipe detentora da Taça Jules Rimet. *O Correio da Manhã* pediu um time de ministros tão bem selecionado como o time de futebol: é o próprio.<sup>147</sup>

Na crônica acima, Drummond abandona o discurso de simples celebração e elabora uma crítica aos políticos da época, que, ao contrário do que acontecia no

---

<sup>146</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 26.

<sup>147</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 35.

futebol, não sabiam organizar os seus gabinetes. Para criticá-los, compara-os com a seleção brasileira, que sabia escolher os melhores jogadores. O escritor prolonga o raciocínio, insistindo na comparação entre os jogadores campeões do mundo e os ocupantes dos cargos políticos mais importantes da época, visto que, para ele, a qualidade dos futebolistas deveria ser transplantada para os gabinetes, onde não era tão boa quanto nos campos de futebol:

Zagallo, ministro para várias pastas. Não sei se o colocamos em Agricultura, formiguinha que é, para entrar em cheio nas saúvas e desbaratá-las; em Indústria e Comércio, em Minas e Energia ou na Viação, dada a sua capacidade de estar em todas. Depende da pasta que reservamos a Garrincha, mas todo o ministério é pouco para este em sua simplicidade arguta. Em todo caso, lembro Aeronáutica, pois com suas fintas, dribles e escapadas impossíveis, atravessar o campo entupido de adversários é para ele o mesmo que voar em céu desimpedido, qual passarinho. Mas seu Mané escolha o que lhe aprover, jogando até de cabeçada, no Trabalho, ou de jacaré, na Marinha, e deixando Guerra para ser sorteado entre Vavá e Amarildo. Sendo que o garotão também pode ser útil na Educação, entre estudantes grevistas, mais garotos ainda do que ele, aos quais saberia falar como papagaio e convencer como campeão.<sup>148</sup>

Com o golpe militar de 1964, o Brasil entra numa nova fase política. E também Drummond, que se posicionaria sempre de forma crítica em relação aos militares, pois discordava da ditadura que vigoraria até 1985. Além de discordar da ditadura, criticaria a relação dos militares com o futebol, pois em vários momentos eles utilizaram o esporte para promover o seu governo.

Ao escrever sobre a relação entre os militares e o futebol, Drummond, ironicamente, considera que a seleção é mais importante do que a escolha do general que comandará o país, pois é com ela que a população brasileira poderia desfrutar de um Brasil melhor, ideia exemplificada na crônica intitulada “Concentração Nacional”, publicada no *Correio da Manhã* no dia 20 de abril de 1966:

O general Costa e Silva me desculpe, mas no momento o que bole com a gente é o preparo da seleção, em que depositamos toda a nossa esperança do chamado Brasil melhor. Brasil não só limpo de frustrações como estimulado a fazer coisas justificativas de seu ser, na criação de formas boas de existência coletiva. Porque o futebol não nos consola apenas com nossas fraquezas: desafia-nos a criar em muitos campos, pela sua repercussão saudável no *animus* de todos; desencadeia vontade de viver e fazer, atíça, manda brasíssima!<sup>149</sup>

(...)

A candidatura do general é fato secundário, em face das candidaturas do Tostão, do Paulo Borges, do Fontana, de outros calouros, ao posto de titular do escrete. São tantos garotões a mostrar que jogam o fino e, quando necessário, o duro, que a tal

---

<sup>148</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 36.

<sup>149</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 48.

lista de candidatos a candidatos, da Arena, empalidece. Fica-se melancólico porque na área política não ocorre a mesma floração de talentos jovens e capazes que caracteriza o futebol brasileiro. Mas que a melancolia vá para o inferno, com tudo mais. Alcindo chuta com os dois pés e fez um gol maravilhoso? Ah, dele é que precisamos!<sup>150</sup>

No trecho acima, percebe-se uma ironia na escrita do autor, pois ele utiliza o futebol como pretexto para falar sobre política. Ao priorizar o futebol como tema em seu texto, ele faz, implicitamente, uma crítica aos erros e descaminhos da política brasileira daquele período, quando já havia se instalado o regime militar.

Já na crônica intitulada “Seleção, eleição”, publicada no *Jornal do Brasil* no dia 09 de julho de 1970, o poeta destaca que, logo após o Brasil conquistar o seu tricampeonato, a Arena faria uma ostensiva campanha a seu favor, apropriando-se do título mundial como arma de propaganda política:

“Chute em gol: vote na Arena e ganhe na Loteria Esportiva.”

“Bote na Câmara a Seleção da Arena.”

“A Arena, cem por cento esportiva, garante um ataque fabuloso e uma defesa ainda melhor.”

“Vote na Arena, que conquistou a Taça Jules Rimet para você.”

Estes são alguns dos *slogans* que leremos e ouviremos daqui a pouco, ao abrir-se a campanha eleitoral (não esquecendo os *jingles* de Miguel Gustavo). A Arena recebeu instruções: deve esforçar-se por motivar o eleitorado, acenando-lhe com as nossas (suas, dela) vitórias esportivas no exterior, que, desta maneira, se transformarão em vitórias políticas no interior.

Naturalmente, certa cota de publicidade individual será concedida aos candidatos (arenistas), e surgirão mensagens neste estilo:

“O Tri é do povo e José Gomes também.”

“Um torcedor para senador: Pedro Polenta.”

“O tiro de Rivelino, a experiência de Manuel Faustino.”

“Tostão na Seleção, Leo Machado no Senado.”

“O Rei é Pelé, mas o deputado é Mário Nazaré.”

“Quer o IV Campeonato? Eleja Raimundo Nonato.”

“Mais um! Mais um! Silvestre Mutum.”<sup>151</sup>

Através de sua ironia, o escritor critica a forma como os militares iriam usar a vitória da seleção na Copa de 1970 para promover seus candidatos, comparando-os com os jogadores vencedores. Com o tricampeonato conquistado, a ditadura militar se fortaleceria ainda mais, pois havia ganhado a simpatia de boa parte dos brasileiros. Antes mesmo de conquistar o título, pôde, inclusive, indicar jogadores para a seleção. Na crônica intitulada “Falou e disse”, publicada no *Jornal do Brasil* em 17 de agosto de 1971, Drummond aborda a relação entre o jogador do Atlético Mineiro Dario e o presidente da época, Emílio Garrastazu Médici:

<sup>150</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 48-49.

<sup>151</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 77.

Dario, atleta campeão mundial, como se sabe, foi incluído na Seleção Brasileira por iniciativa do presidente Médici, que lhe apreciou o desempenho esportivo. Pois agora é justo solicitar a atenção de S. Ex.<sup>a</sup> para este novo aspecto do jogador atleticano: um homem simples que diz verdades aproveitáveis. Dario pode livrar o governo de muito inventador de problemáticas. Ele falou e disse.<sup>152</sup>

Além das críticas aos fatos em si, Drummond imagina determinadas situações que poderiam acontecer no cenário político brasileiro. Uma delas é uma possível disputa entre a Arena e o MDB no legislativo brasileiro. Com a força da Arena no poder Executivo, o MDB estaria enfraquecido. Na crônica intitulada “Anúncio na camisa”, publicada no *Jornal do Brasil* no dia 20 de dezembro de 1977, o escritor imagina essa situação:

Na propaganda política é que não vejo futuro para as camisas de atletas. Se aparecerem por aí umas do MDB, e outras da Arena, recomendando candidatos, e o escore for favorável ao primeiro, o ministro Armando Falcão se sentirá obrigado a proibir a campanha partidária nos campos de futebol, como desvirtuadora das normas democráticas do atual governo, no jogo político e em tudo mais.<sup>153</sup>

Desse modo, Drummond ironiza e questiona a falsa aparência de democracia que o regime buscava simular. O que se percebe é que as opiniões do escritor em relação às ações dos militares durante a ditadura sempre foram pessimistas, visto que uma vitória dos movimentos democráticos poderia ser revertida pelo governo. Já na crônica intitulada “Brasil vitorioso na Copa terá solução democrática”, publicada no *Jornal do Brasil* no dia 23 de maio de 1978, Drummond aponta mais uma vez para a relação entre a campanha da seleção na Copa de 1978 e o andamento do cenário político brasileiro da época, que estariam intrinsecamente entrelaçados:

A volta do país à normalidade democrática não depende em absoluto do resultado das eleições de novembro e da vitória da Arena – assegurou ontem em Brasília alta fonte política. Muito antes de se disputar a eleição assistiremos ao desfecho da crise institucional, que terá solução satisfatória se a Seleção Brasileira conquistar em Buenos Aires o divino caneco.<sup>154</sup>

Às vésperas da Copa do Mundo de 1982, Drummond novamente se preocupava com o andamento político no Brasil e com o desfecho da Copa do Mundo, sempre de algum modo interligados. No primeiro caso, o Brasil, que estava há 18 anos nas mãos

---

<sup>152</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 81.

<sup>153</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 98.

<sup>154</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 103.

dos militares, já havia iniciado um processo de distensão política que culminaria com o fim do regime militar, três anos depois. Já havia acontecido a anistia política, o fim do bipartidarismo e a eleição por voto direto para os governadores, fatos importantes que seriam seguidos pela campanha das Diretas Já e, posteriormente, pelo processo efetivo de redemocratização do país.

Em relação à Copa, Drummond também se preocupava, pois considerava que o resultado da seleção no torneio poderia influenciar diretamente no andamento do cenário político nacional. Se ganhasse, de acordo com Drummond, as pessoas teriam o seu ânimo aumentado e se sentiriam mais poderosas, podendo aumentar a cobrança sobre os militares e, conseqüentemente, acelerar o processo de redemocratização do país. A derrota também iria acelerar esse processo, pois, devido à forte relação criada entre os militares e a seleção canarinho, as pessoas ficariam mais chateadas e nervosas, culminando numa luta pelo fim do regime. Assim, o futebol potencializaria a oposição aos militares, independentemente do resultado da seleção na Copa da Espanha. Ao colocar o futebol em seus comentários, Drummond mostra que o cenário político que está por trás de suas palavras parece bem mais animador do que no final dos anos 1970. Isso pode ser verificado na crônica intitulada “Explosão”, publicada no *Jornal do Brasil* no dia 06 de março de 1982:

Se a gente ganha a Copa do Mundo, este país explode. Se perder, explode também. Não há alternativa. No primeiro caso, ainda haverá a tentativa oficial de convocar os campeões da Taça Jules Rimet para governarem o Brasil, sob o comando do general de onze estrelas Telê Santana. Mas sem resultado. Cada brasileiro se sentirá campeoníssimo e há de querer governar, sozinho, pelo menos a América Latina, ou a Europa – e o Brasil ficará, desculpem, desgovernado. No segundo caso... Cala-te, boca.<sup>155</sup>

Ainda em relação ao entrelaçamento entre o processo político ocorrido no Brasil e a Copa do Mundo de 1982, apresenta-se a crônica “O Rio enfeitado”, publicada no *Jornal do Brasil* no dia 10 de junho de 1982, na qual, ironicamente, ele demonstra a prioridade da seleção canarinho em relação à campanha política, pois é ela quem iria ditar os rumos do país:

O fato é que não há massa disponível para torcer por esse ou aquele partido que espera conquistar o governo do estado do Rio e fazer senador e deputado de montão. As faixas de propaganda de candidatos desaparecem ante a invasão de tiras verde-amarelas que prelibam o sucesso nacional na Espanha. Ainda se um desses candidatos formasse na

---

<sup>155</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 113.

reserva do time do Telê, tudo bem; seria aclamado como craque defensor da pátria, com votação garantida e superpartidária. Mas assim ao relento, como simples políticos, preocupados em salvar as finanças, o abastecimento, a qualidade de vida do pessoal, não dá. O momento é da bola, a ser chutada ou manobrada por pés brasileiros que conhecem as divinas artes de iludir o adversário mais assustador e vencê-lo na raça ou na graça.<sup>156</sup>

Logo após a Copa, em que o Brasil foi eliminado na segunda fase, Drummond escreveu uma crônica intitulada “Futuro”, publicada no *Jornal do Brasil* no dia 31 de julho de 1982. Adotando novamente um tom irônico, ele apresenta uma preocupação inicial em relação à seleção brasileira, porém, inevitavelmente, comenta sobre a situação política que estava em andamento no país, com o processo de redemocratização:

O futuro presidente da república será um civil de quatro estrelas ou um general de paletó-saco. De qualquer maneira estarão satisfeitas as aspirações democráticas. Não será por falta de presidente, ou de roupa adequada, que deixaremos de ir em frente. O problema não está na sucessão de Figueiredo, mas na escolha da seleção para a Copa de 1986. Precisamos de pernas novas na Colômbia. O Brasil não suporta mais a perda de um campeonato mundial.<sup>157</sup>

Vimos, então, que a aproximação entre futebol e política, nos textos de Drummond, embora não deixe de celebrar o talento brasileiro e a paixão provocada pelo esporte, se dá sobretudo pelo viés da crítica, em grande parte das vezes com a ajuda da ironia. Assim, o poeta não só criticava o contexto de sua época, como também invertia o uso ideológico que os políticos tentavam fazer do futebol.

### 3.4 O drible da ironia

Para ampliar a discussão sobre o sentido da ironia nos textos de Drummond sobre o futebol, é interessante lembrar que ela é um recurso poético típico da poesia moderna, amplamente utilizado em toda a obra do escritor mineiro. Para pensar a ironia nesse contexto, recorro inicialmente ao texto de Ida Ferreira Alves, onde se comenta sobre o caráter crítico da poesia moderna, favorável à presença da ironia:

“A poesia moderna é o Romantismo desromantizado”. E essa ‘desromantização’ é explicada, entre outras facetas, pela negação da ideia de “vate” a partir da progressiva afirmação do poeta moderno com forte consciência crítica em relação à prática poética

---

<sup>156</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 116.

<sup>157</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 129.

configurada como espaço de “trabalho” rigoroso sobre a matéria linguística e de “autorreflexão” constante sobre seus limites criativos.<sup>158</sup>

No trecho acima, percebe-se que a “consciência crítica” será uma marca constante na poesia moderna, incluindo-se aí o trabalho de Carlos Drummond de Andrade. Para exercer a sua consciência crítica, o autor utilizará o recurso da ironia, presente também na obra *Quando é dia de futebol*. Sobre a importância da ironia na obra de Drummond, recorro ao texto do professor e pesquisador da UFMG Marcos Rogério Cordeiro Fernandes, intitulado “O outro como si mesmo: subjetividade e alteridade em Carlos Drummond de Andrade”:

O conceito de ironia remete, em primeiro lugar, a um processo verbal que consiste em exprimir algo com a intenção de dar sentido a algo diverso, encoberto mas não anulado pelo primeiro. Cria-se, assim, o efeito de fundir em um único enunciado aquilo que se diz de modo explícito àquilo que se quer dizer implicitamente. O que se opera aqui é uma certa “inversão semântica” cuja compreensão exige que se atravesse o conteúdo explícito do texto para alcançar seu conteúdo implícito. O funcionamento da ironia, portanto, depende da plenivalência desses dois conteúdos, para assim garantir a aproximação e a sustentação de duas linhas do pensamento até o limite de sua representação.<sup>159</sup>

O conceito de ironia elaborado acima define com precisão o funcionamento dos textos de Drummond sobre futebol e política. A “inversão semântica” se opera quando, ao comentar sobre o futebol explicitamente, ele elabora críticas implícitas ao contexto político da época. O recurso é utilizado principalmente durante o regime militar, quando a censura inibia manifestações mais abertas de oposição e questionamento.

Ainda em relação ao conceito de ironia, Fernandes aprofunda a discussão e amplia a significação desse recurso poético:

Sistematizando, para além de sua definição normativa, podemos compreender a ironia de dois modos: a) a ironia como uma cesura estrutural (fratura interna) na qual dois discursos se sobrepõem de maneira a produzir reflexão em ato; b) a ironia como modo de reunir e organizar dentro de uma unidade fraturada, mas coerente em si mesma, uma massa heterogênea de materiais diversos que vão da arte à filosofia. Esses dois aspectos da ironia (um relativo à enunciação, outro à organização do enunciado e à reflexão sobre ele) realçam seu aspecto formal: a ironia se revela um exemplo muito bem-acabado de metalinguagem, ou para dizer mais propriamente, uma regra de composição rigorosa que desenvolve a reflexão sobre a própria forma da composição.<sup>160</sup>

---

<sup>158</sup> ALVES. A vida da poesia, de Gastão Cruz (resenha), p. 237.

<sup>159</sup> FERNANDES. O outro como si mesmo: subjetividade e alteridade em Carlos Drummond de Andrade, p. 101.

<sup>160</sup> FERNANDES. O outro como si mesmo: subjetividade e alteridade em Carlos Drummond de Andrade, p. 103.

Ao definir a ironia através desses dois modos, Fernandes busca compreender como eles estão diretamente relacionados à poética drummondiana. Por meio de um trecho de José Guilherme Merquior, podemos ter mais clareza sobre como esses dois modos inter-relacionados de funcionamento da ironia estão presentes na obra de Drummond:

As mudanças de ótica em Drummond, poeta-filósofo, são antes devidas à profundidade de seu humor. Drummond é sem dúvida o maior humorista da literatura brasileira depois de Machado de Assis. Ora, como haver humor autêntico sem “pluriperspectivismo”? A faculdade de mudar de perspectiva caracteriza o pensamento humorístico, não em razão de uma qualquer inferioridade lógica em relação ao entendimento sistemático, mas precisamente porque o sistema repugna à inteligência humorista. Carnaval do pensamento, o humor repele a ordem “de mão única” do pensamento de sistema – este logos imperialista que, sob a forma de dialética, chega a apropriar-se da própria contradição, reduzindo por todo lado o diferente ao autêntico.<sup>161</sup>

Percebe-se, assim, que o humor seria o instrumento utilizado para “reunir e organizar dentro de uma unidade coerente em si mesma, uma massa heterogênea de materiais diversos”, visto que esse humor é fruto de um “pluriperspectivismo”, das diversas visões que o poeta faz confluir em seus textos, sendo por isso um ponto fundamental dentro da obra de Carlos Drummond de Andrade. O humor e a ironia funcionam em sua obra, então, como um drible, como um mecanismo para negar a perspectiva única e o congelamento do sentido. Sem recusar a paixão dos brasileiros pelo futebol, ele se furta a endossar seus sentidos ideológicos, colocando-os sob uma perspectiva diferente.

Ainda em relação à presença da ironia nos textos de Drummond, Fernandes nos apresenta uma reflexão sobre o modo como se deu a introdução desse recurso na escrita do poeta:

Essa última tarefa foi levada a um termo por Carlos Drummond de Andrade, mostrando que esse último, desenvolvendo de maneira original e sofisticada a ironia enquanto dispositivo formal (método de composição poética), estava na verdade dando prosseguimento a uma tendência que vinha de antes. Existia, assim podemos dizer, uma precária tradição poética ligada a esse tema, à qual, mesmo sem se referir diretamente a ela, Drummond se filiou e aprofundou. Sua filiação a essa “tradição” não foi por puro gosto pelo tema e não foi uma contribuição a mais; foi sim o tratamento consciente que permitiu trazer os problemas de linguagem poética para o primeiro plano, refletindo pacientemente sobre os procedimentos técnicos necessários para desenvolvê-los. Isso só foi possível graças à renovação estética e ao adensamento cultural promovidos pelo modernismo.<sup>162</sup>

---

<sup>161</sup> MERQUIOR. *Verso Universo em Drummond*, p. 143.

<sup>162</sup> FERNANDES. O outro como si mesmo: subjetividade e alteridade em Carlos Drummond de Andrade, p. 104.

Observa-se, portanto, que o uso da ironia tem uma importância fundamental na poética drummondiana, convertendo-se em um princípio formal de composição que permitia ao escritor elaborar à sua maneira as questões estéticas que o interessavam. Ao mesmo tempo, a ironia se mostra como uma “arma” que o poeta usava para criticar e desafiar posicionamentos políticos. Importante lembrar que, durante o regime militar, vários artistas utilizaram esse mesmo recurso para “driblar” a censura e desafiar a repressão política.

Na crônica “Perder, ganhar, viver”, publicada no *Jornal do Brasil* em 07 de julho de 1982, logo após a derrota do Brasil para a Itália na Copa do Mundo da Espanha, o autor demonstra, de maneira clara, sua posição a respeito do comportamento dos brasileiros diante do futebol:

Eu gostaria de passar a mão na cabeça de Telê Santana e de seus jogadores, reservas e reservas de reservas, como Roberto Dinamite, o viajante não utilizado, e dizer-lhes, com esse gesto, o que em palavras seria enfático e meio bobo. Mas o gesto vale por tudo, e bem o compreendemos em sua doçura solidária. Ora, o Telê! Ora, os atletas! Ora, a sorte! A Copa do Mundo de 82 acabou para nós, mas o mundo não acabou. Nem o Brasil, com suas dores e bens. E há um lindo sol lá fora, o sol de nós todos.

E agora, amigos torcedores, que tal a gente começar a trabalhar, que o ano está na segunda metade?<sup>163</sup>

Ao contrário de outras crônicas, nas quais o escritor utiliza a ironia para criticar o comportamento do cidadão e dos políticos brasileiros, aqui ele aborda o tema de maneira direta. Apesar de grande parcela da população estar lamentando a derrota de uma seleção que era favorita ao título, por seu “futebol de poesia”, o autor, mesmo compartilhando dessa lamentação, argumenta que a vida continua e pede ao povo que volte à normalidade, para que o país não pare de cumprir suas tarefas por causa da derrota. Assim, esta crônica afirma, de maneira direta, o que em outras crônicas o autor afirmava de maneira indireta.

A presença da ironia nas crônicas e poemas de Drummond reunidos em *Quando é dia de futebol*, portanto, coloca em destaque a dimensão crítica desses textos em relação aos fatos que marcaram o contexto histórico e político em que eles foram escritos. Ao mesmo tempo, conecta esses textos com o conjunto da obra do escritor, como um recurso de linguagem e um procedimento de escrita fundamental de sua

---

<sup>163</sup> ANDRADE. *Quando é dia de futebol*, p. 124-125.

poética. A ironia permite ao poeta, ao mesmo tempo, compartilhar a paixão brasileira pelo “futebol de poesia” e se distanciar criticamente de seu uso ideológico e político.

## Considerações finais

Depois de cumprir toda a trajetória que compõe esta dissertação, é pertinente recuperar brevemente os seus passos e tentar articulá-los, explicitando o raciocínio que estruturou minha análise sobre o futebol, sua presença no Brasil e na obra de Carlos Drummond de Andrade.

Inicialmente, elaborei uma visão panorâmica da história do futebol no Brasil, desde a sua chegada ao país, trazido por estrangeiros e jovens da elite brasileira no final do século XIX, passando por sua popularização, marcada pela tensão e pelo conflito entre classes e grupos sociais, até a sua definitiva incorporação à sociedade brasileira, tornando-se um símbolo da identidade nacional. É interessante observar, aí, que essa função de simbolizar a nação foi desempenhada justamente por uma prática cultural trazida do exterior, o que mostra o hibridismo da cultura brasileira e o caráter provisório e construído de nossa identidade, bem como nossa tendência histórica para supervalorizar o que vem de fora. Ainda nesse momento inicial, estudei também a relação entre o futebol e as artes, especialmente a literatura, ao longo do século XX no Brasil, buscando mostrar a relação ambígua dos escritores com o esporte, em função do caráter conflituoso de sua assimilação no país.

Num segundo momento, o objetivo central foi estabelecer e explorar a analogia entre o futebol e a linguagem, a fim de mostrar como o próprio jogo pode ser visto como um “sistema de signos”, o que ajuda a entender e interpretar os significados que ele assumiu ao longo de sua história no Brasil, assim com o papel dos escritores nesse processo. Para isso, foram fundamentais os conceitos de “futebol de prosa” e “futebol de poesia”, elaborados por Pasolini e desenvolvidos por Cornelsen e Wisnik.

Em seguida, busquei estabelecer uma analogia entre os textos de Drummond e a linguagem do futebol, relacionando o conceito de “futebol de prosa” com as crônicas e cartas do autor e o conceito de “futebol de poesia” com os seus poemas sobre o esporte. Destaca-se, aí, o fato de que, mesmo escrevendo textos em prosa, marcados pela linearidade e objetividade da linguagem, Drummond insere neles alguns “dribles” poéticos, que servem tanto para exaltar a plasticidade do futebol e o talento dos jogadores brasileiros quanto para expressar uma visão diferenciada sobre o jogo, em que a ironia, o humor e a crítica desempenham um papel fundamental.

Finalmente, dediquei-me às relações entre futebol e política nos textos de Drummond, observando como o humor e a ironia foram fundamentais para que o autor pudesse criticar o contexto político em que estava inserido, distanciando-se da visão nacionalista e eufórica que marca grande parte da produção literária sobre o esporte no Brasil nesse período. Com esse passo, foi possível ligar os textos de Drummond sobre o futebol com o conjunto da obra do escritor, identificado neles a presença de alguns dos recursos de linguagem que marcam sua produção poética e sua maneira de ver o mundo.

É possível concluir, então, que essa trajetória permitiu analisar as crônicas, cartas e poemas reunidos no livro *Quando é dia de futebol*, demonstrando sua especificidade tanto como uma forma particular de interpretar e recriar a linguagem do jogo por meio da literatura quanto como uma visão diferenciada das relações entre o esporte e a política no Brasil. De modo geral, podemos dizer que, historicamente, essas relações se basearam num procedimento metafórico, por meio do qual o futebol foi visto como uma representação analógica da sociedade e da identidade nacional, de modo a transformar as vitórias no campo esportivo em indícios das virtudes do homem brasileiro e das potencialidades da nação.

Através do recurso à ironia e da sua utilização como modo de construção de seus textos, Drummond ao mesmo tempo incorpora essa visão, compartilhando os sentimentos de paixão e comunhão despertados pelo “futebol de poesia” dos jogadores brasileiros, e se distancia de seu caráter eufórico e de sua utilização ideológica por parte dos políticos e das classes dominantes. Utilizando ironicamente o futebol para falar de política, ele recupera a relação metafórica entre o futebol e a sociedade, mas inverte o seu sentido, elaborando uma forte crítica ao modo como o esporte vinha sendo utilizado pelos políticos para promover uma falsa percepção de sucesso e harmonia da nação. Assim, Drummond é uma voz dissonante, que nos ajuda a compreender as contradições e ambiguidades das relações entre o futebol e a sociedade brasileira.

Assim, termino a minha dissertação com muita alegria e muito alívio. No primeiro caso, esse sentimento se coloca, pois consegui, pelo menos um pouco, discorrer sobre alguns assuntos que permearam a vida de um escritor que, assim como eu, foi um amante do futebol e, ao mesmo tempo, muito preocupado com as questões políticas e sociais que envolvem os nossos tempos. No segundo caso, me sinto aliviado porque, após muito trabalho e pouco tempo, consegui finalizar o trabalho e agora um pouco do que penso e do que sinto, não só sobre o Drummond, mas sobre mim mesmo,

está colocado no papel e registrado pela Universidade Federal de Minas Gerais, um lugar de muito aprendizado e reflexão.

## Referências Bibliográficas

- ABREU, Júlio e ROSA, Mário Alex (Org.). *Pelada poética*. Belo Horizonte: Editora Scriptum, 2013.
- ALVES, Ida Ferreira. A vida da poesia, de Gastão Cruz (resenha). *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 12, n. 23, p. 230-259, 2º sem. 2008.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 41ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A rosa do povo*. 14ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Cadeira de balanço*. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1975.
- \_\_\_\_\_. *Corpo*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Nova reunião*. 4ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Nova reunião*. 5ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013. vol. II.
- \_\_\_\_\_. *Nova reunião*. 5ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013. vol. III.
- \_\_\_\_\_. *O amor natural*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Quando é dia de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Quando é dia de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Sentimento do mundo*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.
- ARRIGUCCI Jr., Davi. *Coração partido – uma análise da poesia reflexiva de Drummond*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- ARRUDA, José Jobson de A.;PILETTI, Nelson. *Toda a História – História Geral e História do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- CANÇADO, José Maria. *Os sapatos de Orfeu: Biografia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Página Aberta, 1993.
- CANÇADO, José Maria. *Os sapatos de Orfeu: Biografia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Globo, 2012.
- CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Unicamp, 1992, p. 13-22.
- CORNELSEN, Elcio Loureiro. “A linguagem do futebol segundo Pasolini: ‘futebol de prosa’” e ‘futebol de poesia’”. *Caligrama: revista de estudos românicos*. v. 11. Belo Horizonte: 2006, p. 171-199.
- CORNELSEN, Elcio Loureiro; FERREIRA, Luciane Corrêa; SILVA, Marcelino Rodrigues da (Orgs.). *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*. v. 6. Belo Horizonte: POSLIT, Faculdade de Letras da UFMG, 2012.
- COSTA, Márcia Regina da; FLORENZANO, José Paulo; QUINTILHO, Elizabeth; D’ALLEVEDO, Silvia Carbone; SANTOS, Marco Antônio S. (Orgs.). *Futebol: o espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora, 1999.

- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura brasileira*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1968.
- DAMATTA, Roberto. “Antropologia do óbvio”. *Revista USP – Dossiê Futebol*. São Paulo, n. 22, jun. 1994, p. 10-17.
- DAMATTA, Roberto. “Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social”. In: DAMATTA, Roberto. *Explorações – ensaios de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 101-120.
- DÍAZ, Luis Alejandro; CASTRO, Julio Paredes. *El fútbol se lee*. Bogotá: Instituto Distrital de Las Artes, 2011.
- FERNANDES, Marcos Rogério Cordeiro. “Outro como si mesmo: subjetividade e alteridade em Carlos Drummond de Andrade”. *Ipotesi*, Juiz de Fora, 2007, v. II, p. 99-112.
- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GLEDSON, John. *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.
- GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira (org.). *Em Tese*. Dossiê: Literatura e Futebol, nº 20, v. 01. Belo Horizonte: POSLIT, Faculdade de Letras da UFMG, 2014.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Comunidades imaginadas”. *Folha de S. Paulo, Caderno Mais!*. São Paulo, 4 jun. 2006, p. 4-5.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- IORIO, Fábio Mário. *Rastros do cotidiano: futebol em versiprosa de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- LABRIOLA, Plínio José. “Construindo a nação: futebol nos anos 30 e 40”. In: COSTA, Márcia Regina da (org.) et al. *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999, p. 214-239.
- LIMA, Luiz Costa. *Lira e antilira (Mário, Drummond e Cabral)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- LOPES, José Sergio Leite. “A vitória do futebol que incorporou a pelada”. *Revista da USP – Dossiê Futebol*. São Paulo, n. 22, jun. 1994, p. 64-83.
- MERQUIOR, José Guilherme. *Verso universo em Drummond*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- NASCIMENTO, Edônio Alves. “Da crônica jornalística ao conto de ficção: o futebol como forma literária”. In: GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira; CABRAL, Cleber Araújo; PAULA, Felipe Oliveira; GODINHO, Josué Borges de Araújo; NETO, João Alves Rocha (Orgs.). *Revista Em Tese: Literatura e Futebol*. nº 20, v. 01. Belo Horizonte: POSLIT, Faculdade de Letras da UFMG, 2014, p. 63-85.
- NAVAS, Adolfo Motejo. *A bola entre as palavras*. São Paulo: Anablume, 2010.
- NETO, José Moraes dos Santos. *Visão de jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

- NEVES, Luiz Felipe Baêta. “Sobre algumas mensagens ideológicas do futebol”. In: \_\_\_\_\_. *O paradoxo do curinga e o jogo do poder e saber*. Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1979, p.1-18.
- PASOLINI, Pier Paolo. “O gol fatal”. *Folha de São Paulo*, Caderno “Mais!”, 6 de março de 2005, p. 4-5.
- PAZ, Octavio. “Prosa e verso”. In: \_\_\_\_\_. *Signos em rotação*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005, p. 11-36.
- PEDROSA, Milton (Org.). *Gol de letra – o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967.
- PEREIRA, Danglei de Castro. “A lírica moderna: diálogos e permanência”. In: *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*. 2012, p. 5-16.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- POMPEU, Renato. *Memórias de uma bola de futebol*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- RODRIGUES, Nelson. *O berro impresso das manchetes*. Rio de Janeiro: AGIR, 2007.
- RODRIGUES FILHO, Mário Leite. *O negro no futebol brasileiro*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- SAID, Roberto. *A angústia da ação: poesia e política em Drummond*. Curitiba: Ed. UFPR; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- SANT’ANNA, Afonso Romano de. *Drummond o gauche no tempo*. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SENA, Tatiana. “A república do futebol: imagens literárias dos primeiros tempos”. In: GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira; CABRAL, Cleber Araújo; PAULA, Felipe Oliveira; GODINHO, Josué Borges de Araújo; NETO, João Alves Rocha (Orgs.). *Revista Em Tese: Literatura e Futebol*. nº 20, v. 01. Belo Horizonte: POSLIT, Faculdade de Letras da UFMG, 2014, p. 25-39.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. “A crônica de futebol: ‘o fato em si vale pouco ou nada’.” In: *Futebol e Cultura – Futebol e arte*. Goethe-InstitutBrasilien, 2012.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. “Cidade esportiva / cidade das letras”. *O Eixo e a Roda* (UFMG), v. 18, p. 179-192, 2009.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. “Futebol Brasileiro, invenção modernista”. In: \_\_\_\_\_. *Quem desloca tem preferência: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura*. Belo Horizonte: Editora Relicário, 2014.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. “Nas margens do futebol, a literatura (e vice-versa)”. In: *Interfaces*. nº. 20, v.01. Rio de Janeiro: Centro de Letras e Artes, UFRJ, 2014.
- VIANA, Carlos Augusto. “Presença do cotidiano e crítica social em Carlos Drummond de Andrade”. In: *O Marrare – Revista de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da UERJ*. nº 12. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

VENTURA, Zuenir. *1968 - O ano que não terminou*: 3ª ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.